IDELETTE FONSECA DOS SANTOS
LINDALVA PATRÍCIO DE MORAIS
MARIA DE FÁTIMA ALMEIDA
RIVALDETE MARIA OLIVEIRA DA SILVA

Antologia Literária da Paraíba

(Livro do Aluno)

segunda edição revisada e ampliada

Editora
GRAFSET

ANTOLOGIA LITERÁRIA DA PARAÍBA

Revisão
JAIRO OSIAS LINS DE ALBUQUERQUE

Capa
MILTON NÓBREGA

Arte final e diagramação
MADSON ROBERTO DE SOUSA

Primeira edição,1986
Segunda edição revisada e ampliada,1993

A 634 Antologia literária da Paraiba / Idelette Fonseca dos Santos...[et al]; prefácio de Luiz Augusto Crispim; introdução de Hildeberto Barbosa Filho. -- 2. ed. rev. e ampl. -- João Pessoa: GRAFSET, 1993.
2 v.
Inclui bibliografia
Conteúdo: Livro de aluno e parte do mestre.
1. Literatura brasileira - Estudo e ensino. 2. Literatura brasileira - Paraíba. 3. Escritores paraibanos. I Santos, Idelette Fonseca dos II. Morais, Lindalva Patrício de. III. Almeida, Maria de Fátima IV. Silva, Rivaldete Maria Oliveira da.

CDU 869.0(81)

ANTOLOGIA LITERÁRIA DA PARAÍBA

Coordenação:
IDELETTE FONSECA DOS SANTOS

Pesquisa e Redação
LINDALVA PATRÍCIO DE MORAIS
MARIA DE FÁTIMA ALMEIDA
RIVALDETE MARIA OLIVEIRA DA SILVA

Prefácio
LUIZ AUGUSTO CRISPIM

Introdução
HILDEBERTO BARBOSA FILHO

Agradecemos a

Verônica de Lourdes Rezende, bibliotecária da Fundação Paraibana do Livro, que nos acolheu com carinho e nos ajudou na pesquisa, localizando obras e referências.

Os pesquisadores que elaboraram os verbetes do Dicionário Literário da Paraíba.

Luiz Augusto Crispim, da Academia Paraibana de Letras, sem o qual este livro não se concretizaria.

Todos os que, autores ou críticos, colegas, estudiosos e amigos, contribuíram à realização e revisão deste trabalho, indicando obras, emprestando livros ou testando a Antologia em sala de aula.

Prefácio à Segunda Edição

A Paraíba é muito mais rica do que pensa. Não há como negar.

Como se não bastassem as grandes fundações do pensamento literário que estão em José Lins do Rêgo, em José Américo, em Augusto dos Anjos, valendo para toda a expressão nacional, a Paraíba ainda mostra ao resto do mundo que sabe ler como ninguém.

É isso. Não basta simplesmente. Faz-se importante cuidar da leitura, parafraseando o autor de *A bagaceira*, ***ler bem não é ler tudo - é ler o que os outros não conseguem ler, sequer nas entrelinhas...***

Nesta obra que transcende os limites pedagógicos da sala de aula, não se encontra apenas a visão contemplativa de quatro professoras entusiásticas, envolvidas com um projeto didático-literário.

Aqui o texto não se escraviza ao estudo impessoal da técnica, sendo elaborado com extremo critério (quase escrevia carinho). Idelette, Lindalva, Fátima e Rivaldete trabalham sobretudo com o compasso binário das emoções combinadas com o estilo. É aí que descobrem a riqueza maior da Paraíba. Já não é uma questão de ler pura e simplesmente. É de enxergar.

Novamente, José Américo com a palavra e com a razão:

- Ver bem não é ver tudo. É ver o que os outros não vêem.

Evidentemente, numa antologia desta dimensão, nem tudo se pode ou se há para ver. Mas o que se enxerga pelos olhos privilegiados das autoras é o melhor que há para ver nesta Paraíba de formas inesgotáveis e cores infinitas.

O propósito das coletâneas e das antologias, certamente, não é ensinar a ler. De alguma maneira, porém, está ligado ao processo aparentemente contraditório de revelação do insondável. No mundo mágico da literatura em particular e das artes em geral, em verdade, tudo é contradição. Abençoada contradição que faz o encanto e o charme da criação.

Tambaú, março de 1993

Luiz Augusto Crispim

APRESENTAÇÃO

Segundo o Dicionário Aurélio, **antologia** é uma "coleção de trechos em prosa e/ou em verso" e tem como sinônimos "analecto, crestomatia, florilégio, espicilégio, seleta, parnaso". Poderia Mestre Aurélio ter incluído também "coletânea", definido neste mesmo dicionário como "conjunto de excertos seletos de várias obras".

O princípio fundador é, em todo caso, a seleção, a escolha dentre um conjunto de obras, daquelas que a história e a crítica literária consideraram como as mais significativas literariamente. Tratando-se da antologia de uma literatura ainda pouco conhecida, a seleção de textos tende também a refletir a busca de valores, os temas prediletos, a consciência de sua identidade. A seleção reflete ainda, inevitavelmente, a concepção da literatura de seus organizadores, privilegiando o autor ou a obra, a época ou o gênero etc.

Para limitar a subjetividade desta escolha, recorreu-se aqui ao amplo levantamento de autores e obras realizado pelos pesquisadores do **Dicionário Literário da Paraíba** para orientar a seleção de textos e, amiúde, aos próprios verbetes já elaborados pelo **Dicionário.** Estes empréstimos ou citações vêm sempre acompanhados da devida referência de rodapé.

Partindo da carência de obras sobre autores paraibanos cujos nomes não se encontram na Literatura Nacional, esta antologia tem como objetivo primordial colocar o aluno frente à realidade literária do seu Estado e conseqüentemente de sua região.

Considerando as dificuldades que professores e estudantes encontram em selecionar bibliografia e familiarizar-se com as obras literárias, articulou-se um trabalho de leitura, compreensão e interpretação de textos, selecionados dentre os autores mais representativos, de acordo com o objetivo de organização temática.

Essa organização temática permite ao aluno uma nova perspectiva de estudo, fugindo assim à tradicional organização por estilos de época ou gêneros literários que fragmentam a literatura, dando uma visão de períodos estanques e impossibilitando a articulação de estudos correlacionados com outras disciplinas

como, por exemplo, História ou Estudos Sociais.

Não houve preocupação, portanto, com a seqüência cronológica dos movimentos literários ou com a classificação das manifestações poéticas e narrativas, *mas* com uma visão geral da produção literária paraibana, colocando-se lado a lado textos modernos e antigos, prosa, poesia, conto ou romance, permitindo assim confrontos fecundos.

A assimilação das características literárias dá-se através da leitura e entendimento do texto, que evidencia, dessa forma, a proposição do tema.

Algumas linhas de introdução precedem o texto antológico, localizando o excerto no livro de onde foi extraído e situando-o tematicamente. Em alguns casos, para evitar o corte gráfico de um poema e manter o seu impacto visual, estas explicações introdutórias foram inseridas após o texto.

Na organização dos capítulos, tomam-se por base as características de cunho regional e universal, propondo um conjunto onde cada parte se encontra integrada no todo, através dos temas e subtemas afins.

Os exercícios propostos estabelecem correlações entre o texto e as demais obras do mesmo autor, sugerindo trabalhos interdisciplinares que ampliam a capacidade criativa do estudante. As sugestões para estudo, encontradas após as atividades sobre os textos, levam em conta as várias possibilidades de leitura que uma obra oferece. As referências bibliográficas dos autores estudados possibilitam ao aluno caracterizar o autor e a sua obra no tempo e no espaço.

Este trabalho não tem a pretensão de ser uma obra ideal e perfeita. Ele é apenas um caminho aberto, um roteiro. A Antologia já foi experimentada em sala de aula, após a sua primeira edição, pelas autoras e por outros docentes, inclusive na Universidade Federal da Paraíba. Consertos e acertos foram sugeridos e incluídos nesta segunda edição que foi objeto de uma cuidadosa revisão, com reelaboração parcial e inclusão de novos textos e autores.

Se a descoberta da obra e do seu autor, através do trecho curto, do excerto escolhido, incitar professores e alunos a prosseguir, a ler a obra inteira para usufruir do prazer da leitura, então poder-se-á afirmar que a **Antologia Literária da Paraíba** atingiu plenamente os seus objetivos.

As autoras

As autoras

Idelette Fonseca dos Santos, francesa **nordestinada,** Doutora em Letras e Ciências Humanas, Professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do projeto "Dicionário Literário da Paraíba".

Lindalva Patrício de Morais, natural de João Pessoa, formada em Direito e Filosofia, Mestre em Literatura Brasileira. Professora de Português em colégios da rede estadual durante 28 anos. Hoje Professora da Universidade Católica de Brasília (D.F.).

Maria de Fátima Almeida, natural de Lastro, formada em Direito e Letras, Mestre em Língua Portuguesa. Foi professora de Português da rede municipal e estadual e hoje leciona na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Rivaldete Oliveira da Silva, natural de Pedras de Fogo, formada em Letras e Mestre em Literatura Brasileira. Professora da rede estadual e escolas particulares, bem como dos Institutos Paraibanos de Educação (IPÊ).

SUMÁRIO

PARAÍBA E LITERATURA: uma breve introdução

(*) Hildeberto Barbosa Filho

As manifestações literárias da Paraíba se situam naturalmente dentro do quadro geral das produções culturais do nosso Estado, em toda sua trajetória histórica.

Como a noção de **literatura** é bem mais restrita que a de **cultura**, algumas considerações se impõem no texto deste sumário.

Genericamente conceituamos **cultura** como a própria prática do fazer humano, em todas as áreas do conhecimento, sendo, portanto, algo indispensável à vida do homem em sociedade. A **literatura**, por sua vez, compreende uma das múltiplas manifestações culturais do ser humano. Manifestação artística que exige, enquanto **sistema** organizado de expressão de uma comunidade, determinados fatores de ordem social, a fim de lhe garantir a existência e a durabilidade. Para que ela se constitua não só como puro fenômeno cultural, mas como um **sistema**, são necessários, portanto, três fatores básicos: 1. um grupo de autores produzindo sistematicamente; 2. um conjunto de obras e 3. a participação de um público leitor.

Ora, tais requisitos somente se viabilizam em termos de Paraíba, precisamente nos anos 20, em virtude de algumas condições mais ou menos favoráveis à vida literária.

Dentre elas, não podemos deixar de registrar o incentivo à prática artística e, especialmente, à prática literária, proporcionado pela administração do então

(*)Hildeberto Barbosa Filho é poeta, crítico literário e professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal da Paraíba. É autor de: **A Convivência Crítica, Aspectos de Augusto dos Anjos** e **Ascendino Leite: a Paixão de Ver e de Sentir.**

Presidente Solon de Lucena; o papel de crítico e animador cultural do poeta e romancista Carlos Dias Fernandes, à frente de A UNIÃO, jornal que tem servido, ao longo da história paraibana, como o celeiro das melhores representações do jornalismo, da crítica, da crônica, da poesia e da ficção, através, particularmente, de Suplementos, como A UNIÃO NAS LETRAS E NAS ARTES e CORREIO DAS ARTES; o próprio espírito e efervescência cultural e artística por que passava o Brasil em função das postulações do Modernismo paulista, com repercussões nas mais longínquas regiões do país. E, na Paraíba, sem dúvida.

Estas causas, entre outras, serviram de fermento no sentido de dinamizar e enriquecer as nossas manifestações literárias, inseridas efetivamente no corpo geral da Literatura Brasileira.

Mesmo considerando a excepcional figura poética de Augusto dos Anjos, com sua revelação em 1912, e o surgimento de outros autores, desde a segunda metade do século passado, o momento de "pique", de definições, de rumo e de aparição de nomes que vão transpor as limitadas fronteiras do nosso Estado, ocorre justamente naquele período pré-revolucionário.

A própria poesia de Augusto dos Anjos, reunida no **Eu**, só recebe os devidos aplausos do público e o reconhecimento da crítica a partir dos anos 20, com a sua segunda e a terceira edição.

Marcada pela originalidade e pelo tom macabro, a poesia do "Pau d'Arco" esteve acima da sua época. Isolado na sua maneira peculiar de extravasar seu sentimento lírico, Augusto dos Anjos significa a primeira e grande manifestação de rebeldia face aos códigos tradicionais de expressão poética. Criador de uma poesia plural, sentida, dissonante, o poeta não buscou seguir os padrões de nenhuma "escola", preferindo mesclar os seus elementos, subvertê-las em suas propostas, e sabotá-las, no afã de uma linguagem original. Lograda e infinitamente imitada por discípulos nem sempre dignos do mestre!

Ao redor desta estrela de primeira grandeza da poesia paraibana, algumas vozes merecem ser lembradas, pois, em certo sentido, formam o sustentáculo da nossa lírica, numa fase hoje esquecida. Entre os românticos, destacam-se: Rodrigues de Carvalho, Américo Falcão, Eliseu César, Manoel Sabino Batista e Osório Paes; entre os parnasianos: Mauro Luna, Guimarães Barreto e Raul Machado; dos simbolistas merecem citação os nomes de Silvino Olavo, Pereira da Silva e, de certo modo, Carlos Dias Fernandes; ao Modernismo se mostraram relativamente sensíveis poetas como Perilo D'Oliveira, Eudes Barros, Sinésio Guimarães e Eduardo Martins.

O conjunto das obras destes autores forma as bases de nossa lírica, estimulando um veio a que afluíam a tradição sentimental e o gosto pela linguagem discursiva, retórica, refletida na febre do soneto, predominante até mais ou menos a década de 50. Neste ínterim, se exibem poetas como: Félix Araújo, Eurícle-

des Formiga, Jansen Filho, Osíris de Belli, Leonel Coelho, Eudésia Vieira etc...

Os anos 20 ainda foram responsáveis pelo melhor que tivemos (até hoje) em termos de prosa de ficção.

Com José Américo de Almeida e José Lins do Rego, nos colocamos na vanguarda do regionalismo modernista, enraizando toda uma tradição do romance social, fundado numa perspectiva crítica e de denúncia face às estruturas arcaicas e opressivas em que vivia (e vive) o homem do campo.

Com José Américo, particularmente em ***A bagaceira,*** aborda-se a problemática da seca e da migração, entremeadas com os dramas sócio-psíquicos do ambiente do eito. Neste romance, considerado por Tristão de Ataíde o "marco do modernismo brasileiro" na ficção, José Américo cria uma das mais singulares personagens da nossa tradição narrativa: Soledade, figura feminina que continua, certamente, a estirpe das Capitus.

José Lins do Rego, com ***Menino de Engenho*** e com todos os romances que compõem o chamado "Ciclo-da-Cana-de-Açúcar", documenta, num estilo vivo, dinâmico, direto, a decadência dos engenhos, devorados numa voragem econômica que os faziam de "fogo-morto", dando lugar às usinas, numa verdadeira e fatal substituição dos espaços econômicos. Ao documento social da zona canavieira alia a agudeza psicológica na captação dos dramas humanos, como se faz exemplo magistral o romance ***Fogo-Morto***, sem dúvida a criação mais elaborada da lavra de José Lins do Rego.

Seguindo as trilhas traçadas por esses autores, vão se notabilizar os nomes de Alírio Wanderley, José Vieira, Permínio Asfora, Ernani Sátiro, Plínio Bastos, Chico Pereira, Ivan Bichara, Manoel Otaviano, Luiz Gonzaga de Oliveira etc... E, de certa maneira, renovando a linhagem sertanista da narrativa, a figura do dramaturgo e romancista, Ariano Suassuna.

Entre os anos 50 e 60, a nossa produção literária sofre uma profunda reviravolta. Alguns jovens autores, insatisfeitos com a prática tradicional e, ao mesmo tempo, incentivados pelas diretrizes das vanguardas nacionais, procuram construir uma expressão artística mais atualizada, mais inovadora, tanto no âmbito da ficção como sobretudo no âmbito da poesia. Surgem alguns "grupos", como a **Geração 59**, o **Sanhauá**, o **Caravela,** entre outros, em função dos quais se tenta a produção de uma literatura nova, mais visível nos textos de Vanildo de Brito, Jomar Morais Souto, Sérgio de Castro Pinto, Marcos Tavares, Geraldo Carvalho, Adalberto Barreto, Maria José Limeira, Archidy Picado, Marcos Vinícius, Jurandy Moura, Marcos dos Anjos, Anco Márcio, Eulajose Dias de Araújo etc.... Em Campina Grande, convém destacar a presença do poeta Figueiredo Agra.

Por esta época se desenvolve também uma consciência crítica, retomando uma velha tradição que vinha de João Lélis, Alcides Bezerra, Eudes Barros, Álvaro de Carvalho, Ascendino Leite, Demócrito de Castro e Silva, Flóscolo da

Nóbrega, Luiz Pinto, embora com espírito novo, mais ou menos assessorada pelos conhecimentos literários e estéticos. Nomes como os de Juarez da Gama Batista, Virgínius da Gama e Melo, Luiz Augusto Crispim, Wilton Veloso e, mais recentemente, Gemy Cândido, Hildeberto Barbosa Filho e Elizabeth Marinheiro, não devem ser omitidos.

No gênero da crônica, a Paraíba tem uma longa tradição. Se nomes como Ascendino Leite (também romancista e diarista de mão cheia), Lopes de Andrade, José Américo, Carlos Romero, Higino Brito, entre outros, representam a tradição, Gonzaga Rodrigues, Luiz Augusto Crispim, Nathanael Alves, Evandro Nóbrega, manifestam o que há de mais equilibrado na atualidade. Isto, sem contarmos com o articulismo literário e filosófico de um Osias Gomes, figura legendária e eclética que nos deu um romance, como ***Estertor,*** e um livro de Memórias, como ***Baruque.***

Afinal, das novas gerações, garimpando o terreno da poesia e da ficção, temos uma pluralidade de autores. Entre muitos, podemos destacar: Waldemar Solha, Polfbio Alves, Ricardo Soares, José Leite Guerra, Bráulio Tavares, Antônio Morais de Carvalho, Carlos Tavares, Aldo Lopes, Águia Mendes, Arland de Souza Lopes, José Antônio Assunção etc... Todos tentando palmilhar sua própria independência literária, através de um ofício constante em favor da modulação de suas respectivas obras.

É óbvio que um sumário desta natureza, introdutório e panorâmico, implica na omissão de nomes, uma vez que possuidor de uma finalidade mais exemplificativa do que exaustiva. Por isso mesmo, sugerimos, aos interessados numa visão mais ampla e mais completa da produção literária da Paraíba, a consulta ou leitura das obras indicadas na bibliografia comentada, no final da presente edição.

UNIDADE I

O MUNDO RURAL

1 – A Terra

2 – O Homem

3 – A Cultura

1 — A TERRA

1.1 — NOITE NO CAMPO

Raul Machado

O texto abaixo tem como cenário a natureza. A técnica de abordagem do assunto é a descrição. O poeta tem preocupação com a forma e sua poesia obedece a estrutura clássica do soneto, isto é, duas estrofes de quatro versos e duas de três versos.

Noite. O açude lá em baixo é um espelho de prata
Fulge. E as jóias de luz que a noite rica encerra
No côncavo cristal do céu na minha terra
O plano refletor da água mansa retrata.

Muito triste a cismar, [illegible]a, insone e abstrata,
Noiva doente, arrastando um véu alvíssimo erra...
Roça com as pontas dele o píncaro da serra
Solta-o por sobre o vale e distende-o na mata

Ninguém desperto! Eu só! E a ronda de astros pondo
Sentido no céu! ...Eu só! com o olhar perdido pelas
Consteladas regiões, a alma da noite sondo!

Que fecunda poesia infunde o luar nos campos!
Como deslumbra à vista o fogo das estrelas
E a chuva de Danal viva dos pirilampos!

(MACHADO, Raul. *Água de Castália.* Rio de Janeiro: s.e. 1964. p.78)

ESTUDO DO TEXTO

1 - A utilização de imagens visuais da natureza criando um quadro é uma tentativa de aproximar a arte da palavra à pintura. Leia atentamente o texto e mencione algumas dessas imagens.
2 - Observe que os finais dos versos dos dois quartetos são com a letra **a.** O primeiro verso rima com o quarto, e o segundo, com o terceiro. Que nome tem esse tipo de rima? Exemplifique.
3 - O autor inicia o poema com a palavra **noite** e coloca um ponto logo após. Por quê? Explique.
4 - A forma verbal **fulge** está completando o pensamento do verso anterior. Que nome tem este processo de construção poética?
5 - No soneto, os dois quartetos fazem a apresentação do tema. O primeiro terceto é o ponto alto do poema porque nele está expressa a idéia central. Indentifique-a.
6 - O último terceto funciona como conclusão. É a "chave de ouro" do soneto. Qual é essa conclusão?
7 - Na elaboração da linguagem, o poeta se utiliza de figuras muito expressivas. Qual a figura utilizada para a lua?
8 - Leia a segunda estrofe e explique o sentido em que foi empregada a forma verbal **erra**, em relação à lua.
9 - Na primeira estrofe o poeta emprega uma figura para o açude. Transcreva-a.
10 - O poeta parnasiano usa comparações entre divindades da mitologia grega. Utilizando-se desse recurso, Machado se refere a alguma divindade no poema?
11 - Os parnasianos, por se preocuparem demasiado com descrições da paisagem, esqueciam-se dos dramas do ser humano. O homem aparece apenas como um ser extasiado ante o espetáculo magistral da natureza. Em que estrofe o poeta deixa transparecer isso?
12 - O texto é muito rico em adjetivos. Relacione-os aos substantivos a que se referem.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Redação: A Lua e o Homem Moderno.
2 - Comparar o texto lido com o poema da fase Modernista, "O homem no pranto" de Marcus dos Anjos, nesta Antologia

Raul Machado (*1891 +1959)

Filho de Taperoá, fez seus estudos secundários na capital do Estado, formando-se em Direito pela Faculdade de Recife.

Bastante interessado pelos assuntos de caráter jurídicos, procurou contribuir, neste ramo do conhecimento humano, com uma série de estudos teóricos, firmando seu nome como jurista. Nesse campo publicou: *Pelo Abolicionismo da Arte;* e *A Dança das Idéias.*

Como poeta, tem uma obra extensa: *Cristais de Bronze, Água de Castália* (1919), *Asas Aflitas* (1924), *Pássaro Morto, Poesias, A Lâmpada Azul do Sonho, Asas Libertas* (1950) e *Cantos sem Glória.*

"Sua poesia, em que pese a presença fria do descritivismo detalhista, não foge ao timbre reflexivo das motivações existenciais e até mesmo metalingüísticas".(1)

A obra de Raul Machado apresenta traços parnasianos como a objetividade da linguagem e a perfeição formal.

(1)*Dicionário Literário da Paraíba* (verbete)As informações biográficas deste e demais autores desta Antologia são oriundas dos verbetes do Dicionário Literário da Paraíba, organizado por Idelette Fonseca dos Santos (ver bibliografia)

1.2 — O PAU D'ARCO AMARELO

Mauro Luna

O poema reflete o entusiasmo do poeta ante a paisagem de sua terra. No cenário de deserto devastado pela seca, o pau-d'arco se enche de flores fazendo sonhar o homem: é uma imagem que traz esperança e alento. O amarelo de suas flores contrasta com a cor cinzenta do cenário.

Sobranceiro, a ostentar o fúlgido diadema,
Ei-lo, saudando o sol, na vastidão deserta!...
Quem já viu, no escampado, um mais formoso poema;
Tão lindo que do artista as emoções desperta?...

Emblema da ansiedade e da beleza emblema,
Árvore secular, de flores recoberta,
Embora, ante a intempérie, algumas vezes trema,
Tem, nas flores gentis, uma divina oferta!...

E quando o astro da noite, em êxtase, flutua,
O pau-d'arco recebe os ósculos da lua,
Balançando de manso, a cabeleira em flor...

Na sua coma ondeante, abriga a passarada...
E põe, na insipidez da terra abandonada,
Uns resquícios de sonho e uns sussurros de amor!...

(LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo.* Campina Grande: Comissão Cultural do Centenário-Prefeitura Municipal, 1964. p. 15)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Na primeira estrofe, o poeta faz a apresentação do pau-d'arco. Retire do texto o verso que comprova esta afirmativa.

2 - Para o poeta, o pau-d'arco, em si, já é um poema. Comente esta afirmação.

3 - Explique o verso:
"Na sua coma ondeante, abriga a passarada..."

4 - Nos dois quartetos, o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo com o quarto. Nos tercetos, o primeiro verso rima com o segundo. Como se chamam esses tipos de rima?

5 - É visível no poema a predominância de elementos concretos. Relacione alguns destes termos. Relacione também os termos abstratos.

6 - O poeta utilizou o recurso de figuras de linguagem para tornar mais belo o poema. Que figuras temos nas expressões: "astro da noite", "ósculos da lua", "cabeleira em flor"?

7 - Veja este verso:
"Tão lindo que do artista as emoções desperta?..." Note que do modo como a oração está construída o sentido fica obscuro. Coloque-a na ordem direta.

8 - A vírgula tem muitas funções na frase: separar orações coordenadas, isolar o aposto explicativo, o vocativo, o adjunto adverbial. Em qual desses casos está o emprego da vírgula do terceiro verso da primeira estrofe?

9 - Quais os adjuntos adverbiais existentes no poema?

10 - Há indícios, no poema, de que a terra onde habita o pau-d'arco é seca. Que expressões nos levaria a esta conclusão?

11 - Pela temática e pela linguagem do poema, podemos classificar o poeta como romântico. Comprove com citações do texto essa afirmação.

SUGESTÕES PARA ESTUDO:

1 - Ordem direta e ordem inversa.
2 - Pontuação.
3 - Redação: Descrição de uma paisagem.

Mauro Luna (* 1897 + 1943)

Filho de Baltazar de Almeida Luna e Maria da Cunha Luna, nasceu em Campina Grande, em 1897. Fez o curso primário no Colégio São José, destacando-se como redator de um semanário desta escola, "A Razão". Em 1924, reuniu todos os seus versos num volume e o publicou com o título *Horas de Enlevo,* obra que o consagraria nas letras paraibanas. Foi professor do Colégio Imaculada Conceição e Pio XI em Campina Grande.

Eleito para uma cadeira na Academia Paraibana de Letras, não chegou a tomar posse. Sua produção artística é fortemente influenciada pelo ambiente em que viveu, refletindo traços do estilo parnasiano, principalmente da lírica de Olavo Bilac.

Além de recriar poeticamente a natureza, exaltando a terra, a seca e a paisagem, Luna tematiza as esferas da solidão individual e das angústias subjetivas, sem cair no pieguismo romântico ou simbolista.

1.3 — A MORTE DO JAMBEIRO

Luiz Augusto Crispim

O livro, de onde o texto abaixo foi extraído, é uma coletânea de crônicas escritas num estilo agradável, sóbrio e pessoal. São comentários de fatos do cotidiano que marcaram a sensibilidade do autor e são expressos numa linguagem coloquial e comunicativa. Páginas líricas em que o autor procura, como verdadeiro mestre da arte, o lado significativo das coisas triviais. Sua prosa é marcada por simplicidade e precisão que não chegam a prejudicar o poético que sobressai do texto.

No texto vemos o cronista preocupado com o que já se constituiu hábito nas grandes cidades: o de derrubar árvores para edificar grandes blocos de cimento armado. Verdadeira agressão à natureza para a satisfação de uma pretensa civilização que, com cimento e cal, vai tirando ou diminuindo o oxigênio tão necessário à vida. O autor, no texto, procura contrapor o poético e lírico ao utilitário.

Morávamos numa floresta pública. Um próprio municipal copado e clorofilado, cuja designação ignoro na linguagem burocrática. Sei bem dos eucaliptos que faziam toda a rua recender à infância. Ontem, a engenharia sentenciou a morte de um pequeno jambeiro no fundo do quintal e foi como se tivéssemos abatido um bosque inteiro.

Já não somos tão exigentes. Bastava-nos a sombra do jambeiro, sua penugem vermelha num tapete modesto e o gosto provinciano da colheita no que era de meu. Mas era somente um gosto que arrancamos pela raiz, para que não comprometesse as fundações da casa. No lugar da ramagem, ficou uma ausência triste (como todas as ausências) parada no ar.

O bem-te-vi que bicava os frutos todas as manhãs atravessou o vazio plantado no lugar do jambeiro e pousou no beiral, como se

Luiz Augusto Crispim (1945)

Luiz Augusto Crispim nasceu na cidade de João Pessoa. Muito jovem, inicia suas atividades intelectuais no jornalismo, destacando-se pela constante preocupação em registrar situações do cotidiano numa linguagem simples, flexível e caracterizadora da cor local. Ainda universitário ganha, com um ensaio sobre *Os Sertões*, o prêmio Euclides da Cunha, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura. Como Profissional da imprensa, atuando na revista VISÃO, foi distinguido com o prêmio ESSO de jornalismo de 1975. Na crônica, gênero em que se firmou como escritor, revela um estilo conciso, entremeado de comentários críticos entre o humor e a ironia, o lirismo e o desencanto. Como crítico literário, segue a linha sociológica, procurando mensagens que façam do texto um testemunho crítico da realidade social e política. Seu primeiro livro, *Por uma Estética do Real*, são ensaios que comprovam esse caráter participante de sua obra. *O Arco e Fonte*, coletânea de crônicas publicadas nos jornais O NORTE e A UNIÃO, espelha, ao lado de *Notas do Meu Lugar* de Gonzaga Rodrigues, o estágio brilhante que atingiu o gênero da crônica na Paraíba. Sem dúvida, ambos inscrevem-se, sem favor, entre os melhores cronistas do Brasil. Nos últimos anos, Crispim manteve uma coluna diária no jornal O NORTE e exerceu cargos importantes no setor cultural. É também professor na Universidade Federal da Paraíba e membro da Academia Paraibana de Letras.

Publicou: *Por uma Estética do Real* (1969); *O Arco e a Fonte* (1975); *Poemas da Estação* (1981); *Os Pecados da Tarde* (poemas, 1984); *Delitos da Glória* (ensaios, 1985); *As Artes da Paixão* (crônicas, 1985).

1.4 — BRIÁRIO E CENTÍMANO

Carlos Dias Fernandes

Palma de Acanthos, livro de onde foi extraído o poema, data de 1917. São poesias em que o autor atinge maior equilíbrio entre a linguagem e o conteúdo, assemelhando-se aos simbolistas da época. Seus poemas revelam preocupação com a metafísica e com o mistério, procurando uma resposta para as angústias e inquietações do ser humano.

Ao caro Orris Soares, confidencialmente.

Solitário coqueiro miserando,
Que as tormentas não deixam sossegar!
E, de contínuo, as palmas agitando
Pareces um vesânico a imprecar.

Desgraçada palmeira, como e quando
Irão teus pobres dias acabar;
E com eles o teu destino infando
De cativo da Terra ao pé do Mar?

Hemos conformes nossos tristes fados.
Tu, gemente Briaréu dos vendavais
Eu, Centímano de cem mil cuidados.

Um retorcido aos ventos outonais
Outro com os seus anelos sossobrados...
Nem sei qual de nós dois braceja mais!

(FERNANDES, Carlos Dias. *Palma de Acanthos.* Paraíba: Imprensa Oficial, 1917. p.13)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Nos versos ímpares, até o primeiro terceto há identidade na rima, dizemos que a rima é toante ou soante. No último terceto, porém, há uma ruptura: a rima se dá numa palavra oxítona e num monossílabo tônico. Quais são essas palavras?
2 - Nos versos pares dos dois quartetos, as palavras que rimam terminam em ar. Quais são elas e como se classificam quanto à sílaba tônica?
3 - As rimas dos dois quartetos têm este esquema: **a b a b.** Como se denomina esse tipo de rima?
4 - Para dar sonoridade aos versos o poeta valeu-se de um recurso muito utilizado pelos simbolistas que consistia na insistência do emprego de determinada vogal cujo som produzia um efeito musical. Que vogal predomina nos dois quartetos? E nos tercetos?
5 - A linguagem do poeta é ambígua. Empregou vocábulos preciosos, isto é, termos de difícil compreensão. Retire do texto todos os termos que você desconhece e veja no dicionário o que significam.
6 - No poema há um emissor e um destinatário que aparecem expressos por dois pronomes. Quais são e o que representam?
7 - A última estrofe é o clímax do poema. Que palavra do último verso representa a imagem símbolo que motivou o poema?
8 - Nos dois tercetos o poeta traça um paralelo entre ele e o coqueiro. Transcreva as frases que se referem ao poeta e as que se referem ao coqueiro.
9 - O que foi tomado como símbolo no coqueiro?
10 - O tom do poema é pessimista. A vida é considerada como uma luta sem glória. Comprove essa afirmação com citações do texto.
11 - Com que expressão o poeta se refere ao seu destino e ao destino do coqueiro?
12 - No seu pessimismo, o poeta se dirige ao coqueiro usando uma série de sintagmas nominais. Exemplifique.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Recursos expressivos de natureza melódica.
2 - Pesquisa: A estética simbolista.
3 - Redação: Escrever um poema sobre a natureza.

Carlos Dias Fernandes (* 1874 + 1942)

Nasceu em Mamanguape onde estudou as primeiras letras e manifestou suas tendências para a arte literária. Homem de espírito irrequieto e comportamento irreverente, viajou quase todo o país, exercendo a profissão de jornalista e desenvolvendo suas aptidões artísticas. Em 1912, depois de concluir o curso de Direito no Recife, resolve visitar a Europa, demorando-se na Itália, lugar onde escreveu *A Renegada*.

No governo de Castro Pinto, foi convidado para dirigir A UNIÃO e ativar a vida cultural na Paraíba. Como jornalista, revelou-se inovador, aproveitou técnicas modernas na diagramação e na paginação dos jornais, sendo responsável pelas suas reportagens.

Sua produção literária é muito variada: foi poeta, romancista, crítico e cronista. Sua ficção, vinculada ao naturalismo, apresenta uma certa dispersão temática e uma linguagem envelhecida. Como poeta, situa-se entre os simbolistas, embora apresente traços da cultura greco-latina e do rigor formal parnasiano. Apesar dessa grande versatilidade, foi a poesia que o preocupou durante a vida inteira. Em seus poemas perpassa certo apego às angústias e aos mistérios do transcendental e do inconsciente.

Publicou:

Poesias: *Palma de Acanthos* (1901), *Solaus* (1902), *Vanitas Vanitatum* (1906), *Canção de Vesta* (1908), *A Walfredeida* (1915), *Miriam* (1920), *O Livro das Parcas* (1921), *Sansão e Dalila* (1921), *Terra da Promissão* (1923), *Rezas Cristãs* (1937), *Sesta Brasílica* (1938), e *Sesta Nostra* (1948).

Ficção: *A Renegada* (1908), *Os Cangaceiros* (1914), *O Algoz de Branca Dias* (1922), *A Vindicta* (1931) e *Fretana* (1936).

1.5 — A SECA

Permínio Asfora

O texto revela uma das características do autor: o de perscrutador de dramas burgueses. O personagem Gilberto, proprietário arruinado devido à longa estiagem, é obrigado a fugir da terra.

A obra retrata uma das maiores mazelas sociais do Nordeste: a fuga do homem que, embora amando sua terra, é acossado pelas condições adversas do ambiente e a constante luta pela sobrevivência.

É também uma denúncia da exploração dos trabalhadores pelos proprietários, da dureza com que eram tratados os pobres miseráveis em oposição à benevolência concedida aos que tinham melhores condições.

Fim de agosto. E desde o meado de julho não caía uma gota d'água. O algodão ia perdendo as flores. E o sol, bárbaro, queimava as tenras folhas novas dos algodoais, que ficavam amarelecidas.

Com aquela última estiada, a transformação fora radical. Gilberto, vendo que a sorte o castigara impiedosamente, passava o dia cismando, sentado no alpendre. Olhava em frente, de lado, e tudo claro com aquele vento soprando forte e quente. Mormaço de verão. Não se tinha dúvida, estava declarado o verão. Não havia mais esperança de nada. E aquela maldita impressão? Quando o deixaria em paz, aquele fatalismo miserável? Os irmãos não estavam prosperando? Por que somente ele havia de ser castigado? Gilberto parecia ler em cada lugar para onde se virasse, escrito em caracteres de fogo, que havia de terminar como Zé Luís. Precisava tirar aquela impressão da cabeça. Não era cúmplice como os irmãos foram. Mesmo que fosse que era que tinha? Não conhecia tanta gente por ali, por fazendas vizinhas, que faziam pior? Gilber-

to invocava tudo aquilo de memória; mas sentia uma coisa pesando na consciência. Nunca falara a ninguém, senão muito ligeiramente à mulher; mas estava vendo que do jeito que ia marchando, terminaria na miséria. O gado estava quase no fim. Possuía algumas cabeças que mal dariam para sustentá-los uns meses. Mandaria buscar a filha que estava no Colégio das Neves. Do que iria viver? O algodão traíra-o miseravelmente. O foro dos moradores estava sem coragem de cobrar. Um ou outro, poderia pagar. Mas daqueles que a lagarta não tivera compaixão, que havia de fazer? Não, não devia mais castigar uns miseráveis daqueles que viviam com a barriga pregada no espinhaço.

Aí, voltava-lhe à mente a história do caboclo. A família tinha espoliado Zé Luís e ele tinha concorrido para o crime. Aproveitavam-se, porque o rapaz era um miserável, um enganadiço. Para com o advogado, era aquela covardia. Ninguém se atreveu a enganar. Pagariam o preço que o advogado quisesse. Indiscutivelmente precisava vender a propriedade. A primeira promissória ia-se vencer no próximo mês. Não havia esperança de nada. Portanto uma prorrogação era injustificável. A solução era vender a propriedade. A fortuna estava reduzida às terras e àquelas poucas reses. Via terras por perto das suas, vendidas por preços consideráveis.

Mas estava disposto a vender as suas mesmo barato.

Foi à casa de Augusto sondar o preço que o irmão queria dar pela propriedade. Venderia e iria para bem longe. Um lugar muito distante, onde não soubesse nunca mais notícias de ninguém de Rio Bonito, de Sapé.

Estava com medo da morte. Podia ser que tivesse de ir para o hospital. Não queria ir para o hospital da Paraíba. Talvez tivesse o mesmo fim do caboclo. Morresse na mesma cama.

(ASFORA, Permínio. *Sapé*. Curitiba: Guaíra, 1940. p. 259-261.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - O narrador não menciona a palavra seca. Transcreva as citações que justificam o título dado ao texto.
2 - O personagem Gilberto é um homem atormentado por uma: "maldita impressão", está preso a um "fatalismo miserável". Descubra no texto qual era esse fatalismo.
3 - Há no texto uma denúncia de exploração do trabalhador rural pelo proprietário. Retire as citações que comprovam esta afirmação.
4 - "Possuía algumas **cabeças** que mal dariam para sustentá-los" uns meses". A que se refere a palavra **cabeças?** Que figura de linguagem esse caso encerra?
5 - Observe este exemplo: "O algodão traíra-o miseravelmente". O algodão é um ser inanimado e como tal não pode trair, pois essa é uma característica do ser humano. Que figura de linguagem foi utilizada? Há outro exemplo no texto? Cite-o.
6 - O narrador para dar maior dramaticidade à narrativa recorre ao exagero ou hipérbole. Descubra no texto e transcreva-o.
7 - De quantos parágrafos é formado o texto?
8 - O narrador utiliza uma linguagem clara, ao nível da língua falada pelo povo, em que os termos da oração nem sempre obedecem às normas gramaticais. Observe o exemplo: "O foro dos moradores estava sem coragem de cobrar". Como ficaria esta oração na ordem direta?
9 - Localize no texto o **tempo** e o **espaço,** objetos da narrativa.
10 - Qual o foco narrativo do texto?
11 - Observe a expressão: "estava declarado o verão". Não lhe parece muito forte "declarar", em referência a início de uma estação? Que lhe sugere esta expressão?
12 - Analise sintaticamente: "venderia e iria para bem longe."

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Figuras de linguagem.
2 - Pontuação.
3 - Ordem inversa e ordem direta (colocação dos termos da oração).
4 - Tempo e espaço.

Permínio Asfora (* 1913)

Natural do Piauí, exerceu toda a sua atividade intelectual na Paraíba. Estreou nas letras com o romance **Sapé**. Sua produção literária é acentuadamente regionalista, preocupando-se com problemas sociais e políticos.

As características mais marcantes de sua obra são: técnica segura, domínio da linguagem, narrativa densa, pintando os tipos e o ambiente com o colorido e as condições da terra.

Sapé, livro de onde foi extraído o texto, romance considerado regionalista, focaliza a dureza da vida do nordestino, castigado pela seca, ameaçado de ficar na miséria, e dessa situação não vê possibilidades de mudanças, a não ser viajar sair como retirante; ou acomodar-se, entregar-se ao fatalismo do mundo que o envolve.

Além de *Sapé* escreveu: *Noite Grande, Fogo Verde, Vento Nordeste* e *O Amigo Lourenço.*

2 — O HOMEM

2.1 — A FOME E O TRABALHO

Alírio Wanderley

O texto retrata o ambiente do sertão num ano de seca. É uma denúncia social em que a falta de chuva é colocada como responsável pela fome e demais problemas que corroem o caráter e o físico do nordestino. Filho do sertão paraibano, o autor conviveu com esses problemas, podendo falar deles com conhecimento de causa. Sente-se a influência naturalista que considera o meio como determinante do destino dos homens.

O sol tramontava; cortavam o Cascavel, abaixo do Tanjulá, de face para o talude do Tigre e olhavam, à direita e à esquerda da estrada a montante e a jusante do riacho, os algodoais esfoliados e cinéreos que bracejavam pelas ribanceiras. Pequenos pingentos castanhos, pendiam dos restos dos limbos das suas folhas as primeiras crisálidas do alabama argiláceo. Um velho alto, de chapéu de carnaúba, deixou quatro rapazes onde estavam, curvados sobre enxadas, e avizinhou-se dos cavaleiros.

– Nenhum de nós tem fogo aqui - queixou-se; e pediu fósforos.

Ururaí reconheceu-o:

– Como vai, seu Bezerra?

– Laborando com fome. Olhe, hoje, bebemos um caldo de feijão. Água e sal, moço; mais nada. E o roçado, esta beleza, é como vê, não dá nem esperança à gente. Não sei mesmo o que será dos pobres.

– É ter paciência, - replicou Djalma, aborrecido.

– A paciência também se acaba.

– Quando se acabar, arranje mais; no mercado deve haver à

venda.

– Também se acaba. E depois? - replicou o lavrador, sem ouvi-lo.

– O senhor já viu um filho com fome?

– Eu imagino, - acudiu Ururaí.

– Fica seguindo a gente e choramingando sem parar: "Quero leite, quero carne, quero isto, quero aquilo". É de cortar um coração de pedra.

– Eu imagino.

– Pois, lá em casa, é o que mais existe. Avemaria! - exclamou. - Nunca pus minha mão em cima do alheio; mas, como se pode ser bom num ano assim?

Entre as admenas de algodão das margens do Cascavel, a quinze ou vinte passos de distância, os quatro labregos, encostados aos cabos de louro e de freijó dos ferros, escutavam em silêncio a conversa no debrum do roçado.

Um deles gritou:

– Venha-se para cá, meu pai; rico quer lá ouvir choro de pobre!

Afiguravam-se iguais em tudo: no semblante e na idade, na placidez e na penúria, na estatura elevada, nos chapéus de carandá e nos farrapos incolores muito parcimoniosos. De novo Amaro Bezerra pediu fósforo, que o cigarro se lhe apagara.

– Que se há de fazer, não é? - Suspirou, olhando em roda. - Essa é a vontade de Deus.

(WANDERLEY, Alírio. *Ranger de Dentes.* Rio de Janeiro: Leitura,1945. p 198-199.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Como você deve ter observado, o vocabulário do texto contém termos que não fazem parte do nosso linguajar cotidiano. O narrador utiliza expressões como: "o sol **tramontava**", "a **montante** e a **jusante**" do rio; "crisálidas do **alabama argiláceo**". Procure no dicionário o significado dos termos grifados.

2 - Da narrativa se depreende que há dois grupos distintos de personagens; o grupo formado pelos trabalhadores e o outro, formado pelos cavaleiros. Como se chamam os cavaleiros e o representante dos trabalhadores?
3 - Que citação do texto prova que os trabalhadores estavam passando fome?
4 - Há no texto uma passagem que coloca o roubo como conseqüência da fome. Transcreva-a.
5 - Os cavaleiros eram considerados ricos pelos trabalhadores. Justifique essa afirmativa com uma citação do texto.
6 - O narrador, para enfatizar a miséria dos trabalhadores, fala da igualdade que havia entre eles. Em que eram iguais, segundo o texto?
7 - Na fala de Seu Bezerra, há uma frase que constitui uma figura de linguagem chamada ironia. Identifique-a.
8 - Observe a frase: "Eu imagino". O verbo está empregado sem o seu respectivo objeto direto, pois quem imagina, imagina alguma coisa. No texto, subentende-se que Ururaí imagina o que está narrado anteriormente, isto é, o contexto completa o verbo. O texto é muito rico em verbos transitivos, ou verbos que pedem objeto direto. Retire alguns deles com seus respectivos objetos diretos.
9 - O cenário ou ambiente descrito é rural e nordestino. Que elementos nos fornecem essa afirmação?
10 - "Fica seguindo a gente", é uma frase que está iniciando um parágrafo. Qual é o sujeito dessa oração?
11 - Qual o foco narrativo do texto?
12 - Que aspecto o narrador enfatiza do relacionamento social entre os dois grupos?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Regência verbal
2 - Foco narrativo / Ponto de vista
3 - Redação: A fome.

Alírio Wanderley (* 1906 + 1955)

Nasceu em Patos e iniciou seus estudos na capital paraibana no Colégio Diocesano Pio X, concluindo o curso secundário no Recife. Viajou pela Europa, demorando-se alguns anos na Rússia, indo depois para a Alemanha, onde doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Heidelberg.

Surgiu como escritor na década de 30, portanto na segunda fase do Modernismo, no entanto conservou-se influenciado pelo Naturalismo.

Em seus livros retrata com fidelidade o cenário do sertão paraibano, desvenda aos nossos olhos o quadro de miséria e penúria do homem acossado pela seca que não apenas enfraquece o seu corpo mas mina também o seu caráter.

Homem de invejável bagagem filosófica, constituiu-se num dos intelectuais mais atuantes de sua época. Satírico, irônico e polemista não era visto com bons olhos pela crítica.

Além de *As Bases do Separatismo* (1935), ensaio polêmico e proibido pelo governo de Getúlio Vargas, escreve: *Sol Criminoso* (1931), *Os Brutos* (1934), *Bolsos Vazios* (1940), *Ranger de Dentes* (1945) e *Os Carneiros Cinzentos* (1954). Traduziu ainda obras da literatura russa.

2.2 — DORDESTINA

Cláudio Limeira

A pobreza dói
na minha dor

A terra
me enterra
a enxada
me incha

A fome
me consome
a sede
me sedenta
pois rio não há

Capitão dos famintos
um dia aportarei
a minha nau
no cais da liberdade.

(LIMEIRA, Cláudio. *Desafio.* João Pessoa: A União, 1980. p.71)

Através da leitura do poema DORDESTINA você poderá observar que é escrito fugindo à estrutura da poesia tradicional. Estamos diante do chamado "poema objeto" em que a estrutura ou a forma encerra o conteúdo. O visual e a linguagem produzem a informação. Observando a distribuição do texto na folha de papel, você tem a impressão de que uma enxada está sendo arremessada à terra.

Na formação da palavra que serve de título está o propósito do poeta voltado para o sofrimento do homem do campo, o trabalhador rural sempre faminto e doente (inchado).

Na primeira estrofe formada de apenas dois versos, o poeta coloca o problema da **pobreza;** na segunda, a doença, o que se depreende da palavra **incha** e na terceira a **fome.** A última estrofe é um canto de esperança alicerçada na crença de um redentor, de um messias que salvaria o trabalhador rural sertanejo.

O poema DORDESTINA é uma espécie de denúncia, feita num pequeno resumo, do grave problema do homem do campo, pobre, faminto e doente.

ESTUDO DO TEXTO

1 - Da leitura do poema depreende-se que o sujeito da relação homem/terra é o próprio poeta. Comprove com citações do texto.

2 - Na primeira estrofe, o poeta coloca a razão de ser da sua dor que é a dor do homem nordestino. Comprove com uma palavra apenas.

3 - Na segunda estrofe, há uma palavra fundamental para o entendimento do poema. É uma palavra-símbolo. Identifique-a.

4 - Ainda na segunda estrofe, está a solução para o problema da dor, da pobreza do nordestino. Essa solução é representada pela palavra:

5 - O poeta recorreu a um recurso muito característico da poesia concretista que é a associação formal de vocábulos. Um exemplo disso é a palavra:

6 - Na terceira estrofe, o primeiro e terceiro versos são sujeitos do segundo e quarto. Transcreva-os.

7 - No último verso da terceira estrofe, o verbo **haver** está empregado no sentido de **existir,** portanto foi empregado impessoalmente. Coloque então na ordem direta a oração: "Pois rio não há".

8 - Na oração "a pobreza dói/na minha dor", temos uma repetição ou redundância de sentido para dar ênfase ou reforço. Esse recurso tem o nome de:

9 - A última estrofe é rica de metáforas. Transcreva-as.

10 - No poema vamos encontrar o abandono da sintaxe convencional por uma linguagem objetiva, sintética e de comunicação imediata. Isso se comprova pela ausência de:

11 - Em todo o poema há um equilíbrio entre elementos concretos e abstratos. Relacione todos os concretos e todos os abstratos do texto.
12 - Como você classificaria a visão do poeta até a terceira estrofe? E na última estrofe?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Tendências da poesia moderna: O Concretismo
2 - Colocação dos termos da oração.
3 - Substantivos concretos/abstratos.
4 - Redação: o trabalhador rural.

Cláudio Limeira (* 1946)

Nasceu em Cuité, onde iniciou seus estudos. Formou-se em Matemática pela UFPb. Desde muito jovem, dedica-se à poesia, publicando em jornais e revistas da imprensa local. Professor de cálculo, continuou dedicado às artes e vinculado à Diretoria de Cultura da SEC: na função de assessor de cultura paraibana, promoveu seminários sobre arte e literatura, divulgando seu trabalho e o de outros artistas da região.

No seu livro, *Desafio* (1980), descreve, em seus poemas, o drama do homem nordestino, denunciando sua situação de miséria e sua luta frente à fome, à seca e ao problema da terra. Esse engajamento social, desenvolvido ao nível da linguagem e manifestado na exploração dos aspectos fonossemânticos, pode ser evidenciado em poemas como "Poli-homemedro", "Implador", "Sub-mundo" ou "L'Americamerica", onde desarticula o discurso poético convencional, recriando-o através das camadas significante/significado.

Além de *Desafio*, publicou poemas no CORREIO DAS ARTES e na antologia *Poetas brasileiros de hoje* (Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1982)

2.3 – O HOMEM NO PRANTO

Marcus dos Anjos

O homem no pranto
O homem no canto
O homem no amor

O homem na terra
– a terra do homem
O homem no homem
– escravo do homem

O pranto na terra
– é o canto do homem
O olhar na terra
– é o amor do homem

A terra é o homem
– sua liberdade
– seu pranto
– seu canto
– seu amor.

(ANJOS, Marcus. *Alguns Gestos.* João Pessoa: Sanhauá, 1963. s.p.)

O poema foi extraído de *Alguns Gestos* que data de 1963. É a primeira tentativa da geração Sanhauá da introdução do livro mimeografado na Paraíba. Como características dessa nova poesia citaremos: ausência da rima convencional, seqüência de imagens baseadas na associação; preocupação social; estilo seco, enxuto com predominância de substantivos, verso despido de traços supérfluos ou sentimentais; objetividade e concentração; frases incisivas carregadas de sentido; versos curtos denunciando um ritmo melódico popular.

ESTUDO DO TEXTO

1 - O poema foi estruturado em torno de imagens básicas. Cite-as.
2 - Ao lado desses núcleos básicos de idéias, aparecem as palavras que serão repetidas do primeiro ao último verso. Transcreva-as.
3 - Que relação há entre pranto e terra? Explique.
4 - Na segunda estrofe, aparece uma palavra que não se repete em nenhum outro verso do poema. Identifique-a.
5 - Explique o sentido da expressão "escravo do homem" à luz do seu contexto na estrofe.
6 - A palavra **canto** pode ser entendida de duas maneiras. Quais são?
7 - Para o poeta qual é o "amor do homem"? (Responda citando o texto)
8 - Observe que todo o poema só tem uma forma verbal e aparece para definir as três palavras finais da primeira estrofe. Transcreva as frases em que essa forma verbal aparece.
9 - O poema assume um forte conteúdo político-social. Justifique essa afirmativa com duas frases do texto.
10 - No poema predomina a frase nominal, isto é, a frase sem verbo. Cite alguns exemplos.
11 - A linguagem do poeta é essencialmente sintética. Nota-se a ausência de algumas classes de palavras. Quais?
12 - Que problemática social da atualidade brasileira poderia ser associada a esse poema?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Oração, frase e período.
2 - Redação: A reforma agrária como solução para os problemas sociais do Nordeste.
3 - Pesquisa: Mártires da reforma agrária na Paraíba
4 - Comparar o texto "O homem no pranto" com o texto "Noite no campo" de Raul Machado, nesta antologia.

Marcus Pereira dos Anjos (* 1942 + 1982)

Poeta, articulador do **Grupo Sanhauá,** na década de 60. Através das edições mimeografadas características do Grupo, publicou um livro de poesias: ***Alguns Gestos*** (1963). Sua temática é existencial, incorporando alguns elementos de subjetividade e motivações de ordem social. Compreende um envolvimento do homem, tanto na sua dimensão filosófica quanto política. Comprometido com a terra nordestina, sobretudo quanto à luta heróica do homem sertanejo, revela atualização com os procedimentos vanguardistas. Seu texto poético é conciso nas imagens e no vocabulário. Extraordinário espírito de síntese. É um renovador da poesia paraibana.

2.4 — DUAS ALMAS NUM SÓ CORPO

José Américo de Almeida

A bagaceira, romance de onde o texto foi extraído, foi publicado em 1928. Procura confrontar, em termos de relações humanas, o homem do brejo com o homem do sertão. O personagem principal é Lúcio, jovem idealista e universitário, e filho do senhor de engenho. Acossados pela seca, Valentim Pereira, sua filha Soledade e o agregado Pirunga, abandonam suas terras no sertão e partem para a zona do brejo, onde vão encontrar abrigo no engenho Marzagão, de Dagoberto, pai de Lúcio. Um caso de amor envolve Soledade e Lúcio. Dagoberto também se apaixona pela sertaneja. Soledade trai Lúcio com Dagoberto que termina morto. Lúcio assume a direção do engenho.

No texto, a ênfase é dada à dignidade do sertanejo em face da desumanidade e desmandos do senhor de engenho. Dois momentos podem ser destacados: O primeiro, em que Dagoberto cruelmente expulsa Xinane do mocambo em que mora no engenho. No segundo, Lúcio, revoltado com a atitude do pai, procura refúgio na mata, e o narrador procura trazer à tona os pensamentos e reflexões do jovem, para o leitor. O narrador nesse momento, narra de dentro do personagem.

[...] Intimado a deixar a palhoça que ajudara a levantar, o caboclo coçou a cabeça e correu à casa-grande, com o chapéu debaixo do braço:

– Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não enjeito parada: sou um burro de carga. Mas porém, nascer pra estrebaria não nasci.

Dagoberto não quis saber de mais nada:

– Pois, por ali, caabra ssafado! Você não nasceu pra estrebaria que é de cavalo de sela: nasceu foi pra cangalha!

Xinane continuou a coçar a cabeça, como se procurasse despertar uma idéia:

– A gente bota um quinguingu: quando é agora, o patrão, sem quê nem mais...

E, implorativamente:

– Quando acaba, foi a caseira arranhando com o caco de enxada. Patrão, minha rocinha, atrás do rancho! E a rebolada de cana!...

– O que está na terra é da terra!

Era essa a fórmula de espoliação sumaríssima.

– Patrão, mande suas ordens. Dá licença que leve os troços?

E o caboclo saiu, levando os cacarecos num braçado e 400 anos de servilismo na massa do sangue.

Lúcio culpava-se desse desfecho de sua sentimentalidade incoerente. E interveio:

– Meu pai, não amasse o seu pão com o suor dos pobres.

. . . .

Milonga interpôs-se. As galinhas, como se estivessem vendo cobra.

O estudante ainda percebia, entre outros ralhos:

– É o que lhe digo de uma vez por todas! . . . .
de mãe Joana! . . . . meter as ventas . . . .

E, escoando-se, internou-se, à toa, na picada dos lenhadores, que se afigurava uma recente violação da mata virgem, até a antiga espera do veado, onde costumava espairecer, horas a fio, forrando-se aos atritos amiudados.

Nessa contemplação excitada, espiritualizava as formas mais grosseiras da natureza arbitrária.

Mas, ao cabo, já se não comprazia com o recesso acolhedor.

Procurava uma impressão que lhe pacificasse o espírito e a selva bruta dava-lhe a idéia de um conflito. Árvores deitadas sobre árvores. Deformidades de corpos humanos. Plantas corcundas com as copas no chão. Cipós enforcando troncos veneráveis.

Sob o guarda-sol da folhagem esbelta, os arbustos conformavam-se com a condição rasteira. Precisavam da sombra protetora...

Mas, no afogo da ramalheira, um vegetal franzino insurgia-se contra a obscuridade. E perdia o porte natural, insinuando-se, afilado e trêmulo, através da penumbra, alçando-se atrás da luz alta.

Essa visão angustiosa mostrava-lhe como os acessos da inteligência afinam a sensibilidade.

Bem lhe dizia o pai:

– Hoje em dia não se guarda mais na cabeça: só se deve guar-

dar nas algibeiras.

Não era somente a negação da solidariedade vegetal - a dominação da seiva, como o capital da flora. Bichos que não o conheciam corriam dele, como de um inimigo nato da criação. Até os sagüis largavam a baunilha recendente. E viu a mata arroxeada pela floração dos espinheiros e das sucupiras. Só distinguia essa tonalidade fúnebre.

O próprio pau-d'arco, que se despira de folhas para se cobrir de ouro, era um garrancho miserável, sem, sequer, o vestido verde das outras árvores.

E temeu-se de que os cipós insidiosos que pendiam em tranças se lhe enroscassem no corpo dolorido, prendendo-o à solidão hostil.

Voltou, mais que depressa, para casa. Recolheu-se ao quarto, galgando a janela do oitão, para não ser pressentido. [...]

(ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira.* Edição crítica. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 43 - 44.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - A primeira parte apresenta o morador Xinane indo falar com o senhor de engenho sobre a intimação que recebera para sair da palhoça onde sempre morara para ir morar numa estrebaria. Como você classifica a atitude do morador Xinane? E a atitude do senhor de engenho?

2 - O morador alega que trabalhou na terra, que plantou uma rocinha e cana também. Mas a resposta de Dagoberto revela seu conceito medieval de propriedade e autoridade. Comprove citando o texto.

3 - Que quis dizer o narrador com a frase: "E o caboclo saiu levando os cacarecos num braçado e 400 anos de servilismo na massa do sangue"?

4 - Lúcio, na solidão da mata, recorda a infância e nas árvores vê a imagem dos conflitos humanos e da exploração do homem pelo homem. Comprove com citações do texto essa afirmação.

5 - O foco narrativo é de 3ª. pessoa. O narrador é onisciente pois conhece até os pensamentos das personagens. Há um momento em que ele se intromete na narrativa e dá sua opinião pessoal. Comprove citando o texto.
6 - Como você caracteriza o personagem Lúcio?
7 - A narrativa está dividida em dois tempos diferentes. Que é que nos faz chegar a essa conclusão?
8 - Há no texto dois tipos de linguagem: uma mais trabalhada, mais elevada para senhor de engenho e seu filho; outra menos trabalhada com termos da fala do povo da roça. Comprove essa afirmativa com citações do texto.
9 - O narrador utiliza figuras muito apropriadas para embelezar o texto ou reforçar idéias. Que figura temos na expressão: "Sou um burro de carga"?
10 - Quando o narrador diz que "os arbustos conformavam-se com a condição rasteira". Ele está atribuindo ao vegetal sentimento de ser humano. Como se chama essa figura?
11 - O texto é muito rico em vocativos. Cite alguns exemplos.
12 - Há no texto uma frase que resume a filosofia de vida capitalista do senhor de engenho. Transcreva-a.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Figuras de linguagem.
2 - O vocativo.
3 - O foco narrativo.
4 - Língua e fala.
5 - Redação: Narre, sob forma dialogada, um conflito ou uma briga.

José Américo de Almeida (* 1887 + 1980)

Nasceu em Areia, Paraíba, em 1987, e faleceu em João Pessoa, em 1980. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife. Pertenceu ao Grupo do Recife juntamente com Gilberto Freire e José Lins do Rego. Desde cedo, interessou-se pelos problemas de sua terra, pelas relações do homem com o meio, influenciado pela leitura de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

A carreira literária de José Américo corre paralela à sua vida política, que iniciou em 1911 com o cargo de Procurador Geral do Estado. Galgou as mais altas posições na vida pública, tendo chegado a Governador da Paraíba, Ministro da Viação e Obras Públicas no Governo de Getúlio Vargas, senador pela Paraíba e candidato a Presidente da República.

Em seus livros, abordou a temática das secas periódicas gerando o fenômeno do cangaço, a miséria e o êxodo dos sertanejos para o brejo.

São suas obras: *Reflexões de uma Cabra* (1922), *A Paraíba e seus Problemas* (1923), *A bagaceira* (1928), *O Boqueirão* (1935), *Coiteiros* (1935), *O Caso de Sangue* (1954), *A Palavra e o Tempo* (1965), *Antes que me Esqueça* (1976), *Sem me rir Sem Chorar* (1983).

2.5 – A DÍVIDA (*)

José Bezerra Filho

Neste texto, Joaquim, agricultor pobre e doente, sofre humilhações e ameaças quando esperava que o seu vizinho lhe pagasse uma dívida. Joaquim é a imagem do homem pobre, subserviente e sem nenhuma defesa frente à violência e à injustiça dominante.

No dia em que se vencia o prazo dado por Vicente para pagar o dinheiro, Joaquim, apesar de já se achar com disposição pra voltar ao roçado, teve de ficar em casa, aguardando o aleijado. Mas vou ficar nem eu mesmo sei porque, pois tenho certeza de que Vicente não vem.

Manhã cedinho, Dona Severina foi tirar o leite, Joaquim se dizia em condições mas ela não queria que ele fizesse esforço. Você tá muito abatido! Joaninha substituiu a mãe na lavagem de roupa. E os rapazes, como sempre, desceram um bom pedaço da serra para trabalhar no roçado.

Joaquim pediu pra mulher armar a rede no copiar. Bom levar um solzinho assim de manhã! Relaxou-se na latada, a cabeça quase batendo num pé de malva que crescia dentro de uma panela de barro.

A luz do sol espalhava-se por sobre o curral, dando ao mourão da porteira uma sombra comprida que atravessava o terreiro e formava um L com a parede da casa.

(*) Título sugerido pela temática do texto.

Quando se tinham passado cerca de duas horas - depois que nascera o dia - Dona Severina balançou apressadamente o braço do marido.

– Joaquim, Joaquim!

Joaquim meteu dos pés e ficou sentado na rede.

– Olha quem vem ali!

Ele apurou a vista, olhando na direção em que a mulher apontava: um sujeito alto, o bigode maior que a boca, uma cicatriz na testa: Gentil.

– Por certo vem pagar teu dinheiro! aceitou Dona Severina.

– É! Pode ser. Vamos esperar.

O homem chegou.

– Bom dia, meu povo!

No que foi correspondido. Dona Severina já tinha trazido um tamborete para ele. Joaquim opinou por um cafezinho. A subserviência estampada no rosto enrugado.

– Diga a que veio, meu amigo!

– Mode terminar logo a conversa, vim falar duma bagatela que pai devia ao senhor.

– O senhor quer dizer: Que deve, não é? remendou Joaquim, um sorriso nervoso cortando as palavras.

– DE-VIA! firmou Gentil explicadamente.

– Mas ele não pagou ainda, não.

– Nem vai pagar. Tou aqui justamente por causa disso.

Joaquim pensou imediatamente que seu dia tinha chegado. Aquele sujeito matava um cristão por qualquer casca de alho. Até sem motivo.

Dona Severina ousou ainda insistir:

– Seu Gentil, troque essa conversa em dinheiro miúdo, por favor!

– Bem, é o seguinte: - continuou Gentil aparentando completo sangue frio - Pai mandou dizer que não ia mais pagar o dinheiro. E que vocês tivessem a bondade de não dizer a ninguém qu'ele lhes deve alguma coisa.

– Mas isso é uma injustiça!

– É só dar parte à polícia, minha velha! - zombou Gentil. Pode até ir falar com o juiz.

E voltando para Joaquim.

– Espero que isso fique só entre nós três. Se alguém me falar disso, já sei que foi um de vocês que soltou a língua.

Joaquim tremia de raiva. O sangue, motivo de seu orgulho, desaparecera-lhe da cara. E quando a raiva, ou a emoção, era muito grande, a voz fugia-lhe como se ele a tivesse engolido. Daí porque somente Dona Severina segurara a conversa com Gentil.

– Tá ouvindo, meu velho? persistiu o visitante sacolejando o punho da rede. Boca de siri, senão pior para vocês!

E saiu sem mais palavras.

Dona Severina emudeceu e, com o marido, olhares ferrados na direção do homem que se afastava, ficaram imóveis, até que ele dobrasse na Curva dos Mofumbos.

Joaninha foi chegando, a trouxa de roupa na cabeça.

– Qu'é que vocês tão fazendo aí, espiando pro mundo?

Tomados de surpresa, explicaram-se meio desajeitados, procurando desconversar. Joaninha é um perigo! Se ela ao menos sonhar que Gentil veio aqui, vai inventar uma porção de coisas pra dizer aos meninos.

E na certa vai haver barulho. Vou entabolar outro assunto. Será que ela lavou a roupa toda?

– Lavou a roupa toda, menina?

Tinha lavado. Mas Joaninha queria era saber a razão daquele olhar perdido.

– N'é nada, não, criatura! Não se pode mais olhar pro mundo, não? Olhe aí como é bonito - e Joaquim com o braço direito - Repare ali embaixo, beirando o leito seco do rio, as acácias florando. O algodão de Seu Barbosa. Vai de norte a Sul. Tá vendo? N'é bonito?

– Tou acostumada a ver essas coisas, pai! Não vejo graça nenhuma naquilo. O senhor tá tão mudado!

Dona Severina aborreceu-se:

– Entra pra dentro, menina! Diabo de tanta especulação! Deixe a vida dos outros em paz!

Joaninha obedeceu, mas com uma bruta vontade de continuar implicando.

(BEZERRA Filho, José. *Fogo!* João Pessoa: Chaves, 1970. p.35-37.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Inicialmente, o narrador descreve a vida diária de uma família da roça no interior nordestino. Transcreva essa descrição.
2 - Gentil, uma das personagens, nos é apresentado pelos seus traços físicos. Cite alguns desses traços.
3 - Seu caráter, isto é, sua personalidade, nós a depreendemos de suas atitudes. Ele se mostra arrogante e desumano. Comprove esta afirmação citando o texto.
4 - Joaquim nos parece um homem fraco de corpo e de espírito. Justifique citando o texto.
5 - O narrador procura ser fiel à linguagem do homem do campo. São abundantes as expressões populares. Cite-as.
6 - Explique o significado de **apurar a vista,** neste exemplo: "Ele apurou a vista, olhando na direção em que a mulher apontava'.
7 - No exemplo: "Joaquim pensou imediatamente que seu dia tinha chegado", para não dizer que o outro ia matá-lo, o narrador procurou suavizar a expressão. Qual o nome desse recurso literário?
8 - O texto nos apresenta duas mulheres, mãe e filha, respectivamente, D. Severina e Joaninha. Conforme a atuação delas na narrativa como você as classifica?
9 - Qual o tempo do fato narrado? Comprove, citando o texto.
10 - O narrador desse fato funciona não só como observador, como testemunha mas está também no interior das personagens revelando-nos seus pensamentos. Que nome se dá a esse tipo de narrador?
11 - Em alguns momentos da narrativa, o narrador passa direto de sua fala para a fala das personagens. Cite um exemplo do texto.
12 - Há um exemplo no final do texto que, sem ser específico da linguagem regional nordestina, adquire neste contexto uma outra significação. Transcreva-o e explique.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Descrição/narração.
2 - Eufemismo.
3 - Literatura: O espaço da narrativa.
4 - Redação: Fazer o resumo do texto.

José Bezerra Filho (* 1939)

Este paraibano de João Pessoa iniciou sua vida literária como ator na peça *O Novo Otelo,* em 1962. Cinco anos depois, dirige um movimento que lhe deu oportunidade para encenar *Canudos,* de sua autoria, e *O Vermelho e o Branco* de Waldemar Solha.

Romancista contemporâneo, autor de *Fogo!* (1976), romance tipicamente nordestino que enfoca o trabalhador rural, o homem simples do interior, a miséria em que vivia, as condições inferiores do nordestino do Vale do Piancó. Este livro foi levado ao cinema com grande sucesso na década de 70. Suas personagens são pequenos agricultores explorados e sem condições de se insurgirem contra esse estado de coisas. O estilo é conciso e o autor procura ser fiel o quanto possível à linguagem da região.

Com *O Mundo Louco do Poeta Zé Limeira,* escrito no período de 1972 a 1974, ganhou dois prêmios nacionais de teatro.

Publicou: *As Noites da Eterna Esperança* (1975); *O Comício* (conto-1978); *Lampiaço, O Rei do Cangão* (1978); *O Tenente Benigno* (1979).

2.6 — A ESTRADA

Adalberto Barreto

Nestes fragmentos, no início de **Estrada,** conto de seis páginas, de Adalberto Barreto, verifica-se a insatisfação do viajante sertanejo com a chegada do progresso. Suas duras caminhadas a cavalo, levando os produtos produzidos na região para as cidades vizinhas, representavam sua vida pois, além das aventuras amorosas encontradas na estrada, rendiam-lhe o necessário à sua sobrevivência.

Bons tempos, menino. Bons tempos aqueles. Já lá se vão muitos anos - e tudo mudou à nossa volta. Quando me lembro daqueles tempos é como se revivesse um sonho de outro mundo. Mundo melhor, meu filho, muito melhor. Nem seca havia tanta como agora que alegres farturas nos campos, os milharais arfando ao vento e os riachinhos cantando nas pedras!

Foi a praga do caminhão, se foi! Trouxe miséria, trouxe ambição sem medida! Levou o nosso milho, levou nossa rapadura para longe. E leva agora nossos filhos. E a terra ficou abandonada ficou seca. Como é triste olhar para essas casas em ruína ...

Caminhão trouxe cobiça, fez arreganhar dentes dos homens que honravam estes rincões. Sei daquele dono de engenho - foi lá em Lavras. Ordenou que atirassem ao açude toda uma fornada de rapadura que saíra assim meio fraca. "Isto não é rapadura que se venda no meu engenho!". Quem hoje teria assim tanta vergonha? Caminhão, meu filho. Carrega muito, precisa sempre mais. Basta

que te diga que caminhão carrega de uma vez quatrocentas cargas e faz durante o dia a viagem que meus burrinhos levariam meses. E veja que meus burrinhos eram de primeira. Aquele Canário... que burrinho!

(BARRETO, Adalberto. *Contos.* João Pessoa: A União, 1956. p.93-94).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Segundo o narrador, por que o mundo era melhor antes da chegada do caminhão?
2 - Comente a insatisfação do narrador com a chegada do caminhão.
3 - O que representa esta "chegada do caminhão" na vida de uma comunidade rural?
4 - O narrador atribui ao progresso o aparecimento da seca. É verdadeira essa relação?
5 - Segundo o narrador, o progresso corrompe o homem. Mostre com palavras do texto.
6 - A prova da honestidade para o sertanejo está em não enganar o outro, honrando a sua palavra. O que representa o fato de não agir dessa maneira para esse homem do sertão?
7 - Pode ser atribuída essa falta de honestidade ao caminhão, como faz a personagem do texto?
8 - De que a personagem sente saudades?
9 - O narrador se dirige a um narratário, testemunho mudo deste monólogo. Cite as frases comprovando esta afirmação.
10 - Ler o texto em voz alta, procurando mostrar a importância da entonação.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Literatura: Características do conto moderno.
2 - Pesquisa: A construção da estrada, na peça *BR-230* de Alarico Correia Neto, Carmélio Reynaldo e Fernando Teixeira, in *Teatro Paraibano hoje,* João Pessoa: A União, 1980.
3 - Redação: A introdução da tecnologia moderna no mundo rural.

Adalberto Barreto (* 1936)

Nasceu em Catolé do Rocha e cursou o ginásio no Colégio Diocesano de Patos, de onde saiu para cursar jornalismo e economia.

Estreou na vida literária em 1962, com o livro *Contos,* considerado pelo crítico Virgínius da Gama e Melo um conservador na forma de narrar, por obedecer a seqüência tradicional de princípio, meio e fim.

Porém, a sua fluência de linguagem lhe permite certo equilíbrio na descrição dos fatos, na forma que conduz a narrativa e na criação do enredo. A predominância temática em seus contos é a relação do homem com seu **habitat**, a oralidade é o fio condutor, assim como o elemento histórico.

Seus principais contos são: **Questão de Honra, Uma Aventura Capitalista, Chalé,** e **Vidas Seguras.**

Publicou a novela, *A Morte de Lampião,* na década de 60, rompendo segundo alguns críticos, com as fórmulas da narrativa tradicional.

3 – A CULTURA

3.1 — O CASO DA CAVALHADA

Ariano Suassuna

O texto abaixo, extraído de *A Pedra do Reino,* narra numa linguagem cômica o caso da cavalhada; o narrador, através da visão de um menino, tenta desnudar certos aspectos da representação religiosa. Algumas coisas parecem contraditórias e até mesmo incoerentes aos olhos do menino. O fato narrado se prende a uma representação folclórica que é comum em algumas cidades do interior da Paraíba. O narrador, utilizando a primeira pessoa, identifica-se com o menino.

Aos sábados, Tia Filipa me levava para a feira, e ficávamos na rua até o dia seguinte, para assistirmos à Missa do domingo. Uma vez, terminada a feira, houve uma Cavalhada, coisa que também iria ser de importância capital na minha vida.

Havia vinte e quatro Cavaleiros. Doze deles representavam os Doze Pares de França do Cordão Azul, e os outros doze, os Doze Pares de França do Cordão Encarnado. Havia, portanto, um Roldão do azul e outro do encarnado, de modo que, apesar de serem vinte e quatro os Cavaleiros, aqui os Doze Pares de França eram realmente doze, a saber: Roldão, Oliveiros, Guarim de Lorena, Gerardo de Mondifér, Gui de Borgonha, Ricarte de Normandia, Tietri de Dardanha, Urgel de Danoá, Bosim de Gênova, Hoel de Nantes, o Duque de Nemé e Lamberto de Bruxelas.

Ninguém pode imaginar o entusiasmo régio que me empolgou quando os Cavaleiros desfilaram pela rua, a cavalo, com os matinadores levando à frente as Bandeiras dos dois cordões, uma azul, outra encarnada. Explicaram-me que os Azuis iam disputar troféus com os vermelhos, e que eu devia escolher para mim um dos dois

partidos. Disseram-me que o Cordão Azul era cor de Nossa Senhora, e o Encarnado, a do Cristo. Mas Tia Filipa, que, por ser devota de Nossa Senhora da Conceição, era do Azul, me disse, logo, que eu não fosse nessa conversa não, porque o Cordão Encarnado era do Diabo. Espantei-me de que uma cor só, o Vermelho, pudesse ser, ao mesmo tempo, do Cristo e do Diabo. Só depois de adulto, aprofundando meus conhecimentos religiosos e astrológicos e estudando o Catolicismo da Pedra do Reino, foi que descobri como essa noção é profunda, zodíaca e estrelar! Mas isso foi depois e fica para depois: naquele meu primeiro dia de Cavalhada, obedecendo à orientação de Filipa, filiei-me ao Cordão Azul, no que fiz, aliás muito bem, porque ele ganhou e eu quase morro de entusiasmo.

Aconteceu, porém, que os derrotados cavaleiros do Encarnado não se conformaram e pediram desforra para o sábado seguinte. Fomos à feira de novo, eu e Tia Filipa; e quando eu, muito lampeiro, esperava a repetição da vitória do Azul, coisa que eu julgava de rotina pela proteção de Nossa Senhora contra o Diabo, ganhou o Encarnado!

Encafifei! Assim, não era vantagem! No primeiro dia, eu ficara entusiasmado com as bandeiras vermelhas, triunfais, agitadas pelo vento, tremulando desafiadoramente contra o céu azul; só não me filiara ao Córdão Encarnado, primeiro para não perder a alma, e depois porque estava certo de que o Azul, com a proteção da Virgem Santíssima, ganhava toda vez. Pensei, então, em virar a casaca para o Encarnado, indagando porém, antes, a Tia Filipa, qual era o Cordão que ganhava mais. Perplexa, ela respondeu que isso era coisa que ninguém podia saber. Então, como era que eu podia fazer minha escolha? Se ao menos houvesse uma coerência, uma garantia! Acresce que eu achava ambas as bandeiras bonitas: o Azul era tranqüilo e fraterno, mas o Vermelho era festivo e corajoso, e eu gostava era de todos dois! Só havia, portanto, uma solução e foi a que adotei: resolvi pertencer aos dois partidos de uma só vez, só decidindo qual a minha facção do dia depois da corrida. Quando o Azul ganhava, eu voltava para a "Onça Malhada" dizendo:

– Hoje, eu era do Azul!

Tia Filipa ouvia isso, enfarruscada mas calada. Quando,

porém, o Encarnado vencia e eu me declarava por ele, ela rosnava:

– Esse menino não tem caráter! Não sei a quem ele puxou, tão desassistido de vergonha!

(SUASSUNA, Ariano. *Romance da Pedra do Reino.* 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 61 - 62).

ESTUDO DO TEXTO

1 - O menino está encantado diante da encenação que ele nunca vira antes. Transcreva a frase que comprova essa afirmação.
2 - No terceiro parágrafo, o menino começa a descobrir contradições nas crenças dos adultos. Justifique com uma citação do texto.
3 - No quarto parágrafo, o narrador se lamenta por não haver uma coerência nas coisas. O que aconteceu que lhe parece incoerente?
4 - Procure os vários sentidos da palavra **par** e mostre como estão utilizados no texto.
5 - O narrador utiliza uma linguagem clara e chega a empregar expressões coloquiais. Cite alguns exemplos do texto.
6 - Pode-se sentir no texto uma crítica aos valores religiosos. Qual a passagem que comprova essa afirmação?
7 - Os valores do menino não são os mesmos da Tia e por isso ele soluciona seu problema de uma maneira mais prática. Explique essa solução.
8 - O narrador usa um verbo que expressa bem a indignação da Tia quando ele preferiu o Encarnado. Qual é o verbo e em que tempo está?
9 - Na sua linguagem de menino, encantado com o espetáculo da vitória do seu Partido, o narrador chega ao exagero e emprega uma hipérbole. O que se comprova com este exemplo?
10 - Durante quase todo o texto, o narrador reproduz seus diálogos com a tia, utilizando-se do discurso indireto. Só no final é que ele passa a narrativa para o discurso direto. Transcreva-o.
11 - Transcreva uma frase indicadora da fala da Tia em discurso indireto.
12 - Podemos dizer que temos no texto o tipo do narrador/personagem. O que nos leva a essa afirmação?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Tempos do verbo.
2 - Discurso direto e discurso indireto.
3 - Figuras de linguagem: hipérbole.
4 - Pesquisa: Os Doze Pares de França na literatura de folheto (consultar os folhetos: *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz,* de Leandro Gomes de Barros; *A Morte dos Doze Pares de França,* de José Bernardo da Silva; *O Cavaleiro Roldão,* de Antônio Eugênio da Silva; *O Príncipe Roldão no Leão de Ouro,* Prop. José Bernardo da Silva ou outros).

Ariano Suassuna (* 1927)

Nasceu aos 16 de junho de 1927 na capital da Paraíba, então chamada de Paraíba do Norte, filho de João Suassuna, governador da Paraíba, e Rita Dantas Villar, mulher de fibra que, após o assassinato do marido no Rio Janeiro por questões políticas, ligadas à Revolta de Princesa, chefia a família com coragem e dedicação, mudando para Taperoá, onde viveu de 1933 a 1942. Neste ano, mudou-se para Recife com a finalidade de educar os filhos.

Na Faculdade de Direito, Ariano juntou-se a um grupo de pintores, poetas e artistas interessados em Arte e Literatura. Com eles, sob a orientação de Hermilo Borba Filho, funda o Teatro do Estudante de Pernambuco, palco ambulante de sua peça *Cantam as Harpas de Sião.* Hoje é casado com Zélia Suassuna e pai de seis filhos.

Sua produção literária tem toda a origem no Romanceiro popular nordestino, na literatura de Cordel, nos versos dos cantadores e nos elementos folclóricos de sua terra. Com o seu "caráter essencialmente oral permite reencontrar-se não a improvisação da cantoria, pelo menos a riqueza do canto e a música das palavras"(1)

Com a criação do Movimento Armorial(2) sai o *Romance d'A Pedra do Reino,* obra classificada por Raquel de Queiroz, no prefácio do próprio livro, como "romance, odisséia, poema, epopéia, sátira e apocalipse", no entanto é o teatro "terreno e experimentação e criação primeira de Aria-

---

(1) SANTOS, Idelette Fonseca dos - "Da Literatura Popular ao Teatro de Suassuna. In: **José Américo e A Cultura Regional.** José Octávio (org.). João Pessoa: Casa de José Américo, 1983, p. 143

(2) Movimento que tinha por finalidade a busca de uma nova poética a partir da recriação dos gêneros poéticos populares: cordel, cantoria, literatura oral.

no Suassuna".(3) Suas peças reelaboram o material de origem popular e o devolve ao povo, "o que lhe garante a comunicação com as platéias do mundo inteiro, comunicação direta, imediata, cujos veículos são a simplicidade dos entrechos, o diálogo incisivo, a comicidade irresistível das situações, a concepção do jogo cênico e do texto como abertura para um teatro antiilusionista, e uma visão religiosa da vida que o seu ideário pessoal embebe de humanismo cristão e de esperança".(4)

O processo de recriação de *A Pedra do Reino* resume o que há de essencial na literatura de cordel e na literatura oral, através da linguagem, tipos e comicidade que se encaixam, formando um material erudito digno de ser chamado epopéia em prosa, pelo drama dos seus personagens e, conseqüentemente, pela condição do homem do Sertão.

Inconformado com a situação política e cultural da época, Ariano Suassuna resolve, em 1981, não mais publicar suas obras, ficando inédita a continuação da história de Quaderna, que se iniciou com *A Pedra do Reino* e que teve do 2º volume *O Rei Degolado,* publicado tão somente o primeiro volume, *Ao Sol da Onça Caetana.*

Escreveu:

Poesia: "Galope à Beira-mar", "A Morte do Touro Mão-de-Pau" e "Os Guabirabas" (Poemas ligados ao Romanceiro Popular. - 1946 - 1947) "O Pasto Incendiado" (inédito - 1945-70); *Sonetos com mote alheio* (1982) e *Sonetos de Albano Cervonegro* (1986),, álbuns manuscritos e ilustrados por iluminogravuras do Autor. **Teatro:** *Uma Mulher Vestida de Sol* (1947); *Cantam as Harpas de Sião* (1948) *Os Homens de Barros* (1949); *Auto de João da Cruz* (1950); *Torturas de um Coração, ou, Em Boca Fechada não entra Mosquito* (1951); *O Arco Desolado* (1952); *O Castigo do Soberba* (1953); *O Rico Avarento* (1954); *Auto da Compadecida* (1955); *O Casamento Suspeitoso* (1957); *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna* (1958); *A Pena e a Lei* (1959); *Farsa da Boa Preguiça* (1960); *A Caseira e a Catarina* (1962) e *As Conchambranças de Quaderna* (1988). **Ficção:** *A História do Amor de Fernando e Isaura* (inédito - 1956); *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta* (1970); *História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: Ao Sol da Onça Caetana* (1977).

---

(3) SANTOS, Idelette F. M. dos - op. cit. p. 143.

(4) MELO, José Laurênio de. - "Nota bibliográfica" In: SUASSUNA, Ariano. *O Casamento Suspeitoso.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. VIII.

3.2 – O ENCONTRO DE INÁCIO DA CATINGUEIRA COM ROMANO DO TEIXEIRA

Leandro Gomes de Barros

O fragmento, aqui apresentado, pertence a um folheto de dezesseis páginas cujo tema inclui-se no ciclo de pelejas e desafios, muito encontrado no meio rural. Numa primeira parte, os desafiadores contam as suas bravuras e, em seguida, se agridem em torno do poder e do racismo. O senhor branco (Romano) é respeitado, dono de escravo, enquanto o outro é negro, cativo, não conhece as letras, mas apesar de não ter conhecimentos geográficos, continua sendo um grande cantador. A Peleja de Romano Caluête e Inácio da Catingueira é conhecida através de numerosas versões e constitui o "mito fundador" da cantoria nordestina.

[...]

R. – Eu agarro um cantador
Tiro-lhe dente por dente,
arranco língua e os olhos
Deixo a caveira somente,
Tiro-lhe o couro dos beiços
Deixo ele assombrando a gente.

I. – Cantador das minhas unhas
quando se solta é cozido,
Faço ele ir em lugar
que nem urubu tem ido.
Se escapar algum pedaço
quando cai é derretido.

R. – Já passa da meia-noite
E tu já deves afrouxar,
Depois teu senhor acorda
E manda te procurar,
Se não te acharem amanhã
Com certeza hás de apanhar.

I. – Seu Romano eu sou um Negro
Sinhá foi quem me criou,
Meu Senhor vê eu sair
Porém nunca me empatou
Eu que estou cantando aqui
Foi ele quem me mandou.

R. – É que diz todo negro
Ninguém deve acreditar,
Eu também tenho escravo
mando ele trabalhar,
quando estou fora de casa
Ele só quer vadiar.

I. – O que o senhor Romano diz.
É sempre um fato comum
Escravos de muitos homens
Passam semana em jejum,
Meu senhor tem 20 escravos
Senhor Romano só tem um.

R. – Negro cante com mais jeito
Veja sua qualidade,
Eu sou branco e sou um vulto
Perante a sociedade
Em vir cantar com você
Baixo da dignidade.

I. – Essa sua frase agora
me deixou admirado.
Para vossa mercê ser branco
Seu couro é muito queimado,
Seu nariz achatou muito,
Seu cabelo é agastado.

R. – Já faço tu te calares
Não quero articulação
Vamos à geografia
que chama o povo atenção
Veja se entende ou se pode
me dar uma explicação [...]

I. – Patrão faça ponto aí
Nesse embrulho é que eu não vou.
Você quer que eu lhe diga
O que ninguém me ensinou.
A geografia é difícil
Dela eu muito longe estou.

R. – Eu bem conheci, Inácio
que a respiração te falta,
Isso é bom para Romano
que canta e não se dilata.
De onde eu estou ninguém me tira
Nó que eu dou ninguém desata.

I. – Vossa mercê nessa terra,
Está na fama dos anéis.
Desde pequeno que canta
Em quatro, em seis e em dez.
Mas amarre com as mãos,
que eu desmancho com os pés.

(BARROS, Leandro Gomes de. *Antologia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa-UFPB, 1977, p. 222 - 225).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Observe e caracterize o esquema das rimas de cada estrofe.
2 - Há no texto uma forma de expressão muito usada pelo povo que apresenta um erro de colocação pronominal. Explique-o de acordo com a norma culta da língua.
3 - Qual a pessoa gramatical usada por Romano quando se dirige a Inácio? Aparece o mesmo tratamento de Inácio para Romano?
4 - O preconceito racial é uma constante no texto. Qual a estrofe em que Romano tenta denegrir Inácio, elogiando a sua própria cor? Transcreva os versos que confirmam isso.
5 - Quando Inácio também ataca seus caracteres físicos, Romano muda imediatamente de tema. Qual o novo assunto abordado e por que Inácio não enfrenta este desafio?
6 - Faça um levantamento no texto dos traços estilísticos que diferenciam a linguagem dos dois cantadores.
7 - Há uma referência histórica no texto de que o Encontro se deu no século passado. Identifique-a.
8 - De acordo com a narrativa, quem é o senhor bom, humano e rico no texto? Romano ou o senhor de Inácio?
9 - Que significa a expressão: "Está na fama dos anéis"?
10 - Faça um resumo em prosa de algum folheto que você já leu.

SUGESTÃO PARA ESTUDO

1 - Fazer um estudo de organizações e notas de um folheto, verificando: título, autor, dados sobre o autor, tema, comentários, editor, local, data, estrofes, esquema de rimas, classificação quanto ao gênero (fantástico, religioso, heróico, cômico, histórico etc) e classificação quanto ao número de páginas (ilustração, não ilustrado, tipo de xilogravura, etc.)
2 - Redação: O negro na literatura.

Leandro Gomes de Barros (* 1865 + 1918)

Filho de Pombal, cidade do sertão paraibano, nasceu aos 19 de novembro de 1865 e faleceu a 4 de março de 1918 no Recife.

Câmara Cascudo, no seu livro ***Vaqueiros e Cantadores*** (1984, p. 388), descreveu-o como um caboclo "baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho, contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta de um nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, graça e oportunidade."

Considerado um dos melhores poetas populares de seu tempo, foi o primeiro a ter produção regular de folhetos e a viver, exclusivamente, de seus versos. Conservados em coleções, existem uns 120 folhetos distintos de sua autoria, apesar de lhe ser atribuído a produção de mais de mil folhetos.

"Estudiosos da literatura popular consideram este número exagerado, mesmo contando-se os pequenos poemas que ele acrescentava aos principais títulos para completar as 16 páginas"(1)

Foi editor proprietário de toda a sua obra e a impressão de seus folhetos era feito em várias tipografias do Recife.

Após a sua morte, Pedro Batista, genro de Leandro e irmão de Chagas Batista, poeta e editor paraibano, continua a editar a sua obra. Em 1921, João Martins de Athayde, poeta popular que comprou os direitos de edição, começa a publicar os folhetos sem o nome do autor. Desse modo, parte da obra de Leandro ficou conhecida como sendo de João Martins de Athayde.

"Criou tipos como João Lezo e Cancão de Fogo, os chamados "amarelinhos", típicos anti-heróis, ainda hoje presentes na literatura popular, na música e no teatro."(2)

Seus poemas podem ser analisados não só do ponto de vista lingüístico, mas também histórico, sociológico e antropológico.

Nos folhetos já estabelecidos como de sua autoria, nota-se o humor negro muito usado como recurso para descrever a pobreza, a penúria e o vulgar. Reproduzia nos seus versos a forma da fala popular do Nordeste, um dos motivos para as edições apresentadas na *Antologia da Literatura Popular em Verso,* livro de onde foi tirado o texto, serem fac-similares. Entre seus folhetos citaremos aqui os títulos seguintes: *Antonio Silvino o rei dos Cangaceiros; Batalha de Ferrabraz com Oliveiros; O Boi Misterioso;*

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba.
(2) OP. cit.

Branca de Neve e o Soldado Guerreiro; O Reino da Pedra Fina; História de João da Cruz; A Força do Amor ou Alonso e Marina; A Morte de Alonso e a Vingança de Marina; História de Juvenal e o Dragão; História do Soldado Jogador; Os martírios de Genoveva; Peleja de Manuel Riachão com o Diabo; O poder do dinheiro; A vida de Cancão de Fogo e o seu Testamento.

3.3 — PALAVRA FORTE (*)

Luiz Gonzaga Rodrigues

O texto a seguir revela a preocupação do cronista em registrar a fala do homem simples da roça. Utilizando-se da oralidade, ele revela alguns aspectos de situações em que o misticismo e a tradição sobrepujam as novidades da ciência.

O cronista traça um paralelo entre o homem do campo e o homem da cidade, sendo visível a sua simpatia pelo homem do campo que lhe parece mais autêntico, mais sincero, mais humano. Esse paralelo é traçado através da palavra. A palavra para ele é definidora do caráter do homem. Nesse sentido podemos afirmar que essa crônica é um texto metalingüístico porque nele se questiona a força da palavra no contexto social. Não só como expressão que serve para a comunicação entre uns e outros, mas como remédio para a cura dos males do corpo e do espírito: "a vacina da fé," cujo poder o homem recusa reconhecer.

A Solidão rural faz forte as palavras. É a palavra o único grande poder com que o camponês se apega. Poderes de oração forte, poderes de reza, de cura e de invocações sobrenaturais.

Não se fala em doença mortal sem que antes não se invoque "ave-maria, ave-maria, ave-maria', três vezes. A invocação é o preventivo mais eficaz, a mais forte imunização, a vacina da fé.

"Ele está com uma ferida, lá nele, aqui assim". O "lá nele" é suficientemente poderoso para não ser aqui em nós.

O touro desembestou, dobrou a cerca de arame, enroscando o homem entre os grampos e a corda. Quanto mais o impulso da fera esticava a corda, mais o arame dilacerava o corpo do homem enganchado.

(*) Título sugerido para o texto

Não houve remédio: "Valha-me Nossa Senhora!"

E a corda partiu-se.

É pela palavra que andantes e cavaleiros se associam nas trilhas rurais. Não se conhecem, nunca se viram, mas se falam. Os homens são mais iguais, são mais um do outro. Da mesma espécie.

Na metrópole o homem é multidão, transeunte de espécie vária e diferente. Vão aos encontrões, batem-se, cruzam-se como seres ou objetos de outra natureza.

No mundo rural vizinhos ou antípodas unem-se pela voz. Ninguém se cruza sem um bom-dia. O bom-dia é mais que um cumprimento, uma saudação: é a identificação solidária.

Nas ruas só cumprimentamos os que conhecemos. Na estrada a saudação é um conhecimento já feito, mesmo que as pessoas nunca se tenham visto.

A civilização urbana esvaziou a força das palavras. A palavra é mais uma comunicação que uma expressão. É um aviso, um sinal, um veículo, dificilmente um sentimento.

Há fórmulas vocabulares, estereótipos já construídos e previstos. Parabéns, pêsames são meros chavões sociais. Mesmo que a gente se alegre, mesmo que a gente sinta, usa-se a palavra como quem dá um presente ou uma coroa de flores.

A voz rural é a que diz de dentro para fora. É a que diz por necessidade. É a que exprime.

(RODRIGUES, Luiz Gonzaga. *Notas do Meu Lugar.* João Pessoa: Acauã, 1978. p. 170-171).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Segundo o cronista, há um motivo para que as palavras tenham um poder superior entre os homens do campo que não têm entre os homens da cidade. Qual é esse motivo?
2 - O autor utilizou a oralidade para dar mais autenticidade ao que ele tenta provar. Transcreva do texto passagens que comprovam essa afirmação.
3 - Se você leu com cuidado, deve ter notado que o autor procura provar uma tese. Cite-a.
4 - Por que o cronista foi buscar na palavra do homem do campo o argumento para a defesa do seu ponto de vista?
5 - Como se manifesta no texto a função metalingüística da linguagem?
6 - O cronista revela uma simpatia toda especial pelo homem do campo. Ele ressalta sua sinceridade. Com que frase podemos comprovar essa afirmação?
7 - Para o cronista, quais são os defeitos do homem da cidade e as qualidades do homem rural?
8 - Na expressão: "Ninguém se cruza sem um bom-dia". Qual a função sintática do **se?**
9 - Apesar de se utilizar de uma linguagem popular e até mesmo da oralidade, o cronista recorreu a alguns termos eruditos. Cite alguns deles e procure o seu significado no dicionário.
10 - Que expressão do texto mostra que a palavra tem para o homem rural poderes físicos e espirituais?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Gêneros literários: a crônica.
2 - Metalinguagem.
3 - Funções sintáticas: Se.
4 - Redação: O poder da palavra.

ESTUDO DE TEXTO

1 - Relacione as comparações existentes, no texto, sobre a musa inspiradora do poeta.
2 - No terceiro verso, há uma inversão de valores que se repete na segunda estrofe. Explique-a.
3 - Qual a expressão utilizada para caracterizar a figura divina?
4 - Procure explicar a conotação que as palavras destacadas dão a Corina no contexto: a) flor da ternura, de neve e leite. b) corpo melindroso de uma flor de muçambê.
5 - Que metáfora o poeta utiliza em relação ao sorriso de Corina?
6 - Qual o efeito da predominância dos adjetivos no texto?
7 - Observe as estruturas frasais do poema e verifique quais os tempos verbais utilizados.
8 - Rodrigues de Carvalho apresenta este poema da sua autoria junto com obras de outros autores, como "exemplos do lirismo de poetas nortistas, sempre sonhadores e contemplativos". Como se manifesta este lirismo?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisas: A imagem da mulher paraibana: Corina versus "mulher macho".
2 - Grave, no seu bairro ou na sua cidade, textos da literatura oral presente na memória do povo.
2 - Redação: Utilizando metáforas e comparações, escreva um poema sobre uma pessoa que você admira.

José Rodrigues de Carvalho (* 1867 + 1935)

Paraibano de Mamanguape, viveu muito tempo no Ceará, onde participou do grupo **Padaria Espiritual,** ao lado de outros poetas como Manuel Sabino Batista (paraibano), Antônio Sales e Manuel de Oliveira Paiva.

Escreveu três livros de poesias: *Coração, Prismas* e *Poema de Maio,* mas é como folclorista que o escritor se impõe no mundo das artes. Pesquisou sobre literatura oral e publicou,em 1903, uma obra que, segundo as suas palavras, "é um reflexo da vida do Nordeste com alguns elementos de outros estados."

"A religiosidade das classes humildes; a sua ignorância no seio da civilização; as secas; os heroísmos de uma população sofredora; a tortura dos fracos sob a pata de elefante dos "mandões'; a vida litorânea; a lavoura nas diversas zonas; a vida pastoril dos Sertões adustos; a emigração para a Amazônia; o Cangaceirismo: a fusão da sub-raça; aí estão contidos nesse amálgama de concepções anônimas a que dei o nome de *Cancioneiro do Norte*"(1)

Neste livro, ele explica toda a formação do folclore brasileiro através das manifestações que foram colhidas do povo: poesia popular, festas tradicionais, desafios, cantos e cantorias; e acrescenta no último capítulo uma seleção de autores consagrados para comprovar "que a poesia do Norte é o espelho fiel da alma desta parte do Brasil, assim entende de incluir alguns exemplos do lirismo de poetas nortistas sempre sonhadores e contemplativos"(2)

---

(1)CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte.* Rio de Janeiro: INL, 1967 - p.262
(2)id. ibid. p. 394.

UNIDADE II

O MUNDO URBANO

---

1 – A Cidade

---

2 – A Condição Humana

---

1 – A CIDADE

1.1 – NA CAPITAL DAS ACÁCIAS

Jomar Souto

No livro *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa,* de onde o texto foi escolhido, a cidade surge de corpo inteiro com suas praças, suas ruas, sua paisagem litorânea, seu povo. São poesias marcadas tanto pela emoção lírica como pelo caráter documental.

O poema revela assim algumas características impressionistas como o registro de impressões, emoções e sentimentos despertados no espírito do poeta, através dos sentidos, cenas e paisagens. Relevo à percepção visual do instante, valorização da cor, da atmosfera e da paisagem. Captação da verdade de cada instante, porque a vida é uma constante mutação.

Na Capital das Acácias,
treze horas e mormaço.
Domingo. Repetições
O tempo -- seta de cinzas
num espaço sem dimensões.

Na urbe de acácia e vidro
despalavram-se os senões
dos recusados pedidos
na sesta das dimensões.

Entrecruzar de canteiros
nos jardins de Tambiá
aos olhos e às mãos da moça
despida no seu sofá.

Trescalam cheiro de vida
e cheiro de resedá.
U'a moça delirando
na tarde de Tambiá.

Felipéia. Quinze horas
Domingo. Repetições
E o vento cortando a tarde
sazonadora de sons.

Na Praça da Independência,
hoje à noite, a moça vai
acender o seu mistério
na chama de qualquer pai.

SOUTO, Jomar. *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1977. p. 54-55)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Depois da leitura, fica-nos a impressão de que o poeta é um observador de detalhes, é um espectador que explora o cotidiano. Comprove essa afirmação com citações do texto.
2 - O sentimento de permanente transformação do mundo é evidente no texto. Como se constata esse fato?
3 - O sentido telúrico está presente em que versos?
4 - No verso "O tempo-seta de cinzas", que figura temos?
5 - Em que verso aparece uma imagem olfativa?
6 - O tempo dos verbos deixa no leitor a impressão de estar assistindo aos fatos descritos. Comprove retirando versos em que apareçam verbos no presente.
7 - Em que verso o poeta relembra a cidade antiga?
8 - Uma característica do texto é a liberação da frase, isto é, frases soltas, predomínio de frases nominais, sem conjunção. Cite alguns exemplos.

9 - Nas duas primeiras estrofes não houve preocupação com a rima. Mas na 3ª, 4ª e 6ª a rima aparece em que palavras?
10 - O texto propõe uma visão sensível (cheiros, sons, calor)de João Pessoa. Apenas uma estrofe sugere uma reflexão metalingüística. Cite-a.
11 - O erotismo instala-se na descrição do poema, como se o leitor estivesse diante de um quadro sensual. Cite os versos que evidenciam essa afirmação.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: Características do Impressionismo na literatura e na pintura.
2 - Frases nominais.
3 - Modos do verbo.
4 - Redação: Descreva o ponto de encontro dos jovens na sua cidade.

Jomar Morais Souto (* 1935)

Nasceu na cidade de Santa Luzia do Sabuji-PB, estudou em João Pessoa, fazendo o curso secundário e iniciando o curso de Direito. Colabora com a imprensa local como repórter de O ESTADO, embora a literatura seja objeto de sua dedicação. Poeta vinculado à geração de 59, publicou uma antologia com mais treze jovens poetas do grupo. Sua produção poética consta de três livros publicados: *Pedra de Espera* (1961) que recebeu o prêmio Augusto dos Anjos de Poesia (editado com recursos próprios); *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa* (1962), editado por A União, e *Fazenda de Murmúrios* (1980) publicado pela Editora Universitária - UFPb. De 1962 a 1964 conclui, em Recife, o curso de Direito. Colabora com suplementos do JORNAL DO COMÉRCIO e DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Na Paraíba, publica suas poesias no CORREIO DAS ARTES, suplemento literário de A UNIÃO. Sua poesia é de caráter participante, criticando e denunciando a situação de miséria do nordestino e da sua terra.

1.2 — LADO QUE CAVO QUE COVAS

Lúcio Lins

Este poema apresenta características marcantes da poesia concreta iniciada no Brasil por Augusto de Campos e Décio Pignatari. A desarticulação da sintaxe e as imagens-choque aparecem como num processo de justaposição ou montagem. Os elementos heterogêneos surgem sem ligações diretas entre si. Essa sintaxe aliada à brevidade e à condensação da linguagem e do verso parece remeter à realidade da vida moderna feita de instantes fugazes e aparentemente sem sentido.

Repete-se o título no início do poema para não romper a imagem concreta formada entre título e texto.

Lado que Cavo
        que Covas

quando de um lado
cavo
de um outro covas

é no cimento armado
                armando
a arquitetura prolixa
de não sobre sim sobre não

quando de um lado
cavo
covas
de um outro.

(LINS, Lúcio. *Lado que Cavo que Covas.* 2 ed. João Pessoa: Universitária, 1983. p. 13)

ESTUDO DO TEXTO

1 - O texto inicialmente provoca estranheza porque rompe com as normas da poesia tradicional. Que inovações você pode citar?
2 - O texto se assenta em oposições, gerando uma dialética. Quais são essas oposições?
3 - O fato poético é um questionamento constante, propondo e anulando significações. Com que verso podemos comprovar essa afirmativa?
4 - A associação do adjetivo com o verbo, na forma nominal, provoca, no poema, um jogo de palavras que recebe o nome de paronomásia. Procure definir esta figura de estilo e exemplifique com o texto.
5 - O poeta comunga com as idéias de um outro poeta (Apollinaire) sobre a possibilidade de mecanização da poesia fazendo o papel do engenheiro na reprodução mecânica das imagens. Com que versos podemos comprovar essa afirmação?
6 - No poema predomina a sintaxe interruptiva. Cite exemplos.
7 - Se afirmássemos que as características marcantes do poema são: a substituição da ordem intelectual pela ordem do subconsciente, a rapidez, a síntese e o polifonismo. Você concordaria? Explique porque.
8 - Quais são as duas ações básicas do poema?
9 -A rapidez e a síntese são características do poema moderno e da vida atual. Que expressão do texto aparece como representativa do mundo industrial?
10 - Que relação você encontra entre cavo e covas?
11 - A construção do poema é desarticulada. Explique essa afirmação.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Estudo dos homônimos e parônimos.
2 - Pesquisa: A poesia concreta no Brasil

Lúcio Lins (* 1948)

Nascido na cidade de João Pessoa, estudou em diversos colégios da capital até ingressar no Curso de Direito em 1970. Abandonou o curso para se dedicar à vida artística, participando de movimentos culturais como o Primeiro Festival Nordestino de Música Popular, onde ganhou o 1º. lugar com a Composição Vôo Livre, interpretada por Byaya.

Um de seus poemas foi citado no Catálogo de Objetos Inviáveis, pelo escritor Francês Jacques Carelman, ao lado de figuras como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Machado de Assis, André Breton e outros.

"Poeta que trabalha com lucidez, não esquece, entretanto, a virtualidade lúdica da linguagem, sem direcioná-la, contudo, rumo ao terreno estéril da gratuidade formal. Sua poesia é de matriz cabralina: linguagem enxuta, seca, contida e voltada substancialmente a um compromisso social e participante, sem desservir, como é a regra, ao rigor técnico e à beleza imagética da expressão. Ao lado da vertente "engajada" aparece a dicção de fundo romântico, saudando os abismos da alma, e as motivações de caráter metalingüístico, conformando-lhe a pluralidade temática e o sentido de modernidade".(1) Seu livro *Lado que Cavo que Covas,* publicado em 1982, foi muito bem aceito pela crítica local, obtendo uma reedição em 1983.

(1) Dicionário Literário da Paraíba.

R. – Já passa da meia-noite
E tu já deves afrouxar,
Depois teu senhor acorda
E manda te procurar,
Se não te acharem amanhã
Com certeza hás de apanhar.

I. – Seu Romano eu sou um Negro
Sinhá foi quem me criou,
Meu Senhor vê eu sair
Porém nunca me empatou
Eu que estou cantando aqui
Foi ele quem me mandou.

R. – É que diz todo negro
Ninguém deve acreditar,
Eu também tenho escravo
mando ele trabalhar,
quando estou fora de casa
Ele só quer vadiar.

I. – O que o senhor Romano diz.
É sempre um fato comum
Escravos de muitos homens
Passam semana em jejum,
Meu senhor tem 20 escravos
Senhor Romano só tem um.

R. – Negro cante com mais jeito
Veja sua qualidade,
Eu sou branco e sou um vulto
Perante a sociedade
Em vir cantar com você
Baixo da dignidade.

3.2 – O ENCONTRO DE INÁCIO DA CATINGUEIRA COM ROMANO DO TEIXEIRA

Leandro Gomes de Barros

O fragmento, aqui apresentado, pertence a um folheto de dezesseis páginas cujo tema inclui-se no ciclo de pelejas e desafios, muito encontrado no meio rural. Numa primeira parte, os desafiadores contam as suas bravuras e, em seguida, se agridem em torno do poder e do racismo. O senhor branco (Romano) é respeitado, dono de escravo, enquanto o outro é negro, cativo, não conhece as letras, mas apesar de não ter conhecimentos geográficos, continua sendo um grande cantador. A Peleja de Romano Caluête e Inácio da Catingueira é conhecida através de numerosas versões e constitui o "mito fundador" da cantoria nordestina.

[...]

R. – Eu agarro um cantador
Tiro-lhe dente por dente,
arranco língua e os olhos
Deixo a caveira somente,
Tiro-lhe o couro dos beiços
Deixo ele assombrando a gente.

I. – Cantador das minhas unhas
quando se solta é cozido,
Faço ele ir em lugar
que nem urubu tem ido.
Se escapar algum pedaço
quando cai é derretido.

1.3 – SIMPLES ODE À SEGUNDA CIDADE MAIS VERDE DO MUNDO

Eulajose Dias de Araújo

O poema parte de uma marca intertextual que aparece entre aspas no início da primeira estrofe: "Verde que te quero verde". Este verso de Frederico Garcia Lorca revela aqui a preocupação com o problema do desmatamento. O poeta se refere ao movimento ecológico que luta pela preservação da fauna e da flora e contra a extinção de espécimes raras necessárias ao equilíbrio da natureza.

"Verde que te quero verde"
Digo eu de João Pessoa,
Porque Garcia Lorca já disse
Da verde mata, da verde relva
Do verde verde, do verde
Verdemente violentamente
Do verde que destoa:

Um felino gato verde
Deu um pulo de Londres
A João Pessoa,
Se confundindo
Com o verde da Lagoa.

ARAÚJO, Eulajose Dias de. *Maresia dos Poemas*. João Pessoa: SEC-PB, 1976. p. 138.

ESTUDO DO TEXTO

1 - Analise o título do poema explicando os dois substantivos - chave aí existentes: **Ode** e **Cidade.**
2 - Retire do poema o verso que virou slogan dos ecologistas.
3 - Porque João Pessoa é chamada de "cidade verde"?
4 - Como, e em que verso, se manifesta o caráter de denúncia do poema?
5 - Explique a formação do neologismo **verdemente** no 6º verso.
6 - Explique o verso: "Um felino gato verde".
7 - Qual a primeira cidade mais verde do mundo?
8 - Quem é Garcia Lorca, citado no 3º verso?
9 - Quais as aliterações mais freqüentes no texto?
10 - Observar as variações da função morfológica da palavra **verde.**

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Função sintática do pronome relativo.
2 - Pesquisa: Compare os diversos textos de denúncia social desta antologia.
3 - Redação: O movimento ecológico brasileiro.

Eulajose Dias de Araújo (* 1932 + 1988)

Aprendeu com o pai a profissão de barbeiro, que exerceu até a sua morte, em João Pessoa.

Cognominado, pelo crítico Hildeberto Barbosa Filho, de "poeta contumaz", sua produção é imensa, embora só tenha publicado três livros: *Maresia de Poemas* (1979), *Arma Poética* (1983) e *Dilúvio de Palavras* (1985).

Acompanhou os movimentos **Geração 59, Grupo Sanhauá** e **Grupo Caravela,** sem se deixar influenciar por nenhum deles, mantendo a mesma técnica de composição e de linguagem, que adquiriu através dos tempos. Foi influenciado pela obra de Sousândrade, herdando "a técnica de aglutinação vocabular, a atração pelo léxico sonoro e pela interferência exploradora no interior do léxico, arriscando alternâncias gramaticais e mesmo a criação de neologismos, sobretudo na forma nominal de gerúndio dos verbos." [1]

Maresia de Poemas contém "reflexões teóricas (implícitas nos versos) sobre o universo da poesia" [2], num trabalho metalinguístico atento às novas formas de arquitetura do verso.

(1) Dicionário Literário da Paraíba
(2) Id. Ibidem.

1.4—LONGE DA PARAÍBA

Osório Paes

Este texto caracteriza-se pelo seu ufanismo saudosista. Desfilam nessas três estrofes a natureza singular com a beleza das florestas, do mar, das tardes serenas, das aves e das mulheres. Aqui se encontram os temas dominantes de Osório Paes: patriotismo, lirismo amoroso e mal do século, o que o vincula ao estilo romântico.

Paraíba, oh! minha terra,
Teu céu é todo de anil!
Risonhos dias tu guardas
De minha vida infantil;
Tu tens matas, tens florestas
Onde há cantos e onde há festas,
Linda harmonia sem par...
Paraíba! és meu sorriso,
Pois na vida o que eu diviso,
Tu tens e guardas, - meu lar.

Tuas manhãs são formosas,
Tuas tardes são serenas,
Por toda parte perfumes
De cravos, lírios, verbenas;
As noites, não sei dizê-las:
Existem nos céus, estrelas
Entre nós, cousa que mata
Aqui, um peito suspira,
Mais além, outro delira
No calor da serenata.

Morena de minha terra,
Morena que eu tanto anelo!
Depois morrer nos teus braços,
Envolto no teu cabelo,
Alma formada de arminho,
Boca de aroma e carinho,
Olhos de luz e bondade!...
Patrícias que eu tanto adoro
Tenho saudade, que choro,
Quem de ti, não tem saudade?

PAES, Osório. *Primícias.* Paraíba: Tipografia Paraibana, 1912, p. 79-80

ESTUDO DO TEXTO

1 - O poeta, na 1ª estrofe, manifesta grande paixão pela sua terra, através do eu lírico. Por quê?
2 - A 2ª estrofe é uma exaltação à natureza e à vida. Retire expressões que confirmem essa afirmação.
3 - Na 3ª estrofe, aparece a mulher vista em uma dimensão mais ampla: a musa que embriaga. Que sente o poeta pelas mulheres?
4 - Qual o tipo de amor que transparece na última estrofe?
5 - Que revelam as exclamações do poema?
6 - Ponha em duas colunas, em forma de comparação, o vocabulário que o poeta usa para descrever a natureza e a mulher paraibana. Em que elas são iguais?
7 - No plano da linguagem, o que predomina no texto, os substantivos ou os adjetivos? Exemplifique a sua resposta.
8 - Reescreva em prosa a primeira estrofe.
9 - Dê a função sintática do **que** na 2ª e 8ª linhas da 3ª estrofe.
10 - Que figura há no verso: "Boca de aroma e carinho?"

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Confrontar a visão lírica do poema lido com o saudosismo de **Canção do Exílio,** de Gonçalves Dias.
2 - Redação: Descreva a rua, o bairro ou a cidade onde mora.

Osório Paes (* 1886 + 1949)

Nasceu na cidade de Alagoa Nova e faleceu em João Pessoa em 1949, onde fez seus estudos, até a Universidade, diplomando-se em Odontologia. Poeta lírico, trovador espontâneo, cantor das praias e das paisagens paraibanas. Seresteiro, compositor de modinhas de grande fama popular, condensou sua obra em três livros: *Praias, Primícias e Emoções.*

"*A poesia do autor de Emoções* enraiza-se na desgastada tradição do confessionalismo romântico. Espontânea, é bem verdade, sua lírica não trai a preocupação com a forma, convivendo, assim, com o irrequieto ideário da liberdade formal, defendido pela escola de Byron e Musset."(1)

Primícias é uma coletânea de poemas que cantam o amor e a paisagem na visão ufanista que tem da sua terra.

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba.

2 – A CONDIÇÃO HUMANA

2.1 – ANO BOM PARA GANHAR DINHEIRO

Edilberto Coutinho

O texto, terceiro conto do livro *Sangue na Praça*, alude à época do "Milagre brasileiro" (início dos anos 70), em que o Brasil, sob regime de exceção e às custas de financiamentos externos, vivia na crença de uma expansão econômica permanente: "deixando o bolo crescer para depois dividi-lo", acentuavam-se de modo chocante as disparidades sócio-econômicas.

Desmontando orações, o narrador tenta ajustar os retalhos que sobraram de sua luta interior "(a dialética barroca: carne versus espírito / fé em choque com a razão / razão castrando a emoção) através do fluxo da consciência. Seus frágeis liames, devidamente indiciados pelo autor, estabelecem a medida do precipício: DIA - CONFISSÃO - VOZES - CRIME - AMIGOS - CORPO - AMOR"(1)

ANO BOM PARA GANHAR DINHEIRO!*

Garantia escandalosamente o jornal espetado na banca.

Às margens plácidas salve salve o gigante vive clima milagreiro. Quem dorme, sonha. **Deitado eternamente em berço esplêndido,** voz péssima, cantarolou. Desentoava sempre.

Milagre? Bem precisado andava de um. Para acabar com ela: a coisa.

Passou os olhos na lenga-lenga. Estômago côncavo de fome. Bem grande, a foto do bicho. O entrevistado: olho velhaco no focinho redondo. Quantos quilos de opíparas carnes comeria por dia

(1) COUTINHO, Edilberto - *Sangue na Praça.* Rio de Janeiro: CODECRI, 1979. p. 11

(*) Repetiu-se o título pela estreita correlação com o texto.

um porco assim de cevado? A imagem, fortíssima, o fez tontear: o canalha banhudo, na sua imaginação, abocanha pedaços incontáveis da mais sublime, distante alcatra. Estonteado. Poderiam tomá-lo por um bêbado (já a essa hora da manhã).

Caminha na direção do parque, em frente à banca de jornal.

Mal amanheceu, ela se apresentou, naquele dia. Parecia tremendamente poderosa. Imbatível, a coisa? Sempre muito perigosa, no primeiro assalto. Impressão do homem é que não vai resistir. O ataque violentíssimo, logo de manhãzinha. Capaz dele desexistir? Ela, violenta demais. Tenho que ficar bem tranqüilo, decidiu o homem. Pensar em brancas areias, areias e mar. Mas era preciso ter alguma arma à mão, dar o combate. Ao menos, arranjar com o que distrai-la. Mão no bolso. Daí retirou o engano da coisa. Um toco de cigarro velho de dias. Triunfante, começou a mastigá-lo. Engolindo devagar, devagarinho. Não fumava.

Meio do dia. Luz amarela de desespero. Olha toda essa gente que passa. Em algumas pessoas, o ar indecoroso de quem acabou de comer. Outras, indo pro bem-bom na Capital do País do Milagre. Essa palavra terrível... Indo para o... para um

ALMOÇO...
ALMOÇO!
ALMOÇO!!!

um grupo
bem perto.
gente saltando
de um carro em frente
a um...
a um
a um.

Moço;
podia bem estender a mão
para uma daquelas criatura.

Moço,
por favor...
(Talvez tenha falado baixo
demais; não pareceram
ouvi-lo).

Parado, olhando-os.

Decidiu-se, saiu andando. Tomou um bonde. Sempre filando notícias, hein, cara? Primeiro foi na banca. Agora, de um passageiro à sua frente, no bonde:

BONDES VÃO
LOGO ACABAR

Viajou no estribo. De graça. O bonde, quase vazio. As pessoas

já preferem mesmo, sacava, esses enormes diabos verdes, que passam numa chispada eletrizante pelo asfalto negro e o deixam um pobre louco - VUUUUPT - cada vez que passam, dá-lhe aquela zonzeira.

(A um...

A um).

Quando saltou, o cobrador gritou mendigo safado, sem-vergonha. Retrucou com uma banana.

Por safadeza que não pagava o bonde, ele? Não era isso, seo cobrador. Amava tanto o bondinho. Pagaria pagava se tivesse como com o quê. E sempre havia outros (esses sim, cambadas de sem-vergonhas) que não pagavam. Inclusive, tipos bem vestidos, parecendo gente finíssima da raça dos que almoçam, jantam, vão
a um...
a um
aum
(finalmente aquela palavra) A UM RESTAURANTE.

Restaria vomitar, se tivesse o quê. Se tivesse o que vomi-rest-auran-te-tar. Terrível, aquela aproximação: sentir as imagens imaginar o cheiro da comida quentinha. No estribo do bonde, vem aquele friozinho na espinha quando o monstro verde —VUUU-UPT

passa a toda brida. Roçando a pele dele.

E isto. Isto não é? Já não sabe mais nada. Ah, se tivesse que dizer ao cobrador, o senhor me desculpe, seo doutor cobrador não tenho com o que pagar a passagem, que ia fazer esse fuleiro de boné? (Homem fardado e de boné não era lá de meter medo?). Ia era chutar um infeliz na rua com um pontapé bem aplicado nos fundilhos.

E havia aquela precisão urgência urgentíssima de chegar ao centro da cidade. Não sabia bem ainda, qual a razão. Mas alguma coisa (sabendo) muito, de fato muito importante o esperava (não-sabendo bem o que podia ser). Saltou do bonde, voltou ao parque. Sonambulando, penetrou no verdeamigo. Não era o verde dos diabos verdes. Macio, seu colchão de grama. Quem sabia dele melhor do que ele mesmo?

COUTINHO, Edilberto. *Sangue na Praça*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979. p. 27-31).

ESTUDO DO TEXTO

1 - A camada fônica é muito explorada no texto para representar o seu significado. Exemplifique esta afirmação.
2 - No início do texto, o narrador afirma precisar de um milagre para acabar com a "coisa". De acordo com a temática do texto, o que é essa "coisa"?
3 - Segundo o texto, quem afirmava ser "Ano bom para ganhar dinheiro" e quem lia a entrevista?
4 - Qual o grande problema enfrentado pelo personagem-narrador do texto?
5 - A linguagem simples e direta do texto apresenta o cotidiano sofrido do homem comum, expressa a posição do autor diante dos problemas imediatos. Em forma de poema concreto, ele ressalta as duas faces do sistema político-social. Que faces são essas?
6 - O texto se arquiteta a partir de uma marca intertextual que é parodiada pelo narrador. A que texto de nossa língua essa marca se refere e qual as frases que identifica?
7 - O personagem é um observador e enquanto caminha percebe às notícias. Quais notícias lhe aparecem, segundo o texto?
8 - Como você entendeu a expressão criada pelo narrador: **capaz dele desexistir?** Compare com a expressão: **desassistido de vergonha,** na última linha do texto de Ariano Suassuna. .
9 - Qual a temática principal do conto?
10 - Qual o tipo de ambiente em que se desenrolam as cenas? Retire do texto palavras que ressaltem esse ambiente.
11 - Explique: "Quem sabia dele melhor do que ele mesmo", última frase do texto.
12 - Diferencie o sentido de **verde** em **verdeamigo** e em **diabos verdes.**

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Paródia.
2 - O conto contemporâneo.
3 - Pesquisa: A fonoestilística ou a fonética da expressão. (Bibliografia: Guiraud, Pierre. **A estilística.** São Paulo: Mestre Jou, 1978).
4 - Redação: Brasil, país dos milagres.

Edilberto Coutinho (* 1936)

Nasceu na Paraíba, onde fez as primeiras letras, mudando-se, desde cedo, para Pernambuco. Estréia na literatura em 1954, com o livro de contos (seu gênero preferido); *Onda Boiadeira e outros Contos,* cujo prefácio foi feito por Aníbal Machado que logo reconheceu no seu estilo, tenso e contido, o surgimento de um novo homem das letras.

É ensaísta e contista consagrado, conhecido no sul do País pela sua maturidade existencial e literária. Os jornais de Recife, como DIÁRIO DE PERNAMBUCO, DIÁRIO DA NOITE e FOLHA DA MANHÃ, não esquecem, através de Haroldo Bruno, Otávio de Freitas e Sebastião Uchoa Leite, seus escritos, salientando o uso da língua manipulada e controlada, o jeito novo de contar os fatos, a exploração de ambientes e tipos, o discurso esclarecedor de novas visões do mundo e o questionamento da sociedade.

No final do livro *Sangue na Praça,* há uma bibliografia de trabalhos publicados sobre sua obra, onde pode se observar o entusiasmo da crítica com a sua forma de expressão.

Depois de *Onda Boiadeira e outros contos* e *Um Negro vai à Forra,* livro que foi traduzido mais tarde nos Estados Unidos e lhe valeu ser escolhido representante do Brasil no *International Writing Program,* da Universidade de Lowa, EUA, passou 20 anos sem publicar nova obra de ficção, dedicando-se ao jornalismo. Mais tarde, aparecem *Sangue na Praça* e *Maracanã, Adeus.* Este último livro, reunindo 11 histórias de futebol, recebeu o prêmio *Casa de Las Américas,* considerado o maior prêmio literário latino-americano.

Escreveu:

Onda Boiadeira e outros Contos (1954); *Contos II* (1957); *Erotismo no Romance Brasileiro* (1978); *Rondon e a Integração Amazônica* (1969); *Rondon, o Civilizador da Última Fronteira* (1975); *Presença Poética do Recife* (1977); *Um Negro Vai à Forra* (1978); *José Lins do Rego - Vida e Obra* (1972); *O Romance do Açúcar* (1979); *Criaturas de Papel (1979); Maracanã, Adeus* (1980); *O Livro de Carlos (Carlos Pena Filho, poesia e vida)* (1983).

2.2 – PRECONCEITOS *

Ernani Sátiro

No texto, o narrador-personagem é o Dr. Paulo Márcio da Silva Lima, Bacharel em Direito, recém-formado, que tenta iniciar sua carreira de advogado na pequena cidade do Sertão, onde nasceu. Enfrenta os mais sérios problemas de interferência do povo da cidade em sua vida privada, especialmente no que concerne ao seu casamento. Há certos padrões e tabus que ele não pode quebrar. São normas que a pequena cidade impõe aos seus habitantes.

Escrito em 1ª pessoa, usando recursos da língua coloquial, não recorre freqüentemente, porém, ao discurso direto, a não ser quando se refere ao meio, como personagem coletiva que interfere na vida do homem e procura determinar o seu comportamento.

Na cidade, sei que meu namoro é o assunto de todos. Quando não estão comentando as questões e os crimes do Caboclo, estão falando nos meus amores. Toda a cidade se julga com o direito de opinar.

O casamento, num lugar pequeno como este, pertence menos aos namorados do que à sociedade local. O matrimônio é uma espécie de peça, que vem compor o arranjo coletivo da cidade. Deve ser, primeiro que tudo, "igual". Certos rapazes só podem casar com determinadas moças. É só como "dá certo". Os noivos devem ser da mesma camada social. Ele há de ser mais alto e mais velho. Um dos dois pode ser mais rico ou mais pobre. Isso não tem importância. Mas, se a moça for rica e o noivo pobre, este há de ser um titulado, um doutor. Tudo dentro de certos padrões. Nada que

(*) Título sugerido para o texto.

choque, que escandalize, que desagrade às regras do meio.

Depois, têm-se em consideração as famílias, os pais. E aí é que eu naufrago. Fábio Noronha não é um sogro à altura do dr. Paulo Márcio da Silva Lima, advogado e filho de José Mamede da Silva Lima, o velho Cazuza, fazendeiro rico e presidente do Conselho Municipal.

Pouco importa que a moça mereça o casamento e seja capaz de fazer a minha felicidade. Isso não tem a menor importância. Há o obstáculo do pai.

O mais grave, o mais acabrunhador para mim, é que vejo tudo isso com absoluta lucidez, ao escrever estas notas. Minha coragem só se encontra no isolamento, com meus pensamentos, minha pena e meus livros. É só pensar em qualquer ação, qualquer atitude de repercussão social, e logo me deixo dominar pelos mesmos preconceitos, pelas mesmas injustificáveis superstições que analiso e destruo, no fundo de meu pensamento.

De outro modo não se justificaria que eu visse sempre a sombra de Fábio Noronha por trás de minha amada, tivesse-lhe pavor, como se fosse um obstáculo moral intransponível.

Maria Augusta poderia contar com seu favor com uma situação privilegiada. Ela é uma moça "da Capital". Isso no sertão é tudo - ser da Capital. Quando qualquer rapaz da terra casa com u'a moça da Capital, e desde que ela seja pessoa razoavelmente vistosa e educada, então aquele rapaz passa a ser uma espécie de herói municipal. "Casou na Capital" - é o que todos dizem, cheios de admiração e agradecimento.

No meu caso, porém, é diferente. A moça é do Rio o que lhe devia dar ainda maior prestígio. Mas está morando aqui, de qualquer modo já faz parte do meio. Todos sabem que é pobre e trabalha para sustentar a casa. De modo que a vantagem, que porventura poderia levar, está prejudicada por outras circunstâncias.

Quanta coisinha miúda!

Preciso vencer esses preconceitos, bem o sei. Mas preciso vencê-los, primeiro que tudo, dentro de mim, e depois perante os outros. Preciso repelir as impugnações de pessoas, que nada têm a ver com a minha vida, mas se julgam com o direito de intervir no

meu amor e no meu casamento. Elas consideram, embora sem consciência mais nítida disso, que o fato interessa a todos, pertence à vida da cidade.

SÁTIRO, Ernani. *O Quadro Negro.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. p. 142-143

ESTUDO DE TEXTO

1 - Da leitura do texto se depreendem algumas normas sociais que controlam a pequena comunidade. Cite algumas delas.
2 - O narrador-personagem se revela um indivíduo de caráter fraco, vacilante, sem coragem de enfrentar o meio. Em que parágrafo isso mais se evidencia? Justifique.
3 - Explique a relação entre "ser moça da capital" e "herói municipal".
4 - Apesar de Maria Augusta ser do Rio, o que lhe conferia certa distinção, uma outra circunstância, porém, aos olhos do povo da cidade a torna indigna do noivo. Qual é esta circunstância?
5 - O que nos leva a classificar o narrador como narrador-personagem? Justifique com citações do texto.
6 - Sendo o foco narrativo da 1ª. pessoa, qual o tempo verbal predominante na narrativa?
7 - Observe o 3º. parágrafo e explique o significado da expressão: "E aí é que eu naufrago".
8 - O final do 2º. parágrafo é um resumo de como deveria se comportar um membro daquela comunidade. Que período caracteriza essa afirmativa? E de quantas orações se compõe ?
9 - O narrador procura retratar uma cena muito típica de cidade do interior, qual a citação do texto que comprova essa afirmação?
10 - A narrativa, no seu todo, revela o pensamento do personagem e os conflitos deste com o seu meio e consigo mesmo. Leia o último parágrafo e transcreva a frase que confirma essa afirmação.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Tempo verbal e orações subordinadas.
2 - Monólogo interior.
3 - Redação: As manifestações do preconceito social.

Ernani Aires Sátiro (* 1911 + 1986)

Nasceu em Patos, mudando-se para João Pessoa, onde iniciou seus estudos e dedicou-se ao jornalismo e à literatura, publicando seus primeiros artigos no jornal A UNIÃO. Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife, ingressou na carreira política, chegando a ser Governador do Estado em 1970.

Estreou na literatura em 1945 com *O Quadro Negro,* livro que rompe com a narrativa tradicional ao trabalhar elementos da estética da transgressão, explorando o regional através da linguagem, articulando as personagens na ação, sem preocupar-se com a linearidade dos fatos. Tanto em *Quadro Negro* como em *Mariana,* há uma sondagem do mundo interior do homem, enfocando o conflito do indivíduo frente à sociedade que o cerca. Daí a interiorização das suas personagens e o recurso freqüente à primeira pessoa.

Como poeta, participou de uma antologia organizada por Manuel Bandeira e publicou *O Canto de Retardatário,* apresentando a mesma preocupação com a metalinguagem já presente em seus romances.

Publicou: *O Quadro Negro* (1954); *Mariana* (1957); *Sempre aos domingos* (1978); e *O Canto do Retardatário* (1983).

2.3 – ÀS PORTAS DA CIDADE AMEAÇADA

Maria José Limeira

O conto abaixo, que dá o seu título à coletânea onde está publicado, manifesta claramente a desilusão da narradora ao observar a miséria que assola a cidade de sua infância, enquanto caminha angustiada com a presença de seus males. O final do texto é mais tenso; observa-se uma sondagem profunda da condição humana, na incerteza do amanhã.

Naquele mesmo dia, às portas da cidade ameaçada, eu desci a ladeira de São Francisco – os pés inchados – e visitei lugares já esquecidos ou quase nunca lembrados:

O rio Sanhauá.
O bairro do Varadouro.
A Estação Ferroviária.
A miséria.
A fome.
A mocinha desvairada.
A mulher enfeitiçada.
A fábrica dos Matarazzo.
Os locais desencantados.
O fantasma tresloucado.
As praias de areias brancas.
A baleia massacrada.
O comércio efervescente.
Feiras livres.
Supermercados.
Ruas largas e compridas.
Estreitos e calçadões.

Lagoa.
Bica.
Prisões.
Parques mal-assombrados.
Mandacaru.
Varjão.
Bispo e ilha irmanados.
Encruzilhadas.
Silêncios.
Mortes atropeladas.
Ladeiras.
Becos.
Painéis.
E a força dos quartéis.

Quando a noite desceu sobre a agonia dos homens, eu vi a inutilidade da volta à cidade de minha infância, um elo impossível de reatar.

Cansada, enveredei por uma rua suspeita, mal iluminada onde mendigos dividiam as calçadas para o sono - que foi desembocar novamente no largo da Estação Rodoviária.

E, no mesmo local onde a mala me fora arrebatada, eu me deixei ficar, qual girassol adormecido sobre o asfalto.

De repente, lá longe, apareceu o menino que o acompanhava a polícia numa farda desbotada.

Ele vinha cambaleando, cansado, a algema pregada no braço esquerdo, como um réu imperdoável. Do braço direito, pendia a mala, com as cores enferrujadas.

Parecia que havíamos marcado aquele encontro para o duelo final.

Finalmente, quando se deteve diante de mim, eu vi sua camisa branca ensangüentada e seu rosto deformado de pancadas.

Mas nos seus olhos não havia mais ódio nem pressa: somente duas lágrimas deslizando pelas faces.

E, no entanto, para ele, a vida toda não passaria disso, ódio, pressa, pancada e duas lágrimas deslizando em suas faces marcadas.

Quando a algema que o prendia foi tirada, ele não fugiu mais: ao contrário, como se merecesse os castigos recebidos, ajoelhou-se

aos meus pés a esbravejar um pedido de perdão irreconhecível nos soluços e essa imprevidência fez com que soltasse a mala com estrondo no chão, ela se abriu, esparramando nas pedras o resto de humanidade que me restava:

Uma lembrança alucinada se espatifava na calçada.

Pressas, gritos, correrias e, dentro de mim, a doença me consumia.

A partir daquele instante, eu não soube mais explicar quanto tempo me restaria.

LIMEIRA, Maria José. *Às Portas da Cidade Ameaçada.* João Pessoa: A União, 1980. p. 159-61.

ESTUDO DO TEXTO

1 - A narradora descreve a paisagem, colocando num mesmo plano de expressão dois aspectos nítidos no texto. Identifique-os.
2 - Faça a relação entre um plano e outro, retirando do texto as expressões usadas no processo de construção dessa paisagem.
3 - A narradora é também vítima dos males da cidade. Onde você verifica isso no texto?
4 - Qual o foco narrativo do texto? Comprove sua resposta com exemplos tirados do próprio texto.
5 - Há uma personificação da noite, quando a narradora ronda a cidade e sente a diferença entre a paisagem de ontem e de hoje de sua cidade. Identifique-a.
6 - Explicar o cenário em que se desenvolvem os fatos enquanto o narrador caminha pelas ruas da cidade.
7 - Analisar o estado psicológico do narrador e a sua preocupação em revelar o seu comportamento interior durante a narração dos fatos.
8 - Segundo o texto, qual a impressão que se tem da vida na cidade grande?
9 - Destacar as características do mundo moderno presentes na narração.
10 - Observar o aspecto formal do texto e caracterizar as suas partes.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisas:
- Os pobres na literatura da Paraíba (outros textos desta antologia)
- As escritoras paraibanas (levantamento e entrevistas).

2 - Redação: Os mendigos.

Maria José Limeira (* 1941)

Nasceu em João Pessoa, estreando na literatura com o livro *Margem*, coleção de contos que receberam referências animadoras de Assis Brasil e Fausto Nilo.

No jornalismo, fez programa de rádio, foi repórter e redatora da imprensa local, colaborando, ativamente, na renovação dos meios de comunicação na Paraíba.

A linguagem concisa dos seus livros é fruto da experiência que tem com a língua, escrevendo para o público, preocupada com a elaboração da mensagem sem prejudicar a objetividade dos fatos.

Sua obra nos dá uma visão do mundo insólito e perturbador em que habitam os homens. O cotidiano sofrido do homem comum, os momentos difíceis da situação política, os problemas sociais expressam sua posição diante da vida através dos seus contos.

Os contos, reunidos em *Às Portas da Cidade Ameaçada,* desnudam impiedosamente as misérias do cotidiano. Suas personagens revelam a falta de calor humano existente em nossos dias, são vítimas da realidade opressora e fruto dos problemas sociais. Elas atormentam-se, destroem-se, perdem-se entre os hábitos banais de uma existência vazia ou procuram buscar o sentido das suas próprias vidas nas camadas da consciência, captando a verdade e a lógica de ser.

Escreveu, além de *Margem* (1964); *Aldeia Virgem, além* (Contos-1965) *Olho no Vidro* (Novelas-1975); *O Portão* (1968 - novelas); *Luva no Grito* (Romance - 1968, publicado em 1985) e *Às Portas da Cidade Ameaçada* 1980 - Contos).

2.4 – A CRAVINA ASFALTADA

Geraldo Carvalho

O texto pode ser classificado como plurissignificativo: a conotação aparece em camadas superpostas, possibilitando várias leituras simultâneas; a ambigüidade, como conseqüência da conotação, desdobra o discurso pela sua densidade e perfeita elaboração.

Nada havia nos olhos daquele homem que comia. A boca estranha e fria mastigava ritmicamente dando a impressão de que os dentes não participavam do ato. Por entre as frestas dos dentes pequenos e amarelecidos pelo fumo, o comer aparecia gradativamente e era expelido para os lábios, lá ficando por instantes. Partículas de comer restavam às vezes nas finas comissuras dos lábios. Era quando a língua rápida e selvagem fazia o jogo impetuoso da limpeza. Não como se fosse complemento à ação já processada mas como parte integrante do todo.

Os olhos pequenos e de uma fixidez de peixe morto concentravam-se no movimento da flor que indiferente à sua presença na paisagem desolada da cela balouçava-se inconseqüente. Os gestos automáticos da mão ao levar o comer à boca lembravam os de um cego. A flor continuava indiferente dentro dos pequenos olhos do homem, tomando conta de quase todos os seus pensamentos. Só a boca malévola seguia sua função. Às vezes, a pausa acontecia por segundos; a boca parava em meio, os lábios tocavam-se levemente como se gozando o comer ou mastigando lento os pensamentos. Ninguém o notaria. A boca voltava ao seu ritmo lento e inexorável. E a brisa, soprando leve, balouçava a flor dentro do jarro.

A primeira vez que praticou o ato sabia haver perigo, mas o fez. O sentido da aventura já havia se apossado do seu corpo. Não era propriamente o roubo que o atraía ou mesmo a necessidade. O pai sempre supriu suas vontades; era o desejo de posse ilegal. O perigo deu-lhe uma importância que ele jamais sentira. Sentiu-se forte, corajoso, capaz de levar avante seus planos. Mas que planos? Fugir? E os amigos e a mãe? Jamais tivera o que comumente se chama amigos. Recebia-os em casa, conversavam, bebericavam, por vezes discutiam, mas nunca se sentira realmente preso por laços fortes de amizade a qualquer um deles. Todos eles pareciam árvores com cascas novas, nunca envelheciam suficientemente para a amizade; conservavam-se distantes apesar da proximidade cotidiana.

Planos... Quantas vezes os fizera na solidão do quarto ou solitariamente à mesa de um restaurante. Planos... O que importava a eles a sorte de quem quer; os planos de ontem se eles, os amigos, talvez nunca tivessem pensado no verdadeiro sentido daquela palavra sempre grata nas conversações diárias e que mais das vezes serve apenas para remate da palestra? Ele sim, tinha penetrado na verdadeira dimensão daquela palavra, para muitos irrisória, para outros séria demais. Nunca confiara a ninguém o seu segredo, a sua descoberta. Talvez rissem. Talvez ficassem sérios, os olhos parados tentando penetrar mais fundamente nos seus pensamentos querendo extrair deles mais do que poderia oferecer. Talvez se levantassem com maligna indiferença, sorrindo, não da palavra mas da mágoa que sabiam causar-lhe. Talvez... Poder-se-ia amar o perigo? A primeira vez foi como alguém que se jogasse em noite escura numa piscina; talvez estivesse cheia talvez estivesse vazia. Tinha de arriscar. A segunda vez o perigo já era amado. O presente, o momento, era tudo. As conseqüências? O pecado? Bastavam os momentos de repulsa e asco, da entrega total ou o deboche incontrolável. E cada dia a salvação parecia mais do que nunca remota e intocável. A angústia jogava o prostrado aos pés da contrição. As juras, porém, eram quebradas e vendidas sucessivamente. O arrependimento cercado era novamente espezinhado e calcado aos pés das ações mais vis. O desespero rondava as portas da misericórdia e tudo parecia desmoronar numa convulsão do inexorável. Buscava a piedade e encontrava-se inacessível qual gigantesca montanha

em horas de pesadelo. Não era só o prazer, pois nele procurava a Graça. O flagelo da humanidade pesava-lhe no corpo como uma nova cruz. A redenção talvez não fosse difícil como imaginava. Tinha havido sangue, mas a expiação estava sendo cumprida. Para alguns a lembrança é lenitivo, para outros somente sofrimento. O coração doía de tanta saudade. Nas entranhas sentia o calor da febre.

Levantou-se. Os olhos marejados embaraçavam-no. Na porta da cela, entreaberta, estava a Mãe. No cubículo exíguo ficaram calados, fitando-se. A mágoa crucificava o silêncio dos mortos. Desembrulhando o pacote que trazia ele disse apenas:

-- A flor.

Quando ela se foi, mais humilhada ainda, ele deitou-se na cama dura e vomitou. Naquele minuto a quase presença do irmão fez com que voltasse a cabeça em direção à porta gradeada. Era como se estivesse, em casa novamente.

O homem ajeitou-se na cadeira. Talvez comesse há horas ou mesmo há segundos, apenas. Os olhos tremeram levemente; a mão abandonando o garfo repousou no joelho. A flor pendendo e o rosto do irmão, dentro, gritando, e o sangue lavando suas mãos. O braço esquerdo tentando puxar o espaldar da cadeira e o braço direito espantando a visão manchada. A imagem do irmão tombando sobre o jarro onde a semente ainda não germinara. A cabeça erguendo-se e o peito procurando ar com sofreguidão. O arranco final e o gesto crispado à procura do jarro. A boca num esgar horrível, para ao meio, os lábios suspensos esperando que as pétalas viessem e pousassem entre eles e assim pudessem sentir toda lisura. O jarro caindo fora despedaçado e a cravinha inerte presa no asfalto pegajoso.

(CARVALHO, Geraldo. *A Cravina Asfaltada*. João Pessoa: Caravela, 1965. p. 43-45.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Apesar da opacidade do texto, procure determinar a partir de sua estrutura narrativa o lugar onde o personagem se encontra. Retire citações que confirmem essa afirmação.
2 - Duas vezes se menciona a palavra **ato**. No primeiro parágrafo, ato se refere a quê? E no terceiro parágrafo?
3 - Qual a justificativa que o texto dá a esse ato do personagem?
4 - Toda a ambigüidade do texto se assenta na palavra **flor**. Teria sido uma flor no sentido denotativo da palavra ou essa palavra remete para um outro sentido? Para você, qual o significado da flor, no texto?
5 - O último parágrafo evoca com dramaticidade a imagem do irmão. Quais frases caracterizam essa evocação?
6 - Observe o 3º. As frases finais encerram dois recursos estilísticos classificados como figuras de linguagem. Identifique-as.
7 - O narrador não dá nome ao personagem nem descreve seu tipo físico, mas algumas informações são bastante claras para traçar seu perfil psicológico. Quais são essas informações?
8 - Freqüentemente, o narrador sai do espaço real da cela e se fixa em cenas da vida anterior do personagem. O narrador passa a narrar os pensamentos do personagem, tornando o texto introspectivo. Assim sendo, que tempo predomina na narrativa?
9 - O personagem se sente angustiado, a narração mostra seu conflito interior: o amor ao perigo mas o medo das conseqüências do pecado; o prazer sensual em oposição ao desejo de salvação. Transcreva as frases que confirmem esse conflito.
10 - Esse conflito entre Deus e o diabo na alma do personagem, cria uma linguagem reveladora do agrado e do profano. Retire do texto as palavras que encerram essa dualidade.
11 - Dê a função do **se** na frase: **Quando ela se foi, mais humilhada ainda...**
12 - Justifique as reticências do 4º parágrafo.

SUGESTÕES PARA O ESTUDO

1 - Denotação e conotação.
2 - Anbigüidade
3 - Tempo cronológico e psicológico.
4 - Redação: O prazer de ler.

Geraldo Carvalho (* 1924 + 1970)

Natural de Nova Cruz, no Rio Grande do Norte, viveu desde a adolescência em João Pessoa. Fundador do Grupo Caravela, as suas atividades de animador cultural foram tão importantes quanto a sua atuação como crítico, ensaísta e contista.

Sua temática revela uma realidade amarga, uma angústia pessoal constante. Em *A Cravina Asfaltada*, o seu primeiro livro de contos, "o escritor transfigura uma condição existencial que parte da necessidade e carências afetivas que deixam o homem mutilado em sua integridade física e mental" declara o crítico Gemy Cândido(1), aludindo à paraplegia do autor, que vivia recolhido a uma cadeira de rodas.

Escreveu ainda *Três Contos* e *Pretextos,* uma coletânea de ensaios.

---

(1) CÂNDIDO, Gemy. - *História Crítica da Literatura Paraibana* p. 116.

2.5 – FESTA DE RUA

Saulo Mendonça

O poema aqui transcrito apresenta, através da linguagem, uma perfeita relação entre a representação e a realidade. É uma reflexão sobre o final da festa da padroeira, Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, que desmistifica a ilusão e a fantasia dos sonhos humanos. Esse final de festa é universal como a poesia, transcende o objetivo para captar a imagem real. No plano social, questiona a fé, a prostituição, e a delinqüência, num tom recatado e constrangido, ao fundir inquietação pessoal e problemas sociais.

Em cada verso, percebe-se que a festa dá lugar à paisagem triste da rua deserta.

Fim de festa. Rua triste.

Nossa Senhora padroeira
tornou a deixar o vazio
na rua da festa.

A roda-gigante lentamente
foi desarmada
peça por peça.
Seus viajantes sentindo
uma saudade gigante
com o pensamento levitando
nas alturas
sem querer mais parar
Do carrossel já retiraram
todos os cavalinhos cansados
pelo peso que fizeram
nos seus dorsos de madeira.

O passeio, a novena
a fé, os fantoches
se recolheram a distância.

E os fiéis da igreja
se tornaram infiéis.

As Marias
As Margaridas
moças levianas
encontradas na noite!...

As Rosas se foram
e as flores na igreja
com leve sabor de fim de festa
penderam-se para o lado.

Os aviõezinhos
fazem escalas na imaginação
do menino-aeroporto
com olhinhos parados
metidos na tristeza da rua
dizendo pra dentro dele:

a festa acabou.

(MENDONÇA, Saulo. *Espaço Amplo.* João Pessoa: A União, 1979, p. 42-43)

ESTUDO DE TEXTO

1 - Quais os elementos, segundo o texto, que vão se retirando depois da festa?

2 - A fusão do concreto e do abstrato é nítido na quarta estrofe. No mesmo plano de construção, estão o passeio, a novena e a fé. O que o poeta ironiza nesse contexto?

3 - Cite partes do texto em que o autor deixa transparente a relação metafórica entre mulher e flor participando da mesma tristeza no final da festa?
4 - Por que os nomes Maria, Margarida e Rosa aparecem no plural neste contexto?
5 - Segundo o poeta, "Nossa Senhora-padroeira / tornou a deixar o vazio / na rua da festa." Que conotação manifesta-se nesses versos?
6 - Verifique o tempo em que se encontram os verbos do poema e explique porque na estrofe:
"Os aviõezinhos
fazem escala na imaginação
do menino-aeroporto"... o verbo fazer aparece no presente do indicativo.
7 - Sendo o texto, no seu todo, uma reflexão sobre o final da festa, compare o verso inicial com o verso final e diga qual a relação existente entre eles.
8 - Em que verso se pode sentir a ironia do poeta em relação à religiosidade dos devotos de Nossa Senhora das Neves?
9 - Explique o jogo de palavras entre nomes de flores e de mulheres.
10 - Qual o processo de formação de palavras utilizado em **roda-gigante, menino-aeroporto.**

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Derivação própria e Derivação imprópria.
2 - Tempos do Verbo.
3 - Graus do substantivo.
4 - Pesquisa: A festa da Padroeira na sua cidade antigamente (entrevistas e depoimentos)

Saulo Mendonça (* 1950)

Nascido em Alagoa Grande, é poeta e cronista, residindo atualmente em João Pessoa, onde continua suas atividades artísticas, publicando-as eventualmente, na imprensa local.

Seus primeiros escritos revelam um certo lirismo, uma certa angústia espiritual, "alguns impulsos de ordem metalingüística e participante, e giram em torno do eu numa recorrente projeção da subjetividade".(1)

O seu mais recente livro, *Forte Silêncio,* sobre o Forte de Santa Catarina, em Cabedelo, deixa transparecer, apesar da dimensão épica assumida pelo poema, uma atmosfera lírica subjacente.

Escreveu: *Poemas do Instante* (1974); *Sombras de Agonia* (1976), *Espaço Amplo* (1979), e *Forte Silêncio* (1986).

---

(1)Dicionário Literário da Paraíba.

2.6 – NO BAIXO RÓGER

Francisco Pereira Nóbrega

Esta crônica teve grande repercussão quando da sua publicação no jornal O NORTE em 1984. A partir de uma notícia de jornal - sobre crianças que, num bairro de João Pessoa, sustentam suas famílias catando lixo o cronista propõe uma reflexão sobre a condição humana e os direitos do homem e da criança.

Num estilo límpido, porém formalmente elaborado, o texto usa de recursos intertextuais variados para, entre emoção e ironia, realizar plenamente seu objetivo de denúncia social.

Através do Róger, lá vai passando o caminhão do lixo. Entra na Rua Boissot que seus habitantes chamam de Rua do Boi Só. Franceses têm nomes nas vias onde brasileiros não sabem ler.

Lá vai o caminhão do lixo da cidade inteira, a grande fortuna dos desafortunados. Acumulado através das chuvas, fermentado através dos sóis, é um mar de doenças, um banco de vermes. Mas para as crianças do Róger é o poço de petróleo das Arábias dos miseráveis.

Seguido por pés descalços e barrigas vazias, lá vai, na capital paraibana, a grande esperança, no pão de cada dia. Porque, se cada um espera sempre mais, guarda, contudo, a esperança maior quem nada tem.

Essas crianças disputarão com os urubus a fatia de hoje. Disputarão com os vermes o último pedaço da podridão. Sobreviverão mais um dia porque ali jogou o caroço quem chupou a manga.

Acham o lenço que enxugou o vômito. Separam. Acham o sanitário portátil, coberto de sangue do tuberculoso. Separam. Será que isso ainda dá dinheiro? Acham, entre urubus, o feto do aborto, um crime que o lixo escondeu. Não, não separam. Isso não rende dinheiro. No lixo, como na cidade, gente não tem valia.

Acham um crucifixo, imagem do ser humano que não achou lugar na sociedade. Também separam para vendê-lo. Foi ele quem ensinou a orar: "o pão nosso de cada dia nos dai hoje".

Esse tema me vem à mente quando jornais mais uma vez noticiam que crianças do Baixo Róger, bairro de João Pessoa, vivem do que conseguem no lixo de cada dia. E com isso mantêm suas famílias.

As últimas notícias da imprensa nos dão conta de que elas chegam a duzentas. Isso não é, portanto, relato de mundo-cão, ditado pela fantasia. Mundo-cão, sim, mas fantasia, não.

Ainda estou falando de privilegiados. Esses duzentos menores remexem o lixo porque têm o privilégio, concedido pela Prefeitura local, de sobreviver graças a ele. Quem da Prefeitura não conseguiu essa licença nem lixo merece. E, nos termos da concessão, a Prefeitura expressamente diz que não se responsabiliza pelas conseqüências que daí possam advir.

Esse mundo-cão do Baixo Róger já foi largamente fotografado. Assim se deixam ver muitas outras cenas de lixo, como a mão humana, decepada, morta, ao lado da serpente, inane, morta.

Na Faculdade de Direito ainda hoje você ouvirá que todos os homens são iguais perante a Lei. Se o fossem, eu não teria como escrever essa crônica.

Nos cursos de Filosofia, de História, ainda hoje se decantará a Declaração Universal dos Direitos Humanos. E se acentuará, para honra nossa, que o Brasil a subscreveu. Nela está escrito que todo homem tem direito à educação. Para quem sobrevive do lixo, escola é luxo. Nela está escrito que todo homem tem direito ao teto, à veste. A quem falta o pão é luxo tudo o que cobre o corpo, seja a sombra da telha, seja a roupa mais vil.

Na Assembléia Legislativa ainda hoje dirão que somos todos livres, sem oprimidos nem opressores. Serão livres as duzentas crianças que mendigam o lixo? Serão livres seus dependentes? Dirá ainda alguém que elas não são oprimidas? E onde estarão

seus opressores? Senhores Deputados, emudeçam os discursos quando os fatos falam mais alto.

Lá vai passando o lixo do Baixo Róger. É a feira de duzentas famílias. É a esperança de quem nada tem.

(NÓBREGA, Francisco P. "No Baixo Róger", O NORTE: João Pessoa, 07.02.1984)

ESTUDO DE TEXTO

1 - O texto apresenta uma frase, repetida 3 vezes de modo quase idêntico, estruturada à maneira dos pregões de camelôs e vendedores de rua. Identifique-a e justifique o seu uso.
2 - A dimensão de atualidade jornalística está expressa no texto. Em que termos?
3 - Como se manifesta a intervenção do narrador no texto?
4 - Explicar a expressão "pés descalços e barrigas vazias". Como se chama esta figura?
5 - Estabelecer o duplo campo semântico de **lixo,** tal como aparece no texto, isto é, do ponto de vista do narrador e para as crianças do Róger.
6 - Qual a referência bíblica citada no texto? Além da citação exata, é relembrada em alusões. Procure-as.
7 - No 4º e 5º parágrafos, encontramos uma série de palavras usadas freqüentemente na poesia de Augusto dos Anjos. Identifique-as.
8 - Comente a expressão: "Jogou o caroço quem chupou a manga".
9 - O que é **privilégio?** O que traduz o uso deste termo aplicado à situação descrita no texto?
10 - Contrapondo a teoria à realidade, o narrador cita vários lugares, como sendo outros universos que ignoram o que realmente acontece no Baixo Roger. Cite-os.
11 - Comente a idéia de liberdade expressa no penúltimo parágrafo do texto.
12 - O valor atribuído pelas crianças aos objetos encontrados no lixo corresponde à visão de uma sociedade mercantilista, onde se perdeu o respeito à vida humana. Procure no texto as frases que justifiquem esta afirmação.

1 - Léxico: o aporte estrangeiro à formação do léxico português do Brasil.
2 - Pesquisa: - A Declaração dos Direitos Humanos.
- A Declaração dos Direitos da Criança.
3 - Redação: A criança sem infância.

Francisco Pereira da Nóbrega (* 1920)

Natural de Nazarezinho, é Mestre em Teologia e Doutor em Filosofia. Renunciou às funções sacerdotais. É professor universitário, assumindo cargos importantes no setor da Educação, no Estado e no município de João Pessoa, onde reside.

Publica, em 1960, *Vingança, Não* (Depoimento sobre Chico Pereira e Cangaceiros do Nordeste) (3 ed em 1989) para resgatar a memória do pai.

Nos últimos anos, vem-se notabilizando pelas crônicas, publicadas em O NORTE e outros veículos jornalísticos, e que conquistaram um público fiel. Aliando à sua fé cristã uma infinita confiança no homem, Chico Pereira propõe uma reflexão diária sobre a condição humana. Partindo de eventos da atualidade, interpela o leitor para despertar a consciência, usa com criatividade de recursos lingüísticos ricos e literariamente elaborados para provocar a indignação e a emoção. Sua crônica pode ser considerada plenamente como uma obra "engajada". É membro da Academia Paraibana de Letras.

Publicou ainda: *Rio Seco* (1967); *A Palavra na Construção do Homem* (1982).

2.7 – OXENTE OU YES?

Valdélia Barros

Janelas de Frente, livro de onde o texto foi escolhido, é um romance de caráter social, relatando os problemas cotidianos de uma família, documentando costumes, usos, lutas e anseios dos seus membros. O texto privilegia o humor e o caráter exemplar dessas "aventuras de uma família da classe média nordestina".

Em dezembro os Lira de Miranda viraram a casa pelo avesso. Com o décimo terceiro salário Ivan e Rosa Luísa às pressas mandaram pintar a casa e deram entrada na compra de uma geladeira. Vendo aquela granfinagem, d. Zulmira falou apreensiva:

– Pra que essa invenção?

– A senhora era quem mais pedia!

– Não desminto...

– E então?

– Vocês depois vão se apertar!

– Se não for assim, que outro jeito tem? — respondeu Rosa Luísa com o carnê da financeira nas mãos.

No outro dia, D. Zulmira, do primeiro quarto da casa passou a ocupar o último. Com ela seguiram: o quadro luminoso de São Francisco, os retratos dela e de Mirandinha retirados da sala e o rádio com a banca.

Distraídos com o proezar de Armstrong — o gato de Valentina — os filhos de d. Zulmira não lembravam mais o focinho de Nicolau, morto de tanto viver, seivando um pé de crote no fundo do quintal.

Tomavam altura os herdeiros de Mirandinha. E d. Zulmira pra olhar nos olhos deles tinha que levantar a cabeça sem dar mais pitaco, sequer na arrumação da casa.

Noite de natal, d. Zulmira num vestido comprado numa boutique se engranfinou também. Na sala, piscava a árvore de natal e os olhos da dona da casa, de tanto olhar pra o lado de cima da rua, na espera dos filhos.

– Uma hora dessas e o meu povo não chega!

– Os meus quando saem só faltam carregar a cama e o cobertor, acrescentou d. Nininha, mais pesada na balança do tempo aturando nas costas a cruz de seu Wanildo namorador.

– Ficaram de voltar logo e é quase meia-noite!

– Marginal por aí é que não falta!

– É o que digo. Quando novinhos deram tanto trabalho que no aperreio a gente tinha vontade de enjeitar. Depois de grande, se a gente pudesse amarrava na perna da mesa!...

Não terminou d. Nininha seu desabafo, com d. Arlinda a chamar por d. Zulmira.

– Zulmira, faz favor!

Cumprimentando seu Jorge, d. Zulmira ouviu o recado das filhas transmitidos pelo telefone.

– Estão na casa de Lili?

– Foi o que ouvi...

– Não me disseram nada!

– Gente moça só gosta de frevo, d. Zulmira -- disse seu Jorge, sem contudo despreocupar a vizinha.

– Saíram pra tomar um sorvetinho!

– Mas hoje é dia de Festas!

– Mas sabe como é, seu Jorge, filho nunca deixa de dar trabalho!

Com os ombros caídos no vestido novo ela voltou pra casa. Na sala, Rita de Cássia e Natacha -- duas moçotas -- cochilavam esperando os irmãos, enquanto Valentina sonhava com uma boneca Susy.

Em cima da mesa, decorada com dois lindos castiçais de vela vermelha, cheio de fitas e botas azuis, sobrou a torta de abacaxi!

* * *

Dois meses após esse natal, uma alegria alvoroçada farejou a casa de d. Zulmira. E na luz negra, os Beatles!

"Let it be, let it be, let it be..."

Enquanto isso a dona da casa pedia socorro pra não estourar os ouvidos.

– Ninguém sabe, comadre Nininha, o que diabo estão dizendo.

– E quando começam não têm fim!

Enjoando o cheiro das caipirinhas que passavam de boca em boca, com um disco de serestas debaixo do braço, mas sem chance de se aproximar da radiola portátil de Ivanzinho, d. Zulmira desabafou:

– Isto é lá festa! Isso é uma confusão!

– Só falta Neném! -- caçoou d. Nininha de conversa na sala da casa com seu Biu da Padaria, Maria Alice e Margarida.

Longe, na Bahia de São Salvador, tinha ido morar Nenem-Sabe-Tudo e Zefinha. Na casa de Pedrinho, cuidando dos netos teria tempo pra dar conta das igrejas e dos terreiros de xangôs?!...

– Pobre Neném -- lamentavam a ausência da vizinha que viajara contra a vontade.

Indiferente à conversa mole na sala de jantar a moçada de calça Lee desbotada, mini-saia, iêiêava. Olenka, no meio deles, festejava o seu nome na lista dos aprovados no vestibular.

– Satisfeita Olenka? -- perguntou o avô.

E ela sem fechar a boca:

– Oxente!... Yes!

(BARROS, Valdélia. *Janelas de Frente, romance kitsch.* João Pessoa: SEC, 1983, p. 137-139)

ESTUDO DE TEXTO

1 - Com a referência aos Beatles, calça Lee desbotada, mini-saia, iê-iê-iê, a que época o narrador se refere?
2 - Este texto apresenta marcas cronológicas internas à narrativa. Identifique-as.
3 - Porque esta história só poderia acontecer nesta época do ano?
4 - Procure os elementos que justifiquem a oposição Tradição/Modernidade, presente no texto a partir do seu título.
5 - Nos fragmentos "Distraídos com o proezar de Armstrong" e "a moçada de calça Lee desbotada, mini-saia, iêieava", aparecem vocábulos recriados a partir de um radical já existente. Explique o processo de formação destes vocábulos e classifique-os morfologicamente.
6 - Explique a expressão "morto de tanto viver". Como se chama esta figura?
7 - Como caracterizar a linguagem de D. Zulmira?
8 - Como se manifesta o cômico de situação e de linguagem no texto?
9 - O título opõe uma palavra inglesa a uma expressão tida como tipicamente nordestina. Procure no texto outros exemplos caracterizando esta dualidade.
10 - Como explicar a profusão de substantivos próprios no texto?
11 - O texto apresenta um retrato de uma família de classe média brasileira que descobriu o consumismo e os valores propostos pelos meios de comunicação de massa. Justifique esta afirmação e comprove com elementos do texto.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Neologismos lexicais.
2 - Pesquisa: A imposição de um modelo cultural (procurar em revistas e jornais sobre temas como Natal, a moda de inverno, etc. onde aparece uma representação totalmente estranha à cultura nordestina).
3 - Redação: A música que caracteriza sua geração.

Valdélia Barros (* 1949)

Natural de Campina Grande, é formada em Sociologia e funcionária pública. Iniciou na literatura com *Janelas de Frente,* romance da vida familiar urbana, que recebeu Menção Honrosa no Prêmio Fernando Chinaglia/1982. "Romance de ontem e de hoje", segundo o crítico Ivan Cavalcanti Proença, procura reconstruir uma época e um ambiente com uma linguagem marcada pelo humor e certa comicidade. A aparente heterogeneidade dos materiais utilizados justificam talvez o subtítulo "romance kitsch".

O livro de contos, *Um Anjo atravessa o Asfalto,* demonstra maior apuro lingüístico e segurança estilística.

Valdélia Barros é também compositora e teatróloga, com duas peças encenadas: *Vai começar de novo* e *As estrelas brilham mais.*

Publicou: *Janelas de Frente* (1983); *Um Anjo atravessa o asfalto* (1986); *Luísa, a menina que virou pipoca* (infantil, 1986).

1 – A RECEPÇÃO DO DEPUTADO *

Flávio Sátiro Fernandes

Você vai ler a retratação fiel do ambiente social onde se desenvolvem as relações políticas dos chamados "currais eleitorais' brasileiros. Nesse texto, Flávio Sátiro relata a visita de um parlamentar a sua terra natal. Através de uma situação, essencialmente cômica, ele ridiculariza a falta de conscientização do homem face aos problemas sociais e aos verdadeiros valores políticos.

Pelas nove horas, um grupo de pessoas se encontrava no campo de aviação, distante apenas três quilômetros da cidade, à espera do avião que traria o deputado Hermano Sales. O parlamentar, filho da terra, citado como o mais ilustre patoense, viria assistir à festa da padroeira e permaneceria na cidade, depois, para participar da campanha política.

Animada palestra travavam os que ali se encontravam: Deputado Carvalho Santos que, além de representante da região na Assembléia, era candidato a Prefeito do Município; Gualberto Lemos, boné branco à cabeça; José Santos, portando sua indefectível bengala; Dr. Cláudio, irmão do deputado Hermano Sales; Serapião Freire, agente dos Correios e cunhado do parlamentar esperado; João Barros, usando seus inseparáveis suspensórios; Orlando Mendes, funcionário aposentado; Massilon Meira, a voz rouca, resultado de sua ânsia em comer arroz doce fumaçando, ainda na panela. Foi só botar a primeira colherada na boca e o arroz sair queimando a garganta, a língua, toda a boca. Daí a sua rouquidão.

(*) Título sugerido para o texto.

Constituíam aqueles cidadãos o estado maior do líder federal. Bastava dizer "Hermano Sales vai chegar", e acorriam todos a campo para esperá-lo.

A conversa ali era dominada pelo Deputado Carvalho Santos. Onde quer que se encontrasse, o deputado chefiava o papo, envolvente. Era conhecido por sua graça, por sua facilidade em manter conversação sobre qualquer assunto. Apesar de não haver se formado, era muito lido e isso lhe favorecia o domínio de qualquer tema. Destacava-se na Assembléia, na tribuna, nos debates. Sua candidatura a Prefeito seria a tábua de salvação do partido governista. Era tido como o único elemento capaz de enfrentar o candidato adversário. Os jornais da Capital lamentavam que o Deputado se afastasse da Assembléia. Sua ausência, para assumir a Prefeitura, iria desfalcar o Legislativo. O próprio deputado reconhecia que iria deixar impreenchível lacuna naquela casa. Como, porém, recusar o apelo do povo de Patos e de seu Partido? Não era homem de correr com a sela, de fugir ao chamamento dos correligionários.

Tinha suporte popular o Deputado. Toda a sua vida levava a fazer o bem, a prestar favores. Nada tinha de seu. Até um jipe velho que possuía não era propriamente seu, era do povo. Servia para transportar doentes, fazia as vezes de ambulância, já que Patos não possuía nenhum veículo que àquele fim se destinasse. Nele mandava, também, conduzir pessoas aos sítios da redondeza. Distribuía remédios com a pobreza, minorava-lhe o sofrimento, supria-lhe as necessidades.

Antes de ingressar na política, Carvalho Santos era um modesto professor do Instituto Diocesano e jamais pensara em ser deputado. Por isso fora grande sua surpresa, quando recebeu o convite de Hermano Sales para ser o representante do município na Assembléia Legislativa. Custou muito a aceitar a proposta. Só depois de muitas considerações e apelos dos amigos, inclusive do Padre Nogueira, seu amigo e protetor, decidira concordar com o lançamento de seu nome a deputado estadual.

Não se arrependera da decisão. Eleito, logo se entrosara na nova vida. Nos comícios, proclamava demagogicamente que não mais se pertencia e sim ao povo. Muita gente maldosa vivia a insinuar que mais cedo ou mais tarde ele iria destruir Hermano Sales,

rebelar-se contra a sua liderança. Nunca! — protestava com veemência o parlamentar. Não era homem para ir de encontro ao chefe e amigo. Seria capaz de jurar de joelhos que sempre acompanharia o líder federal.

Agora, no campo, o deputado exaltava as qualidades do amigo.

Um menino gritou:

– Lá vem!

Todos acorreram pressurosos. Um minúsculo ponto, quase imperceptível, destacava-se no fundo azul da manhã clara. Alguns não haviam percebido, ainda, o avião. Perguntavam, ansiosos:

– Cadê?

– Ali, bem em cima daquela nuvem grande.

– Ah! sim, tou vendo.

Já mais perto, todos distinguiam as formas da pequena aeronave, que passava lá, adiante. Iria, ainda, sobrevoar a cidade, tomando posição para aterrar.

Vinha, agora, em frente, perdendo altura. Poucos segundos depois tocava o solo em sereno pouso. Passou veloz em direção a fim da pista. O motor roncou mais forte, o avião fez a volta. Veio se encaminhando para a pequena casa que fazia as vezes de estação de passageiros.

O piloto manobrou no pátio, estacionando a aeronave. A hélice parou de girar e a porta abriu-se.

O grupo dirigiu-se para o avião. Hermano Sales assomou à porta da cabine, acenando para os amigos e correligionários. Saltou para o chão, encaminhando-se para os que o esperavam. Cumprimentava-os um a um, com seu vozeirão, dirigindo-lhes palavras amistosas. Abraçou Carvalho Santos, Dr. Cláudio, Serapião Freire e os demais que ali estavam.

– Como vai a campanha? -- perguntou a Carvalho Santos.

– Por enquanto está parada, respondeu o Deputado, acrescentando: o Vigário pediu aos candidatos que suspendêssemos os comícios durante a Festa e nós concordamos.

– Muito bem -- aprovou o parlamentar – Vamos ajudar nossa Padroeira.

A comitiva encaminhou-se para os carros. Partiram em direção à cidade. Deixariam o parlamentar em sua casa, centro das mais importantes decisões políticas.

(FERNANDES, Flávio Sátiro. *Festa de Setembro.* João Pessoa: Igramol, 1974. p. 40-43.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - O texto recorre freqüentemente à ironia. Cite alguns exemplos.
2 - Localize o trecho em que o narrador descreve com maior ironia a chegada do Deputado. Justifique sua escolha.
3 - Selecione as palavras e expressões de que o narrador se utiliza para construir a caricatura da personagem principal do texto.
4 - Nos parágrafos 4º, 5º, e 7º, o narrador insinua dois aspectos típicos da política que servem de objeto para sua ironia. Quais são?
5 - Qual a relação entre política e igreja, segundo o diálogo no final do texto?
6 - O texto vem sendo narrado no passado. A partir de qual parágrafo e porque esta seqüência é quebrada?
7 - Verifique o significado da palavra **demagogo** (demagogia, demagogicamente) e qual das personagens poderia ser assim qualificado.
8 - Procure os empregos de crase no texto e justifique-os.
9 - Dê a função sintática do termo **filho da terra,** na 3ª linha do 1º parágrafo.
10 - Observe nos parágrafos 5º. a 7º. a utilização do discurso indireto e justifique a irrupção do discurso direto.

SUGESTÃO PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: Frase nominal e frase verbal, formas livres e formas presas (Macambira, *Estrutura Mórfica do Português)*
2 - Narração literária e narração técnica.
3 - Redação: Perfil de um político paraibano.

Flávio Sátiro Fernandes (* 1942)

Nasceu em Patos, onde estudou as primeiras letras, transferindo-se para o Recife, após o curso ginasial, para terminar os estudos secundários e bacharelar-se em Direito pela UFPE. De volta à terra natal, foi advogado de ofício durante dez anos. Exerceu diversos cargos no setor educacional e jurídico, em Patos, e depois em João Pessoa, onde reside atualmente. É professor universitário e Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado.

Estreou na literatura em 1974 com *Festa de Setembro,* livro de linguagem simples mas de consciência crítica acentuada em relação à política e aos fatos sociais. A festa da padroeira da cidade, motivo do enredo do livro, permite evidenciar os interesses dos poderes econômico e político locais. Os palanques, parques, panfletos, em nome do ornamento e da organização, induzem o povo ao voto de "cabresto" em prol do escolhido pelos "manda-chuva" da cidade. A corrupção das eleições é denunciada em todas as páginas do livro, nas grandes recepções feitas para os deputados e chefes políticos, fraudes eleitorais e no próprio eleitor, que vende o voto por um par de sapatos ou alguns metros de tecido.

Além deste romance e de vários livros sobre direito público e constitucional, publicou: *Augusto dos Anjos e a Escola do Recife* (1984) e *Geografia do corpo* (poemas, 1988).

2 – CREPÚSCULO DE SANGUE

Eudes Barros

O texto relata a repressão ocorrida no Recife em 1817, após o fracasso do movimento revolucionário. O autor retrata os sofrimentos e as torturas a que foram submetidos aqueles que se opuseram à política da Corte. As referências às pessoas, ao lugar e ao fato acontecido formulam as coordenadas espaço-temporais da narrativa.

Decorria um desses poeirentos e ardentíssimos outubros do Nordeste. Alguns meses já haviam passado sobre a grande aventura.

Cabeças fincadas em postes, corpos esquartejados, sangue, sangue, sangue — proclamavam e impunham a Justiça de El-Rei.

Alguns negros e mulatos, escravos alforriados e praças dos Henriques foram mortos a chibatadas. Trezentas chibatadas de uma vez! Os corpos ficaram reduzidos a postas de sangue. Sua Excelência, o governador Luís do Rêgo Barreto, tinha profunda aversão aos patriotas de cor. Os cadáveres eram atirados para as bandas do Trapiche Novo e da Senzala Velha. Que apodrecessem por lá... Asas negras aglomeravam-se no ar e pousavam os telhados e beirais das casas.

Um cheiro hediondo e mau de carniça espalhara-se pelas ruas centrais do Recife.

Quantas cenas de dor e de terror desenroladas às vistas estarrecidas do poviléu no Campo do Erário!

Na praça do Comércio continuava exposta, branquejando à luz do dia, a caveira do padre João Ribeiro. Poucas pessoas tinham ânimo de olhar para aquele crânio ainda coberto de cabelos, que o

vento arrepiava lugubremente. Em noite de lua, resplandecia, circundando de uma auréola sangrenta...

Os que atravessavam a praça, faziam o sinal da cruz e apressavam o passo. Dizia-se, à boca miúda, que, a altas horas da noite, aquela caveira falava, saudando a Pátria, a Independência, a República [...]

Pesava ainda sobre o Recife um ambiente de nervosismo e terror. Vivia-se ainda um regime de suspeitas e denúncias. Bernardo Teixeira, o Acusador Público, presidente da Alçada, levantava a sua tremenda voz, como uma besta apocalíptica: a salvação da Monarquia é o extermínio dos Rebeldes.

Espetáculos sinistros tinham abalado violentamente a sensibilidade do povo.

O vigário Tenório, debilitado pela febre como conseqüência de sua recusa a qualquer alimento na prisão; Domingos Teotônio, José de Barros Lima, Amaro Coutinho, Inácio Leopoldo, Peregrino de Carvalho e vários outros patriotas tinham sido enforcados e esquartejados no campo do Erário. Seus corpos sangrentos e lívidos, atados à cauda de poldros bravos, foram arrastados pelas ruas, seguidos de cães ladrando freneticamente, ávidos de sangue...

Muita gente assistira a essas execuções, aparentando alegria. Qualquer demonstração de piedade, assim como ausentar-se do local dos suplícios, daria lugar a suspeitas. Mas quantos espectadores daqueles dramas de brutalidade apavorante não tiveram os olhos úmidos de lágrimas que não podiam conter!

– Fostes mui feliz, Bento. Não sei como conseguistes escapar... reencetou Ramos a conversação interrompida pela passagem do dragão de El-Rei — Fostes mui feliz!

– Mui feliz! mui feliz! graças a Jesus e a Virgem Santíssima! Como sabeis: eu fui forçado a aderir àquela desgraça. Se eu tivesse impedido o casamento de minha filha com o finado Martins, teria sido esquartejado pelos bandidos que se aquartelaram lá em casa. Os bons juízes de El-Rei Nosso Senhor, na sua alta sabedoria, justificaram a minha conduta, graças a Deus. Sabeis vós que Luís do Rêgo é hoje meu amigo íntimo? Vou agora mesmo a Palácio convidá-lo a passar o dia de amanhã, com D. Zeferina, em nossa casa. Estais admirado?

– Sabeis, Bento, falou Ramos carregando o sobrecenho, como

se lhe atravessasse a mente uma recordação inquietante, sabeis vós que por mas que faça, não tenho podido dormir direito? Não há jeito de esquecer aquelas cenas de arrepiar cabelo... Não quero dizer que discorde da Justiça Real.

Bento anuviou-se.

– Eu só assisti ao enforcamento de dois condenados. De dois paraibanos, aliás. Não tive coragem de ver na forca o Domingos Teotônio, o vigário Tenório, o velho Barros Lima, o Antônio Henriques. Davam-se bem comigo e eu com eles... Caíram-me lágrimas quando vi esquartejarem os pobres homens, já mortos, os tais paraibanos, como se fossem reses... Ave Maria! misericórdia! as cabeças foram levadas salpresas para a Paraíba, segundo me disseram.

– Sabeis os seus nomes?

– Um se chamava Amaro Gomes. Era o chefão, lá da Paraíba. O outro era um rapaz assim como o Antônio Henriques. Não me lembro do seu nome... — Batendo na testa. — Ah! já sei! Peregrino. Peregrino de Carvalho...

Uma gritaria de moleques, em torno de uma cadeirinha de arruar carregada às carreiras por uns negros que parecia fugirem ao assalto, chamou a atenção dos dois homens.

– Cadê as trança, sinhazinha? cadê as trança?!

– Vá pedir as suas trança aos patriota, moça!

De dentro da cadeirinha surgiu uma cabeça de mulher jovem e bonita, com os cabelos cortados à Tito.

– Moleques safados! gritou a dama chorando de raiva.

Bento pegou no queixo. E num balanço melancólico de cabeça:

– Minha filha e minha mulher também cortaram os cabelos como aquela dama. Adeus, meu caro Ramos. Jesus e Maria Santíssima fiquem na vossa companhia.

E num tom apreensivo:

– ... vou a Palácio.

(BARROS, Eudes. *Eles sonharam com a Liberdade.* Rio de Janeiro: Ouvidor, 1962. p. 241-244.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - A que "aventura" o narrador se refere no início do texto?
2 - O que pregava a Justiça de El-Rei para impor a ordem?
3 - A que ficavam reduzidos muitos negros e mulatos?
4 - Onde ocorreram as cenas de violência descritas no texto?
5 - Que espécie de assombração aparecia na rua altas horas da noite?
6 - Que gritava Bernardo Teixeira como acusador público?
7 - Segundo o texto, como deviam comportar-se todos que presenciavam as cenas de violência?
8 - Ramos, personagem do texto, saúda Bento pela sua sorte. Que fez ele para também não ser esquartejado?
9 - Bento assiste algum enforcamento? Quem ele não tem coragem de ver na forca?
10 - Quem eram os dois paraibanos? Que fizeram com suas cabeças?
11 - Na última parte do texto, há uma cena de violência que interrompe o diálogo das duas personagens. Conte-a com suas palavras.
12 - Qual a reflexão de Bento ao ver a cena?
13 - Por que o título do texto é *Crepúsculo de Sangue?*
14 - Na primeira leitura do texto, percebe-se que a linguagem é informativa. O autor tem a intenção de narrar ou descrever os fatos objetivamente, sem ambigüidades, mesmo assim há algumas expressões que têm significado conotativo. Comprove, com exemplos do texto, esta afirmação.

SUGESTÃO PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: A Revolução de 1817.
2 - O romance histórico.
3 - Redação: Lutar pela liberdade.

Eudes Barros (* 1905 + 1976)

Nascido na vila de Alagoa Nova, hoje chamada cidade de Laranjeiras, começou seus estudos na terra natal, transferindo-se depois para a capital da Paraíba, onde concluiu o curso secundário e depois tornou-se autodidata, participando ativamente na imprensa desde 1926.

Iniciou-se no conto na época do modernismo, publicando seus escritos na revista ERA NOVA, órgão representativo da mentalidade renovadora da época. Seus escritos deixam transparecer a influência de Voltaire e Guerra Junqueiro.

Em 1928 passou a atuar na política partidária, seguindo uma linha conservadora, voltada para a formação cristã. Em 1929 foi para o Rio de Janeiro trabalhar como redator dos jornais CRÍTICA e RIO-JORNAL. Depois da Revolução de 1930 volta à Paraíba, onde foi dirigir O Norte que, na época, era um diário essencialmente político.

De volta ao Rio, em 1939, colaborou no MEIO DIA, na MOTÍLIA e no MUNDO. Aí morreu em 1976.

Eudes Barros ficou conhecido e divulgado como crítico, desde o seu ensaio sobre a obra *Eu* de Augusto dos Anjos. Saliente-se que, por este caminho, encontra-se a valorização de sua obra. Neste trabalho, há uma preocupação em expressar a forma de pensar e os motivos de inspiração do poeta, mostrando que o estilo não tem uma "individualização limitativa", mas sublinha "as correlações estilísticas, temáticas e psíquicas" de um autor em relação às influências.

O seu lado romancista está expresso nos romances *Dezessete* e *Eles sonharam com a Liberdade,* livros de cunho histórico que narram a revolução de Pernambuco. Revelam a seriedade com que trata os fenômenos sociais e econômicos da região, sem esquecer o cenário numa tentativa de reconstituir fielmente o espaço.

Suas poesias, embora primem por certas formas da poética tradicional, mantêm um compromisso com a modernidade ao tratar o aspecto regional, a situação de flagelo das secas.

Publicou: **Poesias:** *Fontes e Paús* (1920), *Sadi e Ágaba* (1924) *Cânticos da Terra Jovem* (1961)**Prosa:***O lírio do Cabaré* (1925); *Sacrifício* (1925); *Dezessete* (1939); *A Associação Comercial no Império e na República* (monografia - 1959); *Eles sonharam com a Liberdade* (1962); *O fenômeno estético de Carlos Dias Fernandes* (1972).

3 – SANTA CATARINA

Águia Mendes

Seguro morreu de fraco.
O Forte, o fraco
As ruínas do Santa Catarina.
Os canhões.
As sentinelas, não sei, eram
Dois holandeses?
Um homem-cachorro
Ou um cachorro-homem?
Os canhões já não fazem: canhõeeeeeeeeeessssssssss.
Em grito de guerra.
Muitos jazem por terra, sem sangue. Mortos.
Mas
Ainda há canhões de olhar soturno,
De olhar o tempo pelo orifício.
Vêem o que já não se vê mais.
Desiludidos, talvez.
Aqueles canhões já não fazem: canhõeeeeeeeeeessssssssss.
Em grito de guerra.
Seguro morreu de fraco.
O Forte, o fraco de Santa Catarina.
O tempo. A bala do vento.
A chuva. A exata expressão: erosão.
Balas do tempo. A sobra: O Forte-Fraco de Santa Catarina.

(MENDES, Águia. *Jardim da Infância.* João Pessoa: Universitária, 1979. p. 59)

O texto é um signo que, através da linguagem, do aspecto gramatical e do arranjo fonético, apresenta um referente: O Forte de Santa Catarina, construção existente em Cabedelo, desde a época dos holandeses. Com frases sincopadas e ritmo quase prosaico, Águia Mendes denuncia, poeticamente, a sua ruína, o seu desmoronamento através do tempo. Observa-se uma oposição entre o Forte de ontem, impregnado de recordações históricas, e o Forte de hoje, esquecido e abandonado.

ESTUDO DO TEXTO

1 - O poeta resgata, num verso, um provérbio popular que denuncia o estado de abandono em que se encontra o Forte. Transcreva-o.
2 - O poema se organiza em três movimentos. Faça a divisão e constate o que focaliza cada um deles.
3 - Interprete os versos:"Um homem-cachorro/Ou um cachorro-homem?"
4 - Usando um recurso fonético nos versos 9 e 17, o poeta sugere um significado. Explique-o.
5 - Ao nível prosódico, o "forte", hoje é o "fraco de Santa Catarina". O que denuncia a antítese desta expressão presente no 2º verso?
6 - Quais os elementos da natureza sugeridos no texto, que destruíram a construção do Forte?
7 - Explique o verso: "Balas do tempo. A sobra: O Forte Fraco de Santa Catarina".
8 - Justifique a pontuação do poema.
9 - Quais os versos onde se verifica a antropomorfização de um objeto?
10 - Determine o campo semântico dominante no poema.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Ortografia: Emprego de S e Z
2 - Pesquisa: O Forte de Cabedelo
3 - Redação: A preservação do patrimônio histórico.

Águia Mendes (* 1955)

Nascido em João Pessoa, José Carlos de Aguiar Mendes, conforme registra o cartório, é jornalista.

Com *Jardim da Infância,* ganhou o 3º lugar no Concurso de Poesia Augusto dos Anjos, promovido pela FUNCEP em 1978.

Seus versos breves revelam amplas possibilidades verbais na utilização de motivos da infância ou da vida quotidiana, no discurso paródico ou lúdico, "carnavalizado". Hildeberto Barbosa Filho situa-o "na paisagem de uma trajetória literária do melhor quilate (moralismos à parte!). O pulsar erótico, a inquietação místico-religiosa nas entrelinhas, a dimensão filosófica e a inventividade lingüística fazem da (recente) obra de Águia Mendes um texto complexo, mas, em todos os sentidos, agradável de se ler"(1).

Publicou: *Jardim da Infância* (1980), *Contos Policiais* (1981), *A Bíblia Profana* (1983), *Blue para um Cadáver Sonhador* (1987).

---

(1)BARBOSA FILHO, Hildeberto. *A convivência crítica.* João Pessoa: 1985, p. 151.

4 – UM ESTOURO

Osias Gomes

Estertor, de onde provém o texto abaixo, pertence à linha da narrativa fantástica, apresentando um mundo objetivo, através da fantasia e da reflexão. No texto há uma preocupação em mostrar que a ciência e a técnica imergiram o homem contemporâneo, que não percebe as transformações e prossegue como se nada tivesse acontecendo ao seu redor.

Enquanto o vagalhão de peregrinos se espraiava, problema mais agudo ocupou a atenção dos responsáveis pela ordem. Um assalto às farmácias e drogarias. Frente a esses estabelecimentos serpenteava a fila de compradores em impropérios contra os preços. Gritos ensurdecedores da freguesia apressada. E ululava quando portador de gente rica furava a ala e saía com o pacote.

Às três da tarde, o povo empurrou a resistência dos empregados e invadiu dez ou doze farmácias simultaneamente, como na execução dum plano previamente bolado. Seguiu-se o saque. Pilhas jogadas no piso, cada qual apanhava a mercadoria do seu interesse. Meia hora mais e as lojas estavam reduzidas a salas desertas, onde era difícil caminhar sem tropeço em detritos rescendentes a éter e essências que se volatilizavam.

A polícia, avisada, nada pudera fazer porque teve de fragmentar a ação em muitas frentes. Não deu vencimento aos cercos e prisões, e na apreensão dos produtos falhara, fácil aos infratores ocultá-los no bolso e esconderijos das próprias vestes. Mais de dez mil pessoas se locupletavam da operação predatória. E sobrevinha a ameaça de espichar-se a baderna a outras farmácias, culminando

em assalto à fábrica, no arrabalde distante, com as suas chaminés a fumegar sob a envaidecida inspeção visual de Lúcio.

Implantado o tumulto em Jagar Saaduta ordinariamente tranqüila no compasso urbano: parques e fontes melodiosas, edifícios de macios elevadores, ruas comerciais de calçadas rolantes, o metro, teatros e cinemas monumentais. Cidade a agasalhar civilização petulante, caprichosa da ciência e da tecnologia aplicadas ao bem estar. E, entretanto, a população de 8 milhões incluía 10 mil rapinantes.

– Estado de necessidade, explicava, à noite, ao Governador, o cerimonioso Chefe de Polícia. Estomagamento do povo contra a exploração dos laboratórios. A quase totalidade dos rebeldes inaugurava-se na prática do roubo. Crime ocasional e multitudinário. E mastigava razões psicológicas do delito, esfiapando-o com a citação de Gustavo Le Bon, na imponderabilidade da autoria incerta:

– Ou porque transpirassem os approaches do Instituto, dos quais não fez mistério a imprensa, ou por intuição, a plebe acabou por morar no sistema. Mergulhou nos segredilhos da higidez por doses cavalares de certas drogas. Então não esperou mais. Mandou os médicos pentearem macacos. Na rua se repetem pessoas que tiram do bolso uma caixa de pílulas ingerindo o conteúdo. Não sei, Governador, se o boato tem base científica, mas os remédios estão "agora" muito bem acreditados. Portanto é cada um pegar o seu...

E o escorreito mantenedor da ordem apalpou as algibeiras puladas. Ele também. Não fosse a austeridade do cargo, dir-se-ia que tomara parte no assédio ou andava especulando no mercado negro...

Pela noite a dentro a perturbação esmaecera como fato consumado. E o Governador acertava, com o recomposto auxiliar, espreguiçadas medidas de garantia dos estoques poupados à violência do golpe de mão.

A vida retomava o aspecto usual. Cinemas e teatros cheios. Dublagem dos shows de Paris e da Broadway, retransmitidos via plataforma-emissora. Frisas sacolejantes de moças nuas. Rebolados e strip-tease. Travestis externando suas perversões. Amores lésbicos, quadros vivos, espantosas desnaturações sexuais. Subversão dos sentimentos de recato na mentalidade erótica da sociedade. O público querendo mais. Mais nu, mais nu. Como em Her-

culano e Pompéia, e em Sodoma e Gomorra, varridas pela justiça do fogo... Ali murais fesceninos e escabrosas setas de indicação das vielas. Saturnais impudicas. Aqui o mesmo no cinema, nas revistas, na literatura, e de rabadilha a degeneração da máquina com o milagre da eletrônica para a perversão coletiva.

No mundo das sombras, as boites, as garçonières e os inferninhos, autênticos ou disfarçados prostíbulos. O adultério, a corrução de meninas. E, sublinhando tais desgarres, o jogo e as bebidas, o uso do LSD e dos entorpecentes, a juventude transviada, e as curras premeditadas...

Era para isso que já se debruçava sobre a cidade e o mundo a Terceira Dispensação?

Para afundar-se ainda mais no lodo o homem, a despeito da esperança de um arcabouço físico invulnerável?

(GOMES, Osias. *Estertor.* João Pessoa: Imprensa Universitária, 1972. p. 87-89).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Qual o foco narrativo do texto? Justifique.
2 - Onde se desenrola a ação do texto?
3 - Quem são as personagens que, no cenário, circulam?
4 - Que tipo de assalto é desencadeado na cidade? Por quê?
5 - Como é o cenário da cidade durante a noite?
6 - Dê o sinônimo de: locupletavam, petulante, rapinantes, multidinário, imponderabilidade, approaches, higidez e fesceninos.
7 - Quem é o personagem Lúcio citado no texto?
8 - Segundo o diálogo do chefe da polícia com o Governador, qual a causa do saque?
9 - Como se comportou a própria polícia diante da revolução?
10 - O narrador refere-se a Herculano, Pompéia, Sodoma e Gomorra no texto. Explique essas referências.
11 - Para o narrador, o que representa o mundo das sombras na cidade grande?
12 - Entre os tipos de composição, podem citar-se a descrição, a narração e a dissertação. Situe o texto entre tais tipos. Justifique a resposta.

SUGESTÃO PARA ESTUDO

1 - Linguagem erudita.
2 - Pesquisa: A visão do futuro nos livros ou filmes de ficção científica.
3 - Redação: A utilização do sexo na propaganda.

Osias Gomes (* 1903)

Nasceu em João Pessoa, é advogado, promotor, professor universitário e Desembargador aposentado sem nunca ter deixado de exercer suas funções.

Iniciou suas atividades jornalísticas em 1919 no jornal A UNIÃO, com apenas dezesseis anos, exercendo a função de revisor noturno sem perceber vencimentos. Em 1930 era diretor desse órgão, acompanhando todos os passos da Revolução que mudou a vida política da Paraíba. Foi colega de trabalho de Carlos Dias Fernandes, participando do movimento renovador da Cultura na Paraíba.

Na tribuna, destacou-se como excelente orador de vocabulário preciso e audaz.

Revelou-se como escritor com *Estertor,* livro de ficção científica e utopia social, embrenhando-se "pelos caminhos do fantástico, assunto que é uma das diretrizes de maior motivação em nossa época."(1)

Sua obra revela uma estrutura lingüística bem trabalhada, fruto de sua experiência com as letras desde a juventude. Ao lado do linguajar, quase retórico, há uma dimensão inovadora na temática e na comunicação.

No início de sua carreira, até 1948, ano em que tomou posse na Academia Paraibana de Letras, o gênero biográfico era a sua predileção. Escreveu sobre Epitácio Pessoa, Solon de Lucena, José Augusto Trindade, Clóvis Beviláqua, Carlos Dias Fernandes e João Pessoa, sendo *Estertor* seu único romance.

Hoje, idoso e sereno, reside no centro da Capital, participa de congressos e encontros literários, colaborando com sua experiência para o enriquecimento do meio intelectual paraibano.

---

(1) MORAIS, Pessoa. "Prefácio" in: Gomes Osias. *Estertor.* João Pessoa: Universitária, 1972. p. XVIII.

1 – EIS O MAR COM SEUS SÍMBOLOS, SEUS PEIXES*

Vanildo Brito

Eis o mar com seus símbolos, seus peixes
e sua face horizontal e profunda;
o mar molhado de miragens
e de fecundações desconhecidas;
o mar, útero do mundo, líquida
imagem do Absoluto. O mar.

Eis as pedras silenciosas
como danças lunares;
as pedras que lutam com o mar;
as pedras que escondem nas órbitas
as estrelas de sal e os sete enigmas.

E eis-me ao lado das pedras e do mar
(híbrido ser de angústia e de esperança)
construindo da própria solidão
esta palavra em que farei morada.

(BRITO, Vanildo. *A Construção dos Mitos.* João Pessoa: Autor, 1982. p. 54-55).

(*) Colocamos o primeiro verso para designar o texto inicialmente sem título

O texto é de natureza simbólica, isto é, a linguagem poética esconde uma realidade. Os elementos concretos funcionam como símbolos, e estabelecem uma relação entre o material e o espiritual, produzindo uma unidade profunda e obscura. É a realidade transfigurada em termos subjetivos. As imagens, sempre de estrutura sensorial, buscam o absoluto e o eterno. Toda a atmosfera desse poema sugere um estado de alma. O elemento humano aparece como forma diminuta diante da imponente paisagem. O poema se enquadra na proposta da "geração 59" que procura reagir contra o intelectualismo e libertar a poesia das amarras da técnica tradicional.Nessa ânsia de modernismo, o poeta despreza a rima e a estrutura convencional da estrofe.

ESTUDO DO TEXTO

1 - Inicialmente, você deve ter observado, que o título do poema corresponde às palavras iniciais da primeira estrofe. Esse título não foi dado pelo poeta que o deixou em aberto. Que título você daria a esse poema?

2 - O poeta parece tomado de um transe místico. O emprego do designativo revela o desejo de que o leitor participe dessa visão transfigurada. Retire do texto esse designativo.

3 - O poema, num tom altamente poético, revela o dualismo do ser humano. Que palavras representam esse dualismo?

4 - A vida é considerada como uma luta, numa competição. Comprove essa afirmação com uma citação do texto.

5 - Na primeira estrofe, não há verbos; na segunda, os verbos são de natureza dinâmica. Cite-os.

6 - A linguagem do poema foi organizada de modo a produzir arranjos artificiais, sugestões e explicações. Cite um exemplo de construção que produz arranjos artificiais, e outro que o explique.

7 - O texto revela uma concepção mística da vida. Comprove essa afirmação com exemplos do texto.

8 - Na primeira estrofe o poeta utiliza uma imagem de natureza filosófica em relação ao mar. Que tipo de figura foi utilizada? Transcreva-a.

9 - Sendo o poema a revelação do estado emotivo do poeta, onde aparece explícito esse estado?

10 - O ser humano tem pouca importância diante do aspecto simbólico da natureza. O Poeta, porém, exterioriza suas emoções em dois versos. Transcreva-os.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Símbolo e imagem.
2 - Verbos: dinâmicos e estáticos.
3 - Redação: O mar "útero do mundo".

Vanildo Ribeiro de Lira Brito (* 1937)

Natural de Monteiro, interior da Paraíba, iniciou sua carreira literária publicando seus poemas no *Correio das Artes* e participando da *Antologia de poetas paraibanos - geração 59.* Em 1960 publicou seu primeiro livro de poemas, *A Construção dos Mitos.* Dirigiu o suplemento literário A UNIÃO NAS LETRAS E NAS ARTES, jornal que reunia o grupo da geração de que participou.

Escreveu ainda dois poemas dramáticos: *A Serpente Alada* e *Andira,* ambos encenados por atores locais.

É professor universitário, lecionando Estética e História da Arte e colabora com o CORREIO DAS ARTES, publicando contos e ensaios sobre estética e filosofia.

Sua poética apresenta um sentimento ligado à terra paraibana e a sua linguagem traduz os aspectos da modernidade, manifestando-se "contra toda forma de intelectualismo e de erudição, lutando por impor a especificidade do estético e libertá-lo das amarras do convencionalismo".(1)

O soneto é sua forma preferida de composição poética para cantar o mar, o amor, os temas universais da alegria e da dor, mas isso não o impede de renovar sua arte com as técnicas atuais da poesia e com as fórmulas da lírica moderna.

Publicou: *A Construção dos Mitos* (1960), *Memorial Poético* (1985) e *Sinal das Horas/Cantigas de Amor para Inalda* (1987).

---

(1) CÂNDIDO, Gemy. *História Crítica da Literatura Paraibana.* João Pessoa: SEC - PB, 1983. p. 114.

2 – memorial do porto

Juca Pontes

"assim foi toda a vida
como está na fotografia"
(Marcos Tavares)

amanhece ancoradouro.
fulgura redemoinhos,
atraca selvagem fauna

estórias ausentes
de peixes & caranguejos
em lugar do mangue

praia de cabedelo
estuário de embarcações
pesqueiras.

deságuam mamíferos
marinhos: transladam
desfalecidas baleias

aportam alvuras brumas,
viveiro do homem-
cais, logradouro.

(PONTES, Juca. *Ranhuras do Corpo,* João Pessoa: Grafset, 1987, p. 37)

Ranhuras do Corpo, livro de onde foi escolhido o poema, está dividido em três partes com os subtítulos de "Músculo disforme", "Vivencial Lâmina" e "Artéria Exposta', representando uma síntese da poesia do autor que, ao preocupar-se com a geometria da forma, valoriza o mundo despercebido pelo senso comum, através da contenção vocabular e da precisão da mensagem.

"memorial do porto" situa-se nos conceitos da nova realidade literária pela rima e estrutura dos versos, pela frase fragmentada e pela relação arte/existência, arte/contexto.

ESTUDO DO TEXTO

1 - Observe o título do poema. A palavra "memorial" remete para livrinho de recordações, anotações de coisas passadas, lembranças. Que verso comprova esse título?
2 - Observe a estrutura do poema. Qual o tipo de estrofe e de verso utilizados?
3 - Faça um levantamento dos verbos, procure o seu significado e identifique a idéia comum por eles veiculada.
4 - Cada estrofe do poema focaliza um aspecto de Cabedelo. Identifique estes aspectos.
5 - Relacione a descrição de Cabedelo tal como aparece na questão 4 com a epígrafe do poema.
6 - Há no poema um verso onde se assemelha o homem ao animal. Explique essa relação, segundo o texto.
7 - Identifique o recurso fonético predominante no texto.
8 - Explique o verso "aportam alvuras brumas" da última estrofe.
9 - No primeiro e no último versos aparecem duas palavras, aparentemente sinônimas. Verifique o seu significado e mostre a sua importância no poema.
10 - Que versos manifestam uma preocupação social e qual a sua importância em função da *significação* global do poema?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Epígrafe e dedicatória.
2 - Elementos da lingüística: o aspecto sonoro da língua.
3 - Pesquisa: O tema do porto na literatura.
4 - Redação: descreva uma fotografia.

Juca Pontes (* 1958)

Nasceu em Campina Grande, iniciou sua formação literária em Caruaru-PE e domiciliou sua produção intelectual em João Pessoa, lugar onde reside, há quase quinze anos, dedicando-se ao jornalismo e à poesia. Como colaborador assíduo da imprensa local, além das publicações, trabalha o próprio jornal, organizando, criando, buscando fundo e forma para localização gráfica das idéias. Sua preocupação com o visual levou-o a publicar, em parceria com o pintor Chico Dantas, *Laçado corpo,* livro que une a palavra e os traços artísticos, visando a unificar a diferença entre homem e corpo, num ato estético, como se fosse uma radiografia que busca a exteriorização, a essência do ser. Em 1987 veio *Ranhuras do Corpo,* obra que reúne alguns poemas anteriores, numa outra forma de reescritura, a exemplo de "memorial do porto" e outros inéditos, ora evidenciando o social, ora comprometido com o próprio discurso poético.

Escreveu: *Reflexos do Espelho* (1977); *Carro de Boi-A Nova poesia paraibana* (antologia) (1981); *Laçado Corpo* (1984); *Ranhuras do Corpo* (1987) e *Imagem & Palavra* (ensaios) (1987).

3 – LUCENA

Américo Falcão

O texto abaixo foi transcrito do livro *Soluços de Realejo,* coletânea de poemas em que a temática é regionalista e realça a paisagem do litoral paraibano, o folclore e a vida social da terra. A preferência do poeta é pelo soneto tradicional, que ocupa mais da metade do livro. Poucos poemas fogem à lírica antiga, como é o caso deste.

À minha terra

Lucena é formosa enseada
Que se ostenta ao pé do mar
Eternamente beijada
Pelos lampejos do luar.

Nela se embalam contentes
Os leques dos coqueirais
E essas palmeiras virentes
Gracejam dos vendavais...

Na areia as vagas soluçam
E em madrugadas divinas,
Anjos no céu se debruçam
Para fitar-lhe as campinas...

A poesia se agasalha
Nos seus canteiros de flores,
E nos casebres de palha
Moradas de pescadores.

Sinto as mais fundas saudades
Nascidas de amarga pena
Das fúrias das tempestades
Nos coqueirais de Lucena.

Quero, oh Musa, que bendigas,
Tu que sorris e que choras
As cantilenas antigas,
Que ouvi nas passadas horas...

Ides a grande distância
Jamais vos encontrarei...
Cantigas de minha infância,
Que nunca mais ouvirei.

Lembro agora o lar paterno,
Horas que rindo passavam
Quando nas noites de inverno,
Minhas irmãs me embalavam...

Minh'alma em delírio vejo
Funda tristeza me invade,
Se uma cantiga solfejo,
Lembrando a primeira idade.

Pesares meu peito encerra
Minh'alma é toda sofrer
Cantigas de minha terra
Que me fazeis padecer.

Sinto profundo desgosto
Lembrando cenas d'aldeia
Quando depois do sol posto
Despontava a lua cheia.

Ai! que saudades penosas
De tudo que outr'ora amava
De umas cantigas saudosas
Que ao longe, um preto cantava

E hoje tristonho entre escolhos
Vejo-me um triste indeciso
Salta-me o pranto dos olhos
Quando em mim fulge um sorriso.

(FALCÃO, Américo. *Soluços de Realejo.* João Pessoa: 1934. p.XIX-XXI)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Que função da linguagem, além da poética, predomina no texto?
2 - Todos os versos têm rima, porém não há uma uniformidade entre elas. Observe a 1ª e a 3ª estrofes. Que palavras rimam nos versos pares e nos ímpares?
3 - O escritor romântico impressionado pela "visão" e pela "sensação., acaba por formar um estilo de base nominal, isto é, ênfase maior aos substantivos e adjetivos. Transcreva algumas expressões que comprovem essa afirmativa.
4 - Destaque do poema passagem em que ocorre personificação da natureza.
5 - Uma das características do romantismo é o retorno ao passado, o saudosismo. Em que estrofes isso se torna mais acentuado no poema?
6 - Há, no texto, abundância de pronomes, especialmente pronomes subjetivos, isto é, pronomes que expressam um voltar-se sobre o próprio sujeito da ação. Transcreva todos eles.
7 - Na primeira estrofe, a que se refere a expressão "eternamente beijada"?
8 - Os tempos verbais predominantes no poema são presente e passado. Uma estrofe, porém, rompe a estrutura e coloca os verbos no futuro. Qual estrofe? Quais os versos?

9 - Observe a quarta estrofe. No primeiro verso, o poeta se volta sobre o seu próprio texto, isto é, a poesia fala de si mesma. Esse recurso é muito utilizado pelos modernistas. Que nome se dá a esse tipo de recurso?

10 - Cite algumas características do Romantismo que você encontrou no texto.

11 - Em qual estrofe há uma invocação às entidades mitológicas? Justifique sua resposta.

12 - A partir da sexta estrofe, a tônica dominante é saudade, nostalgia, tristeza. Retire palavras do texto que comprovem essa afirmativa.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pronomes objetivos e subjetivos.
2 - Metalinguagem.
3 - Pesquisa: Características da poesia romântica.
4 - Redação: Uma paisagem marítima.

Américo Falcão (* 1880 + 1942)

Nascido na praia de Lucena, fez os estudos secundários na Capital e bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife. Poeta e jornalista, foi Diretor da Biblioteca Pública do Estado.

Representante do Romantismo na Paraíba, é considerado o poeta do mar, o cantor das praias. Herdou o lirismo extravagante da escola de Castro Alves, sofrendo, contudo, alguma influência do parnasianismo. A preferência pelo poema de forma fixa, a preocupação com a rima, a descrição da natureza, são frutos que se juntaram ao sentimentalismo exagerado encontrado na sua produção poética. É um ufanista exaltado, saudosista bem ao gosto romântico. Seu verso é doce e trovadoresco.

Pertenceu à Academia Paraibana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico.

Publicou: *Náufragos* (1924), *Visões de Outrora* (1924), *A Rosa de Alençon* (1928), *Soluços de Realejo* (1934).

UNIDADE V
O UNIVERSAL

1 – Amor

2 – Angústia

3 – Vida e Morte

1 – AMOR

1.1 – EU QUERIA FAZER TUA POESIA

Marcos Wagner Agra

Há, no poema, uma preocupação com a sua própria construção: a metalinguagem de seus versos questiona a arte poética, preferindo o aspecto concreto das imagens, tornando a linguagem seca e quase prosaica. "Eu queria fazer tua poesia" possui marcas intertextuais referentes a um poeta moderno que tem, como motivo para seus escritos, a construção racional do objeto poético: João Cabral de Melo Neto. "Cão sem Plumas", expressão do segundo verso do poema, é título de um livro desse autor, que descreve a paisagem do Capibaribe, transformando o rio em personagem.

O aspecto formal do poema foge às fórmulas tradicionais: versos pares, ricos de metáforas, rima única. O poema questiona a sua poeticidade.

Para Cassandra

Eu queria fazer tua poesia, uma
nota de música, ou rio, "cão sem pluma".

Eu queria um grito de amor, e dor alguma
me faria transformá-lo assim em espuma.

Eu queria cantar tua poesia numa,
mas só sai este verso mixo, cor nenhuma.

Eu queria um grito de amor e dor alguma
mas só sai esta rima frouxa, esta espuma.

AGRA, Marcos Wagner. "Eu queria Fazer tua Poesia" in: PRESENÇA LITERÁRIA. João Pessoa: SEC, 1984. nº 3, p. 20)

ESTUDO DO TEXTO

1 - No poema, há uma preocupação com a palavra, a linguagem e o aprimoramento estético, visando a transmitir uma emoção. Transcreva os versos que denotam essa preocupação.
2 - O eu-lírico visualiza o seu desejo através da repetição: "eu queria...". Com essa repetição, o que ele procura encontrar?
3 - A repetição constitui o modo de construção do poema. Evidencie o paralelismo dos versos.
4 - Compare a 2º estrofe com a última e comente.
5 - Esquematize no texto o processo de construção e desconstrução do poema.
6 - Procure no poema as marcas musicais.
7 - Classifique morfologicamente **numa** (1º verso da 3ª estrofe)
8 - Justifique o emprego da vírgula nas quarto estrofes

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: Ler *O Cão sem Plumas* de João Cabral de Melo Neto.
2 - Intertextualidade.
3 - Redação: A arte de escrever.

Marcos Wagner da Costa Agra (* 1948)

Nascido em Campina Grande, é Mestre em Língua Portuguesa e professor universitário. Junto com Bráulio Tavares, produz o que há de mais importante e inovador na poesia de sua geração (**Grupo Garatuja**). Marcas de sua poesia são o gosto pelo conceito, e exercício aliterativo e uma imagística às vezes audaciosa."(1)

É também ensaísta e contista, publicando seus escritos em revistas e antologias paraibanas *(Revista Garatuja, Carro de Boi, Presença Literária)*.

(1) Apud Chico Viana, in: PINTO, Sérgio de Castro (org). *Coletânea de Autores Paraibanos.* João Pessoa: Secretaria de Cultura, s.d. p. 154.

1.2 – O RETRATO AUSENTE

Marcos Tavares

Nesse poema, que apresenta algumas características da nova poética brasileira, tem-se o exemplo de um texto-ideologema, denunciado pela estrutura dos versos que dão as coordenadas históricas e sociais:

a. Explora várias possibilidades do significante, tais como: sonoridade e forma.

b. O campo fonético vale-se de figuras de repetição sonora como a aliteração.

c. O material significante assume o primeiro plano.

d. É um discurso poético que se opõe ao sistema e, através da ironia e das metáforas, procura diluir o código ideológico dominante.

O RETRATO AUSENTE I

Jogou seus sonhos de amor
no barco de um marujo
naufragado.
Perdeu,
a virgindade e seu lugar
no álbum.

Meu tio arrancou o seu retrato
e escondeu, sob o bigode, o riso.

Há uma página vazia
no álbum e na lembrança.
Um medo imortal
que dança
uma cancan sobre a memória.

O RETRATO AUSENTE 2

Honrava pai e mãe até o dia
que o marinheiro atracou no seu porto.
O velho quase morre de desgosto,
mas a moça detestava a calmaria.

Desenrolou as velas e partiu
dançando um fox trote.

Arrancou a âncora do útero
e navegou em direção à vida.

O RETRATO AUSENTE 3

Ficou no cais
esperando o navio
mas foi o tempo
que passou.

Içou as velas do leito
e à noite, audazes marinheiros
lhe abriam a quilha
fez água
e naufragou um dia
com os porões cheios de mágoa.

(TAVARES, Marcos. in: PONTES, Juca. *A Nova Poesia Paraibana*. João Pessoa: A União, 1981. p. 233-234)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Observe que o poema começa com um verbo de ação "jogou". Como você interpreta esses primeiros versos, levando em conta o verbo inicial que tem uma maior significação no poema?
2 - Que significa ter perdido o lugar no álbum?
3 - Freqüentemente o poeta se utiliza de visualizações. Na terceira estrofe da parte 1 que visualização aparece e que representa?
4 - A segunda parte inicia com uma paródia ao texto bíblico. Transcreva-a e explique-a.
5 - Aparece, no poema, um elemento desencadeador de toda a mudança. É o elemento desestruturador do sistema. O que é e o que representa?
6 - Observe nos versos: "O velho **quase morre de desgosto/** mas a moça detestava a **calmaria**". Que figuras temos nos termos sublinhados?
7 - Como você interpreta os versos: "desenrolou as velas e partiu dançando um fox trote"?
8 - A que fato remete o verso: "arrancou a âncora do útero"?
9 - O poeta explora com bastante propriedade a repetição sonora de consoantes gerando aliteração. Onde ocorre e com que consoantes?
10 - A terceira parte, isto é, no Retrato Ausente 3, temos uma estrofe que, na sua linguagem metafórica, revela que a moça se prostituiu. Qual o verso que denuncia esse fato?
11 - Em que estrofe se dá o desenlace da história?
12 - Você deve ter notado que neste poema tão rico de metáforas náuticas se conta uma história. Resuma em prosa essa história, verificando o porquê da inversão narrativa do texto.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Ironia e metáfora.
2 - Verbos dinâmicos.
3 - Redação: A virgindade feminina.

Marcos Tavares (* 1948)

Nasceu em Ingá do Bacamarte. Foi o fundador do **Grupo Sanhauá**, com a revista COURO.

Homem de teatro, ganhou o prêmio do Concurso Paraibano de Textos com a peça *O dia que deu Elefante* e, dois anos mais tarde, foi segundo colocado nesse mesmo concurso, com a peça: *Sociedade Anônima*. Em 1974, *Hoje a Banda não sai* recebeu o prêmio nacional SNT/MOBRAL.

Além de teatrólogo, é poeta e jornalista. Em 1978, teve o 1º lugar no Concurso de Poesia Augusto dos Anjos, da FUNCEP.

Segundo Jurandy Moura, "Marcos Tavares é cultor de uma poesia atenta ao brilho e à textura da palavra. Isto é, a sua dicção poética é límpida, metálica, mas não se nega ao jogo barroco das aproximações, e daí provém o encantamento dessa poesia, [...] cultivado através da imagem e da metáfora".(1)

Com o *Réquiem para a Confederação dos Tamoios,* iniciou uma poesia de humor recorrendo à paródia.

Publicou: *Fuzuê e Finados* (1963), *Dual dos Incriados* (1964), *Réquiem para a Confederação dos Tamoios* (1977), *Agora o pavão sem mistérios* (1979), *Notícias de jornal* (1980).

(1) PINTO, Sérgio de Castro et alii - *Antologia Poética - Geração Sanhauá*. João Pessoa: Universitária/UFPb, 1979.

1.3 – PERFÍDIA

Perylo Doliveira

Este poema pertence ao livro *Caminho Cheio de Sol,* onde o poeta fala da vontade de viver, dos seus amores, quase sempre idealizados, da sua dor e da sua solidão.

"Perfídia"é uma evocação dos tipos de mulheres que povoaram a vida e o sonho do poeta. Estas flores que lhe ferem as mãos e peito são contadas ao nível prosódico até o penúltimo verso do poema, quando o processo de construção quebra o ritmo através da adversativa "porém" e o lirismo assume um sentimento trágico diante do objeto descrito: "Todas elas, **porém,** guardam espinhos/para ferir as minhas mãos...".

A sensualidade e o erotismo dão lugar, na última estrofe, a um estado de sublimação, a um mergulho no mundo interior que se projeta numa realidade superior, espiritual, e atinge o universal — "que é como todos os caminhos" (v.21) — relutando o desejo carnal, o material.

Há muitas rosas pelo meu caminho.
Há rosas rubras como bocas
incontentadas, rosas loucas
que reclamam carinho,
que parecem possuídas
de uma ânsia insatisfeita de beijar.

Há rosas tristes, rosas místicas,
brancas da cor das hóstias, rosas eucarísticas,
somente dignas de um altar.

Há rosas amarelas, cor de tédio,
e roxas, cor da angústia sem remédio
cor da saudade vã de quem espera
uma alegria que não vem...
Outras há tão ricas de perfume
que nelas se resume
toda a glória aromal da primavera.
E outras ainda, cuja cor
tem qualquer coisa de ironia e desamor...
assim como um sorriso de desdém...

Há muitas rosas pelo meu caminho,
que é como todos os caminhos
povoado de esperanças, de desejos vãos.
Sim, muitas rosas!
Todas elas, porém, guardam espinhos
para ferir as minhas mãos...

(DOLIVEIRA, Perylo. *Obra poética.* João Pessoa: A União, 1983, p. 134)

ESTUDO DO TEXTO

1 - De acordo com a linguagem metafórica do texto, quais os tipos de mulheres que povoaram os sonhos do poeta?
2 - Pode-se notar um tipo ideal de mulher?
3 - Há um verso que serve de sustentação à idéia central do poema. Transcreva-o.
4 - A obsessão pelas cores, tão característica dos simbolistas, aparece no texto. Coisas abstratas como a saudade, o tédio, a ironia e outros substantivos são cromatizados. Transcreva os exemplos contidos no poema.
5 - Que significa a expressão "alegria aromal da primavera"?
6 - O poeta fala de si mesmo, de sua angústia, o que se depreende da utilização do pronome de primeira pessoa, mas há um verso em que ele **universaliza** o seu sofrimento. Transcreva-o.

7 - O poema tem ritmo melódico, cadência musical, outra característica marcante do simbolismo, por isso a rima merece uma atenção especial. Observe que não há uma uniformidade na distribuição das rimas que aparecem emparelhadas, cruzadas, soltas e até mesmo a rima de um só verso aparece na estrofe seguinte. Retire do texto casos de rima emparelhada, de uma palavra cuja rima aparece na estrofe seguinte.

8 - Essa diversidade na distribuição da rima também aparece na estruturação das estrofes. Note que a primeira tem o mesmo número de versos que a última: são sextilhas. Que nome tem a terceira estrofe?

9- Que relação há entre o título e os versos finais do poema?

10 - Que significa "Perfídia"? Parece-lhe um título adequado para o poema?

11 - Que outro título você daria ao texto? Justifique.

12 - Determine os campos semânticos associados a cada cor de rosa.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Campos semânticos.

2 - Pesquisa: A imagem da mulher na poesia do século XIX.

3 - Redação: Uma história de amor.

Perylo Doliveira (* 1898 + 1930)

Nasceu em Araruna e, órfão de pai aos três anos, teve que muito cedo ajudar a mãe no sustento da família. Aprendeu as primeiras letras por si próprio, enquanto trabalhava como caixeiro de uma mercearia. Fez teatro, percorrendo o Brasil com uma companhia teatral italiana. Voltando à Paraíba, dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Destacou-se como poeta ligado à revista ERA NOVA.

Segundo Eudes Barros, "muitas agruras e humilhações sofreu na sua condição de mulato culto num meio provinciano onde predominavam intransigentes preconceitos de cor. Mas nunca se lhe apagou dos lábios um sorriso algo abstrato, quase transcendente, de uma superior e luminosa serenidade. Os seus versos são como um acalanto, quase sussurrante, de sua tristeza, que ele disfarçava sorrindo".(1)

Junto a Eudes Barros e Guimarães Sobrinho, representa a primeira tomada de consciência em termos de renovação poética na Paraíba. Conseguiu pôr em prática alguns postulados e conquistas do modernismo, mas permaneceu, em suas obras, a métrica parnasiana e uma temática compromissada com o Simbolismo. Fez poesia de forma variada, adotando até o verso livre e branco.

Embora tenha publicado algumas poesias na REVISTA ANTROPOFAGIA não pode ser considerado um poeta modernista. É um conservador neo-simbolista que usa termos espiritualistas, tentando superar o mundo físico para atingir o aspecto abstrato da matéria, do sublimado e do platônico.

Publicou: *Deshonesta* (1924), *Canções que a vida me ensinou* (1925), *Caminho Cheio de Sol* (1928), *A Voz da Terra* (1930).

A sua obra foi reunida no livro *Obra Poética* (1983), precedida por um estudo biobibliográfico de Eduardo Martins.

(1)BARROS, Eudes. *Peryllo Doliveira.* João Pessoa: A União, 1936.

1.4 – REFLEXÕES

Wellington Aguiar

Por ser a crônica um texto de fruição passageira, feito para durar o tempo de leitura do jornal, convém lembrar que alguns desses escritos superam esse caráter transitório e permanecem como páginas literárias dignas de figurar em livro, adquirindo perenidade pela sua consistência artística. É o caso da crônica "Reflexões" do livro *O Passageiro do Dia*, que ultrapassa o motivo de sua criação e se torna uma página que atinge a sensibilidade do leitor de todas as épocas. Essa atualização repousa na sua temática filosófica, na sua estrutura poética e na universalidade de sua mensagem.

Olhar o céu azul, a tarde calma. Enternecer-se com a visão das pequenas aves que vão em busca de seus ninhos. Ver sempre o mar, esse eterno solitário sem o qual seria impossível a vida sobre a terra. Identificar-se enfim com a natureza, tão simples e bela, aconchegante e convidativa.

Acreditar no amor. Do homem pela mulher, dos pais pelos filhos, do Criador pela criatura. E vice-versa. Uma pergunta: o que seríamos nós se o amor não existisse? Meros objetos degradados, servindo apenas em dados momentos para o uso e logo atirados a esmo, por imprestáveis, quando não houvesse mais serventia.

Acreditar no amor. De quem tantas vezes o tem demonstrado, sem fadigas, solícito, de coração eternamente aberto.

Acreditar no amor. Daquele que preferiu o claustro, vestiu o cruel, abdicou sinceramente das pompas do mundo e vive na doce paz de suas orações.

Acreditar no amor. Da legião de homens e mulheres que se sacrificaram, nas mais diferentes épocas, lutando contra o obscurantismo e os preconceitos, incompreendidos, ridicularizados, perseguidos e desprezados.

Acreditar no amor. Dos que morreram pela liberdade dos povos e nações, abrasados pelo ideal de um mundo melhor e mais justo.

E compadecer-se dos que erram, pois eles estão apenas exercitando a condição humana, precária e fraca como sabemos.

Ser indulgente com os que mentem, atencioso com os humildes e nunca exaltar os poderosos em busca de favores ou benesses.

Mas não perdoar aqueles que se escondem nas sombras para fazer o mal, cônscios da própria covardia.

E adotar, perante o turbilhão da vida, certa atitude filosófica que se possa traduzir numa perene capacidade de **compreender** os semelhantes, relevando-lhes falhas e defeitos.

Face aos presunçosos, manter sempre um sorriso de distante superioridade. Mas não calar ante a injustiça perpetrada contra o mais fraco.

Muitas vezes, torna-se necessário não exibir a felicidade que se encontra em nós. É que o nosso planeta infelizmente está cheio de pessoas amarguradas e tristes, que jamais suportariam sem inveja e mesquinhez a felicidade estampada em gestos e atitudes.

Os dogmáticos sofrem muito. Melhor para os seres humanos é a adaptação às circunstâncias, sem a quebra da personalidade.

E assim é o mundo: santos e canalhas, mártires e ladrões, idealistas e aproveitadores, sensatos e aventureiros, sábios e ignorantes, pobres e ricos. Todos, no entanto, feitos do mesmo barro. Como explicar isso?

(AGUIAR, Wellington. *O Passageiro do Dia.* João Pessoa: A União, 1977)

ESTUDO DO TEXTO

1 - O cronista se inspira num cenário da natureza que o leva a profundas reflexões. Caracterize, segundo o texto, esse cenário.
2 - Pode-se afirmar que este texto é uma crônica-poema? Dê três razões que justifiquem essa classificação.

3 - O autor do texto parece transfigurado e, no seu êxtase, reporta-se ao passado. Justifique essa afirmação.
4 - A estrutura sintática das orações manifesta algumas particularidades da linguagem do cronista. Cite alguns exemplos, atentando especialmente à pontuação.
5 - Em um momento do texto, o cronista sai de sua atitude passiva, rebelando-se contra um tipo de comportamento humano. Justifique a afirmação, citando o texto.
6 - Em que consiste a "atitude filosófica" aconselhada pelo autor?
7 - "Face aos presunçosos, manter sempre um sorriso de distante superioridade". Você concorda com esse conselho?
8 - Há uma pergunta feita pelo autor que merece uma reflexão pessoal: "O que seríamos nós se o amor não existisse"?
9 - Qual o tempo verbal dominante no texto?
10 - Há uma redundância no 2º parágrafo? Identifique-a.
11 - Procure o significado da palavra "dogmático".
12 - O último parágrafo apresenta uma série de oposições lexicais. Verifique se os termos são sempre antônimos. Se não o forem, como se explica a oposição?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: Diferenças entre a crônica e o conto.
2 - Estilística dos tempos verbais.
3 - Redação: Carta a um amigo que sofreu uma desilusão.

Wellington Aguiar (* 1936)

Nasceu em João Pessoa, onde passou a infância e fez seus estudos secundários. Bacharel em Direito, promotor de Justiça e procurador, é também formado em Letras e jornalista atuante. Professor universitário, sempre teve uma participação ativa à vida cultural de João Pessoa, ocupando cargos no setor cultural do Estado.

Registrando fatos pitorescos do cotidiano, recriando tipos populares do nosso mundo urbano, extraindo das situações um momento lírico, fazendo uma reflexão filosófica ou denunciando um problema da vida social, Wellington Aguiar, ao lado de Luiz Augusto Crispim e Gonzaga Rodrigues, faz do jornalismo uma arte literária. Com *O Passageiro do Dia*, livro em que reuniu suas crônicas publicadas em O NORTE, até 1977, ele se impõe como cronista não se deixando levar pelas técnicas do jornalismo que, muitas vezes, devoram os recursos de expressão da criação artística. Na série de crônicas "Cidade do meu amor", publicada no CORREIO DA PARAÍBA, revela a sua paixão pela cidade natal.

É membro da Academia Paraibana de Letras.

Publicou: *O Passageiro do Dia* (1977), *Um Radical Republicano contra as Oligarquias* (1981).

1.5 – MÚSICA DAS NUVENS E DO CHÃO

Glorinha Gadelha

Glorinha Gadelha pertence ao número dos que, por um motivo qualquer, optaram pela música popular e não pelo livro como canal de comunicação. O poema de Glorinha atende aos dois lados da comunicação através do disco: é de fácil aceitação popular pelo caráter referencial e linear da mensagem; por outro lado, essa poesia se caracteriza pelo lirismo poético e pela criatividade.

ERREI o olhar meu que lhe quis
Errei o vasto sorriso que sorri
Errei a hora em que cheguei
Trazendo a fé
Que se acendeu por trás dos olhos
Que nem mesmo o fogo viu
Errei a vida, o cio, errei o corte
Errei a dor que foi mais forte
Que todo orgasmo que bebi
Errei o grito que saiu

Errei a paixão que o amor não quis
Errei a cama na grama do jardim
Errei a hora em que escrevi
Meu sonho a giz
E ri das lágrimas dos olhos
Que lavaram o que sofri
Errei a vida, o cio, o veio forte
Rompeu na hora em que o desejo
Sobre o meu corpo se fundiu
Errei o grito que partiu.

AMEI o olhar meu que lhe quis
Amei o vasto sorriso que sorri
Amei a hora em que cheguei
Trazendo a fé
Que se acendeu por trás dos olhos
Que nem mesmo o fogo viu
Amei a vida, o cio, amei o corte
Amei a dor que foi mais forte
Que todo orgasmo que bebi
Amei o grito que saiu

Amei a paixão que o amor não quis
Amei a cama na grama do jardim
Amei a hora em que escrevi
Meu sonho a giz
E ri das lágrimas dos olhos
Que lavaram o que sofri
Amei a vida, o cio, o veio forte
Rompeu na hora em que o desejo
Sobre o meu corpo se fundiu
Amei o grito que partiu.

(GADELHA, Glorinha. *Bendito Fruto,* disco, 1981)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Observe e comente a composição do poema.
2 - A partir dos substantivos, complemento de objeto dos verbos ERRAR/AMAR, podem ser estabelecidas duas seqüências paralelas. A que correspondem essas seqüências?
3 - Este poema utiliza sistematicamente o princípio de construção por repetição com variantes significativas. Confronte as variantes dos versos 3, 7 e 10 de cada estrofe e comente a sua significação.
4 - Explique: "... escrevi meu sonho a giz".
5 - Se ouvir o disco, notará que a canção é dialogada: as duas primeiras estrofes são cantadas por uma voz e as duas últimas por outra. Porquê?

6 - O título lhe parece adequado ao poema? Justifique a sua resposta e proponha eventualmente outro título.
7 - Estabeleça o campo semântico de **amor** neste poema.
8 - Observe a freqüência do **que** no poema. Que tipo de subordinada ele introduz?
9 - O advérbio **não** só aparece no poema em dois versos paralelos. Identifique-os e explique a importância dessa negação.
10- Compare a visão do amor-paixão proposta por este poema com a do soneto "Velho Tema" de Guimarães Barreto, nesta Antologia.

SUGESTÕES DE ESTUDO

1 - Literatura feminina.
2 - A canção e a balada como gêneros literários.
3 - Pesquisa: Os poetas da MPB (Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil...)
4 - Redação: Escreva uma canção (pode utilizar uma música conhecida, criando outra letra).

Glorinha Gadelha (* 1947)

Maria da Glória Pordeus Gadelha nasceu em Sousa, onde viveu a infância e a adolescência. Sétima filha de uma família de treze, revela-se muito cedo uma menina de "sete instrumentos": toca música, compõe, escreve poesias. Vem a João Pessoa para cursar Medicina, que conclui em 1974. O ano seguinte, casa com o músico paraibano Sivuca e passa a residir nos Estados Unidos por alguns anos, onde escreve a sua primeira música em parceria com o marido.

Inicia na ficção com uma novela, *O Bailado das Sardinhas* (1974), notado pela crítica paraibana (Virgínius da Gama e Melo, Luiz Augusto Crispim) e adaptado para o teatro por Pascoal Carlos Magno (que não chegou a encená-la). A partir de 1975, porém, a carreira de Glorinha Gadelha parece orientar-se de modo quase exclusivo para a música: escreve canções; grava dois discos *(Bendito Fruto,* 1981; *Segredos da palavra Manhã,* 1982) além de participação em numerosos discos de Sivuca, Luiz Gonzaga e outros artistas nacionais e estrangeiros; compõe música de filmes (*Os Trapalhões*).

Não renuncia, contudo, em nenhum momento, a articular as duas facetas da sua arte: inclui um conto no disco *Bendito Fruto* e continua escrevendo, e publicando, crônicas e contos no jornal O MOMENTO. A sua segunda obra de narrativa de ficção está pronta, com o título (provisório) de *O futuro do prometer não é cumprir.*

Explorando conscientemente, em alguns dos seus poemas/canções, os recursos poético-rítmicos dos cantadores nordestinos, Glorinha Gadelha mantém, em toda a sua obra, uma característica dupla: a de uma dicção feminina e nordestina.

2 – ANGÚSTIA

2.1 – BUDISMO MODERNO

Augusto dos Anjos

Este poema é um exemplo da preocupação filosófica do autor. O tema da dissolução do ser, do não ser, que advém com a morte, perpassa o texto. O aniquilamento como forma de libertação do sofrimento explica o título do poema. Para o poeta, a vida se resume na dor e a única saída para o homem é a morte.

A tônica pessimista e a idéia fixa de podridão aparecem na figura do urubu. Não é apenas a pessoa do poeta que é singular mas também a sua poesia.

Tome, doutor, esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contacto de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstracto das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

(ANJOS, Augusto dos. *Eu.* 30 ed. Rio de Janeiro: São José, 1965. p. 84.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Pela estrutura do poema, você pode ver que se trata de um soneto. Na primeira estrofe está colocada a problemática do texto. Que proposta faz o poeta? Que imagem lhe vem à mente com essa estrofe?
2 - A segunda estrofe tem um verso que resume todo o pessimismo do poeta. Transcreva-o.
3 - Explique o significado dos versos: "A criptógama cápsula se esbroa/ao contato de bronca destra forte!"
4 - Na terceira estrofe, está a solução proposta pelo poeta. Em que ela consiste?
5 - A única coisa que o poeta crê que vai permanecer, o que é eterno, está no último terceto. Que é essa coisa eterna?
6 - Analise a rima dos dois quartetos. As palavras que rimam pertencem a que classe de palavras?
7 - Podemos afirmar que o poema é de natureza subjetivista. O que nos leva a fazer essa afirmação?
8 - Que significa a expressão: "singularíssima pessoa"?
9 - A preocupação filosófica é evidente no poema. Especialmente na terceira estrofe. O desejo de não ter nascido, o não-ser está expresso em que verso? Transcreva-o.
10 - Que relação há entre o título e o conteúdo do poema? Procure no dicionário o significado da palavra budismo.
11 - Observe a pontuação do poema e comente-a.
12 - A freqüência de palavras proparoxítonas é grande neste poema. Relacione-as e observe a que registro de língua pertencem.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisas: - O Budismo.
- Quem foi Augusto dos Anjos?
2 - Redação: Narre uma história que provoque medo ou tristeza no leitor.

Augusto dos Anjos (* 1884 + 1914)

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no Engenho Pau d'Arco, município de Espírito Santo. Iniciou seus estudos no Liceu Paraibano e bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1907. Foi professor de literatura na Capital que então se chamava Paraíba. Desentendendo-se com o governador do Estado, João Machado, perdeu a cadeira de professor e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado professor interino de Geografia da Escola Normal e do Internato do Colégio Pedro II.

Em 1912, publica às suas expensas e do seu irmão Odilon, seu único livro de poesias, *Eu*.

Muda-se para Minas Gerais em 1914 e é nomeado Diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, na Cidade de Leopoldina. Morre nesta cidade neste mesmo ano.

A segunda edição do *Eu* apareceu em 1920, acrescida de outros poemas coligidos por Orris Soares, que prefaciou a edição.

Poeta singular da literatura brasileira, Augusto dos Anjos não pode ser enquadrado em nenhuma Escola Literária, pela sua independência e originalidade. Sua poesia comporta todas as classificações mas ao mesmo tempo foge de todas elas. Pela precisão do verso, pode-se situá-lo como parnasiano, pela valorização do fonético e melódico, ele se insere no simbolismo, é barroco pela linguagem, pelo estranhamento e rompimento com a visão da época - modernista. Por isso, diz-se que o poeta do *Eu* é um poeta eclético. Assimilou e superou todas as tendências da época. Didaticamente é colocado no pré-modernismo, onde esse sincretismo é mais acentuado.

Sua poesia, apesar de bizarra, científica e de difícil interpretação, guarda certa musicalidade. São sonetos perfeitos na forma e no ritmo, conservando o gosto parnasiano e simbolista.

As características mais acentuadas de suas poesias são: beleza de conteúdo, sonoridade, sentimento telúrico e especialmente a angústia existencial, introspecção pessimista, deleite mórbido, análise da corrupção física dos seres. O mundo para ele era uma constante dissolução. Revela uma permanente preocupação filosófica.

Podemos afirmar que se deve à poesia de Augusto dos Anjos a introdução do termo técnico na poesia. Ele é, nesse ponto ainda, um precursor do modernismo. Conseguiu fazer uma poesia de abstração, de introspecção e idéia, uma poesia pensada e raciocinada.

2.2 – AS ESPERANÇAS

Eliseu César

O poema escolhido foi retirado da *Antologia da Paraíba,* organizada por Luiz Pinto em 1951. A linguagem propõe a exteriorização/interiorização do eu existencial e do eu lírico, enquanto as comparações refletem a tensão entre o concreto (natureza) e o abstrato (sentimentos). O poeta, voltado para o seu mundo interior, articula a sua confissão com os elementos da natureza: **espaço azul, aves, tempo** etc.

Eu vi todas fugirem, docemente
Se foram pelo azul, todas voando,
Qual de garças um bando alvinitente
O espaço azul, imenso, recortando.

Daqui, do meu retiro, onde agora
Vivo carpindo os dias de ventura,
Eu disse-lhes: adeus, filhas d'aurora,
Aves feitas de amor e de ternura...

Como a tribo das aves emigrantes
Que perpassam no azul de ano em ano,
Em busca de paragens verdejantes,
Ermo de cantos, tétrico, ensombrado,
Baixa est'ave noturna — o desengano!

(CÉSAR, Eliseu. "As Esperanças" in: PINTO, Luiz *Antologia da Paraíba.* Rio de Janeiro: Minerva, 1951.p. 43.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Quais os sentimentos evocados, no texto, pelo poeta?
2 - Reescreva na ordem direta a primeira estrofe.
3 - Quais as metáforas usadas no texto para expressar o significado de "esperança"?
4 - Qual o recurso fonético usado no poema por exigência da metrificação? Exemplifique.
5 - Note-se, no texto, o acentuado sentimentalismo romântico. Através do vocabulário, comprove esta característica.
6 - Transcreva do poema três versos em que predomina a função emotiva da linguagem.
7 - O poeta recusa o sonho e a ilusão. Quais os versos do texto que comprovam esta afirmação?
8 - Onde se encontrava o poeta quando escreveu o poema?
9 - Por que .o uso de metáforas, e a necessidade de comparações são predominantes nos textos românticos?
10 - Observe a formação das palavras indicando uma cor.
11 - Verifique a colocação dos pronomes oblíquos no 3º verso da 2º estrofe e compare com a norma gramatical.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: A segunda geração romântica e a poesia de Eliseu César.
2 - Função sintática dos advérbios.
3 - Redação: A visão pessimista da vida.

Eliseu César (* 1874 + 1923)

Nasceu em João Pessoa. Foi tipógrafo e depois carteiro, até formar-se em Direito. Ingressou no jornalismo e foi dirigente de O JORNAL, no Pará. De raça negra, sofreu as marcas do preconceito racial da época. Orador de talento, elegeu-se deputado pelo Estado do Pará.

Publicou apenas um livro, *Algas,* de inspiração romântica, onde se sente a influência do poeta português Antônio Nobre. Alguns críticos, como Eudes Barros, "descobre-lhe a sentimentalidade e a marca do romântico volumoso... Poeta de linhagem subjetiva, não despreza os temas políticos, arvorando-se a Castro Alves, em arauto da liberdade, como bardo inspirado pelo fervor cívico e pela força revolucionária"(1) Ascendino Leite considera *Algas* "um escrínio maravilhoso de sentimento poético".

Faleceu no Rio de Janeiro.

(*) Dicionário Literário da Paraíba

2.3 – ORA, ORA...

Figueiredo Agra

Pra Hegel, à sombra de Rimbaud.

Bêbado,
tão bêbado
que esqueço
e apenas lembro
o que tenho em vingança.

E morto
(suponho)
queria ver
como me sentiria
em ter amigos
vazios,
inimigos vadios,
como os componho...

E morto
em nada decomponho
a memória
que é menos final
ao ato fatal
que me sobrevive.

Vadios fora de mim
e vazios em dentro a mim,
como aquele vácuo
preenchido por fora
de tudo que sou
e tão seco a dentro
pelo que chega a ser
o que também não sou...

(AGRA, Figueiredo. *Tempos da Noite.* Rio de Janeiro: São José, 1975, p. 23-24)

Este poema é de natureza filosófica. Seu conteúdo fundamenta-se nas idéias de Hegel e de Rimbaud, evidenciando a busca do ser pelo não ser. O verso inicial determina o aspecto formal das duas primeiras estrofes que procuram mostrar como a palavra possui mistérios que a razão não entende. A relação significante/significado realça o caráter dualista do texto.

ESTUDO DO TEXTO

1 - Observe a estrutura do poema: a organização das estrofes e a distribuição na folha de papel. Que lhe sugere essa forma? Qual sua relação com a primeira palavra do poema?
2 - O poema é todo organizado em cima de oposições. Cite-as.
3 - Observe a segunda estrofe. Que relação você encontra entre "amigos vazios" e "inimigos vadios"?
4 - Segundo o poeta, o que resta após a morte?
5 - O poema revela o conflito interior/exterior. Quais os versos que comprovam essa afirmação?
6 - O poeta coloca a problemática do parecer e não ser. Sempre a dualidade que angustia o homem. Que versos confirmam essa afirmativa?
7 - Com o recurso de prefixação, uma só palavra aparece com três sentidos diferentes. Qual é a palavra e quais os prefixos utilizados?
8 - Veja os versos: "Vadios fora **de mim**/ e vazios em dentro **a mim**". A primeira regência está correta, mas a segunda causa alguma estranheza. O que determinou essa regência?
9 - A primeira estrofe começa com a palavra "Bêbado", a segunda e terceira começam com "E morto". Qual a razão do emprego do **e?**
10 - Depois de feita a análise, você concorda com o título do poema? Que título ficaria mais adequado?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Derivação de palavras: sufixação, parassíntese.
2 - Regência verbal.
3 - Pesquisa: Precursores da poesia moderna.
4 - Redação: O medo da morte.

Antônio José Figueiredo Agra (* 1936 + 1982)

Nascido em Campina Grande, formou-se em Direito e ocupou cargos importantes na administração municipal. Como político, elegeu-se Deputado Federal. Notabilizou-se como advogado, tanto pelos trabalhos realizados em sua comarca, quanto pelos escritos sobre assuntos jurídicos, sociais e econômicos. Destaca-se na literatura pelo discurso poético.

Sua poesia "é de raízes líricas no plano das motivações e de transfiguração imagéticas na seara da expressão. Encharcada no hímen existencial e na sondagem metafísica do permanente mistério que encobre as coisas e os sentimentos, se perfaz enquanto discurso do ser e sobre o ser"[(1)]

Publicou: *Guarda estes Poemas, Luciene* (1965); *Os Hemisférios Loucos* (1972); *Concertos de Espaços* (1973); *Vida Flauta* (1973) e *Tempos da Noite* (1975).

---

(1) *Dicionário Literário da Paraíba.*

2.4 – O MEU PALHAÇO

Silvino Olavo

O poema ressalta o contraste existente entre a aparência e a realidade, mostrando que, por detrás de um sorriso, muitas vezes se esconde uma dor, uma mágoa, uma angústia que maltrata. Assim, ele evidencia dois planos distintos: o plano do ser e do parecer.

O texto apresenta evidentes referências intertextuais ao poema de Cruz e Sousa: "Acrobata da dor".

Meu coração é um mísero acrobata,
Um palhaço sarcástico de arena
Gargalhada sempre, de feição serena
contrafazendo a mágoa que o maltrata.

Enquanto em riso a multidão desata,
Às piruetas desse clown em cena,
Ninguém descobre, na aparência amena,
A tragédia recôndita que o mata.

Mas eu me vingo desse pouco siso,
Ao paradoxo do meu próprio riso;
Porque a tragédia deste riso insano

Que me remorde e que ninguém asculta,
É irmão gêmeo da tragédia oculta
que existe em todo coração humano.

(OLAVO, Silvino. "O Meu Palhaço". in: PINTO, Luiz. *Antologia da Paraíba.* Rio de Janeiro: MINERVA, 1951. p. 81.

3 – VIDA E MORTE

3.1 – VELHO TEMA

Guimarães Barreto

A Vida é um pandemônio, em dores opulenta,
e, pra alegre passar seus dias, meses e anos,
o Homem, num rude afã, cada dia sustenta
uma luta incessante em perfídias e enganos.

Inventa Ele a Poesia e desvenda os arcanos
da Ciência. Não lhe basta esse Prazer. E atenta
para o Gozo Carnal, dando aos seres humanos
um Amor que lhe faça esquecer a tormenta.

Esse Amor é bestial, egoísta, imperfeito,
contrariando a Moral e as regras do Direito,
nele predominando a Carne vencedora

Esse Amor é que faz da incauta virgem pura
— misto celestial de inocência e candura
a mulher asqueirosa, infame e pecadora.

(BARRETO, Guimarães. *Jóias Falsas.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1964. p. 30).

O poema escolhido é um soneto com rimas alternadas. Distinguem-se no texto traços da visão idealizada do amor e da mulher. O prazer sensual é visto como pecaminoso. A mulher deve ser pura, mulher-anjo na visão do poeta, o homem está preso a uma vontade cega. Sua vida é uma luta inglória contra as forças poderosíssimas do determinismo biológico. O amor "carnal" arrasta o homem para a degradação dos costumes. O verdadeiro amor é o amor espiritual.

O desequilíbrio espiritual leva o homem à fuga na fantasia (poesia) e na sensualidade (carne). Essa fuga para a fantasia para esquecer a dor é o chamado "lirismo da descrença".

ESTUDO DO TEXTO

1 - A visão pessimista da vida domina todo o poema. Qual o verso que mais acentua essa visão?
2 - O homem tenta amenizar seu sofrimento lutando contra duas forças poderosas. Identifique-as.
3 - Observe bem os versos pares da 1ª estrofe. Quais são as palavras que rimam? Que relação há entre esses dois substantivos?
4 - O poeta afirma que o sonho, o prazer e a sensualidade são elementos de fuga para o sofrimento ou dor existencial. Em que estrofe está dito isso?
5 - O poeta idealiza a virgem para melhor condenar a mulher no último verso. Comprove esta afirmação.
6 - Compare o 1º verso do 1º terceto ao último verso do poema. Qual o efeito produzido pelos adjetivos?
7 - Que palavra transmite a idéia de confusão e desordem?
8 - Você deve ter notado que algumas palavras aparecem com inicial maíscula. Esse recurso foi muito utilizado pelos simbolistas para destacar a palavra e para universalizá-la. Retire todos os substantivos que estão nesse caso.
9 - Que relação você encontra entre o conteúdo do poema e o título que lhe foi dado?
10 - Em que consiste o verdadeiro prazer para o poeta?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pesquisa: Características do Romantismo.
2 - Debate: Pode haver amor verdadeiro entre um homem e uma mulher sem atração sexual?
3 - Redação: Comparar a representação do amor neste poema e no "Retrato Ausente," de Marcos Tavares.

Guimarães Barreto (* 1897 + -)

Nasceu na capital, onde fez seus estudos primários e secundários, mudando-se mais tarde para Recife para fazer o Curso de Direito. Como fiscal do imposto, viveu no Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, de onde foi feito cidadão honorário. Grande colecionador, reuniu uma biblioteca de mais de 20.000 volumes e uma pinacoteca de 600 obras. A sua biblioteca foi doada à Casa da Paraíba, no Rio, e constitui hoje o fundo da Fundação Paraibana do Livro.

Críticos, como João Lélis e Gemy Cândido, encontram neste poeta traços estilísticos do Parnasianismo. Hildeberto Barbosa Filho percebe "uma simultaneidade de elementos pertencentes sobremaneira a dois estilos de época, como o romântico e o parnasiano."(1)

À semelhança de Rodrigues de Carvalho, dedicou-se a recolher composições da literatura oral, especialmente trovas e quadras: dedica um capítulo do seu livro *Excursão pelo Reino das Trovas* a um registro dos trovadores paraibanos, eruditos e populares.

Publicou: *Cantos de Vida e Amor Dentro do Sonho* (1915), *Rimas à Toa* (1917), *Os vagabundos* (1919), *Bombarda* (1921), *Excursão pelo Reino das Trovas* (1962), *Jóias Falsas* (1964) e *Decrepitudes* (1966).

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba

3.2 – ODE À JUVENTUDE

Pereira da Silva

Este texto tem características da poesia simbolista. A concepção mística da vida domina todo o poema. A linguagem é ornada de palavras escolhidas pela sonoridade e pelo ritmo. As estrofes são todas de quatro versos e a rima é emparelhada em todos os versos. Seguindo os padrões da poesia simbolista, o poeta faz a utilização de maiúsculas no início das palavras-símbolo, tornando a linguagem mais psicológica que lógica. O poeta parece se deixar trair, caindo numa atmosfera de exagerado otimismo no destino humano.

Crede no Amor, no grande Amor que um dia
Há de fazer a Humanidade pia
E há de curar, miraculosamente,
Como a bênção de um Deus, os males do Presente.

Crede que há de passar toda paixão
Pelos fulgores deste mundo vão
E a bondade há de ser tão natural
Que a própria ingratidão deixe de fazer mal.

O nosso coração se aperfeiçoa
E a vida há de ser bela e há de ser boa.
Quando os homens de agora forem tais
Que a tristeza de um só cause tristeza aos mais.

A planta humana, certo, há de chegar,
como as outras, a idade luminar
Em que viram cair os seus espinhos
Para orgulho maior dos frutos e dos ninhos.

Nosso instinto há de ser, para o Futuro,
Tão luminoso e ingenuamente puro
Que todo ser consciente, de menino,
Já sabe a vocação clara do seu destino.

Crede na identidade do Universo
E que tudo que é falso ou que é perverso
Tende para a Verdade e a Perfeição
Como o Amor para a Fé e a Dor para o Perdão.

Crede que toda inteligência emana
Da mesma Luz e que a Vaidade humana
Há de curtir tanta vicissitude
Que um dia implorará o perdão da Virtude.

Crede que haveis de ver ante a Justiça
Força prosternar-se tão submissa
Como o réu que a si mesmo se condena
E antes de ouvir o Juiz acha que é justa a pena.

Ó Juventude! ó flor da nobre gente
Do meu vasto país de sol ardente
E a do generoso como a luz,
Crede que Deus nos move e a Glória nos Conduz!

(PEREIRA DA SILVA, A. J. *Senhora da Melancolia*. Paris: Lahure, 1928, p. 137-139)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Observe o título do poema. A palavra **ODE** se refere a um tipo de poesia dividida em estrofes simétricas. É uma composição poética que serve para ser cantada. Em que reside a simetria deste poema?
2 - Na sua preocupação com o absoluto, o poeta empregou letra maiúscula para universalizar valores abstratos. Transcreva-os.

3 - O poema dirige-se a um leitor jovem, afirmando a necessidade de crença. Em que versos aparece o verbo **crer** na sua forma imperativa? Confrontar o credo como oração.
4 - Na sua concepção, qual a estrofe que lhe parece mais atualizada diante da realidade do jovem moderno?
5 - Algumas estrofes denunciam um otimismo utópico. Que estrofe se enquadra nessa afirmativa?
6 - Para produzir um efeito sonoro ou fônico, foi elaborado um arranjo de versos, reunindo classes de palavras as mais variadas possíveis. Retire exemplos de rima com: advérbio + substantivo, verbo + adjetivo, substantivo + substantivo e substantivo + adjetivo.
7 - Veja este verso: "pelos fulgores deste mundo vão". Que significa "mundo vão"?
8 - Na última estrofe, o poeta usou a expressão: "Ó flor da nobre gente" em referência à juventude. Que figura de linguagem foi empregada?
9 - No seu apelo final, o poeta exclama: "Ó Juventude!" Sintaticamente, como se chama essa expressão?
10 - Além da poética, qual a função da linguagem denominante neste poema?
11 - Poema endereçado aos jovens, parece deixar o emissor da mensagem afastado do seu texto. Mas há um momento em que ele se insere na poesia. Em que verso isso ocorre?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Elementos da comunicação: emissor, destinatário, mensagem.
2 - Classes de palavras: identificação de substantivos, adjetivos e verbos.
3 - Debate a partir de artigos de jornais e revistas: A juventude confia no futuro?
4 - Redação: A fé em Deus e/ou no homem.

Antônio Joaquim Pereira da Silva (*1876 + 1944)

Filho de Araruna, ainda na fase de adolescente, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde cursou a Escola Militar. Nessa época de estudante, participou de uma rebelião de alunos, foi preso e transferido para o 13º Batalhão de Cavalaria de Curitiba. Após alguns meses de convivência com escritores e poetas da região, descobriu sua aptidão para a poesia e escreveu seu primeiro livro, *Vae Soli,* em 1903.

De volta do Rio integra o grupo Simbolista ao lado de Carlos Dias Fernandes e Cruz e Souza.

Diplomou-se em Direito e dedicou-se às atividades jornalísticas até 1918, quando voltou ao Paraná para exercer o cargo de Promotor Público.

Foi o primeiro paraibano a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1934, quando tomou posse na vaga de Luís Carlos da Fonseca, recebendo as devidas saudações de Ademar Tavares. Foi também membro da Academia Paraibana de Letras, destacando-se ao lado de Perylo Doliveira e Silvino Olavo, simbolistas paraibanos de sua época.

"Menos influenciado pela poesia de Cruz e Sousa, Pereira da Silva manifesta então um sentimentalismo mais prosaico e conceptivo, pouco preocupado com a revelação das "coisas inefáveis" e com as correspondências musicais do signo"[(1)].

Seus temas são a metafísica, a busca de alento para o vazio do homem, a sublimação do espírito pelas boas ações e a humildade.

O texto aqui transcrito foi extraído do livro *Senhora da Melancolia,* livro da fase de amadurecimento do autor, onde as linhas simbolistas, através do tom filosófico, estão esteticamente aprimoradas pelos recursos de expressão. Sua fortuna crítica é vasta, conceituando-se entre os melhores poetas da época. Massaud Moisés, em seu livro *A Literatura Brasileira* (Cultrix), dedica um capítulo à sua obra, colocando-se ao lado de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães. Lima Barreto, além de citá-lo no seu livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma,* dedicou-lhe um conto intitulado "A Biblioteca."

Publicou: *Vae Soli!* (1903), *Solitudes* (1919), *Holocausto* (1920), *O Pó das Sandálias* (1928), *Senhora da Melancolia* (1928), *Alta Noite* (1940).

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba.

3.3 – A VIDA

Félix Araújo

O texto que você vai ler foi extraído do poema "Tamar," considerado pela crítica como a maior produção de Félix Araújo.

Numa linguagem apelativa que lembra o texto bíblico nos sermões de Jesus, o poeta convida o homem para as coisas simples da vida: a fuga para o campo, o sorriso das crianças. É uma proposta de felicidade através da contemplação da natureza. A filosofia do poeta é a mesma que inspirou os árcades, mas o poeta não propõe só a mera contemplação da beleza. A bondade deve vir associada à beleza. Praticar o bem, que no texto transparece no ato da hospitalidade ao estrangeiro.

Não perguntes ao teu irmão mais velho, nem aos deuses, nem à mulher amada o que é a VIDA porque o silêncio seria a resposta lacônica de todos.

Há alturas na vida a que o nosso pobre pensamento não atingirá jamais, ainda que voe e se eleve como as águias; e profundidades a que nossa alma não descerá nunca, por mais que se aprofunde, escafandrista desesperado, no mar dos mistérios.

Aceita a vida sem perguntar o que ela significa. Para amá-la te é bastante saber o quanto vale.

O ouro das minas da terra, toda a riqueza das florestas e dos bosques, os palácios, os rebanhos e as pérolas marinhas, que valerá isso diante do que te iguala ao verme e te faz, como ele, imortal na harmonia do universo, e que se chama a VIDA?

As estrelas do céu, com toda a sua luz; o fluxo e o refluxo das marés, com toda a sua força, têm menos luz e menos força que essa coisa simples, ofertada a ti, à árvore, ao pássaro, à flor, e a que chamam Vida.

Não procures defini-la, com a efêmera palavra de tua boca e o frágil pensamento de tua cabeça.

Não digas nunca: como me pesa a vida! Poderia a terra dizer para o sol: como me pesa a tua claridade!

Se alguém, sentado ao teu lado, põe a cabeça entre as mãos e murmura: – como a vida é triste! Leva-o a escutar o canto dos pássaros, a voz do vento, o rumor das águas, o beijo dos amantes e o ruído das crianças. E esse alguém te olhará de frente, dizendo: – como a vida é bela!

E se um estrangeiro desconhecido se lamenta à tua porta, clamando do abismo de sua miséria: – como a vida é má! Abraça-o como a um irmão, abre-lhe a tua casa, a tua adega e o teu coração; mostra-lhe as mães amamentando os filhos e a mão dos trabalhadores purificando a terra. E o desconhecido sairá pelos caminhos a dizer como uma criança: – como a vida é boa!

Porque, em verdade, feios e maus são apenas os que querem tomar conta da vida, para escurecê-la com a nuvem dos ódios e destruí-la com a Injustiça.

(ARAÚJO, Félix. *Obra Poética.* João Pessoa: Universitária-UPFb. 1977. p. 136-137).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Para o poeta a vida é um mistério. O mais importante não é saber o que ela significa mas o que ela vale. Em que parágrafo se diz isso?

2 - Retire do texto todos os casos de verbos no imperativo e emprego de pronomes de 2ª pessoa. Qual é a função da linguagem assim caracterizada?

3 - O poeta tenta dizer o quanto vale a vida e só consegue fazer um levantamento das coisas que são muito insignificantes diante da grandeza da vida. Quais são?

4 - O texto transmite uma visão confiante da vida. Comprove com uma citação do texto.

5 - O vocabulário do texto tenta reviver o ideal antigo de paz e tranqüilidade somente encontradas **no campo.** A proposta da naturalidade como filosofia de vida. Que coisas naturais são citadas para dar **alegria** à vida?

6 - Não só a beleza, o lado estético deve ser perseguido pelo homem, mas a bondade é essencial à felicidade humana. Em que consiste essa bondade?
7- As propostas do poeta nos parecem um tanto ingênuas. Para você, qual o trecho que lhe parece mais utópico?
8 - Depois de revelar o seu ideal de vida, o poeta cita duas coisas que tornam a vida feia. Uma delas está com maiúsculas. Porquê?
9 - São abundantes as formas enclíticas do pronome. Transcreva-as.
10 - É evidente a visão bucólica da vida. Retire do texto todas as palavras que comprovam essa afirmação.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Formação do Imperativo: negativo e afirmativo.
2 - Colocação do pronome átono: próclise, ênclise, mesóclise.
3 - Pesquisa: A utopia.
4 - Redação: Ser solidário.

Félix de Souza Araújo (* 1922 + 1953)

Nascido em Cabaceiras, foi político, jornalista e poeta. Ingressou na Força Expedicionária Brasileira, como voluntário, participando de combates na Itália em 1944. A experiência adquirida na guerra afetou a visão que o poeta tinha do mundo e acentuou seu interesse em defender os menos favorecidos. De volta ao Brasil, fixou-se em Campina Grande, ingressando no Partido Comunista do Brasil, do qual foi membro atuante. Alguns anos depois, desiludido com a atuação do partido, abandona-o. Vereador combatido, denunciava os desmandos e corrupções administrativas em jornais e emissoras de rádio. Orador inflamado de idéias revolucionárias, granjeou inimigos que o assassinaram em praça pública em Campina Grande.

Como poeta e cronista, teve seus textos reunidos num volume póstumo com o título *Obra Poética,* publicado em 1977, em que aparecem poemas famosos como "Tamar" (poema em prosa), "Dor", "Fraternidade" e "Folhas Soltas".

"Tamar" foi um poema escrito na adolescência do poeta e revela todo o seu lirismo. O motivo de amor, núcleo do texto e sua articulação, é captado sob o prisma da fantasia e da visão platônica, revela momentos da Vida campestre e visíveis influências arcádicas. Tamar é símbolo cósmico do amor e da felicidade."(1)

Em seus outros poemas, aparece um romantismo permeado por um tom simbolista. Embora materialista na sua militância política, a sua obra poética permanece voltada para a realidade subjetiva, freqüentemente saudosista.

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba.

3.4 – NOTURNOS

Sérgio de Castro Pinto

Este texto apresenta características da poesia contemporânea. O poeta, através do humor lúdico e do jogo de oposições, procura desmitificar a realidade. Recorrendo à paródia, rompe os limites entre o significante e o significado. Os elementos que estruturam as imagens partem de áreas semânticas em que o leitor pode explorar todos os significados e contradições. Na imagística do poema, está o protesto, a tentativa de demolição do já instituído, a denúncia à sociedade de consumo, exageradamente utilitarista. São experiências do homem moderno projetadas na poesia.

a) nas fronhas da infância
ensaquei meus sonhos.

hoje, ensaco pesadelos.

e a cada noite
– mais do que a cabeça –
pesa-me o travesseiro.

b) com receio do dia
e sua chama
ou do olho aceso
de minha insônia,
reboco a noite
com o mesmo cuidado
de quem transporta
um barril de pólvora
no paiol do quarto.

c) nenhuma ovelha
pula a cerca
de minha insônia.

abato a todas.

e quanto à lã,
serve de enchimento
para o travesseiro.

serve
– a cada manhã –
para travestir-me
de cordeiro.

d) o meu feudo:
a insônia
e seus carneiros.

o meu hábito têxtil:
desfiar a lã
desses carneiros
e a cada manhã
enredar-me no fio
de mil novelos
para – com a garra do lobo
que em mim faz pernoite –
tecer com essa lã
o meu pulôver;

o mesmo que me leva
ao dia e seus açougues.

(PINTO, Sérgio de Castro. *Domicílio em Trânsito.*
João Pessoa: A União, 1983. p.21-23).

ESTUDO DO TEXTO

1 - A distribuição das estrofes do poema rompe com a estrutura tradicional. Que coisas lhe chamaram a atenção nessa disposição?
2 - A ironia do poeta manifesta-se pelo emprego de contrastes e de oposições. Cite algumas delas.
3 - As diferentes partes do poema encerram estrofes irregulares quanto ao número de versos. A primeira parte, por exemplo, é formada de um dístico, um monóstico e um terceto. Faça a decomposição das demais partes.
4 - O poeta, em dois momentos do texto, sintetiza seu pensamento em imagens surpreendentes, destacadas das estrofes. Transcreva essas sínteses.
5 - Segundo o texto, o que provoca a insônia do homem moderno?
6 - Em que estrofe se revela o contexto do poema?
7 - Em duas estrofes o poema se insere na dimensão temporal, é o poeta envolvido com a história e que tenta antever o seu destino. Cite os versos que comprovam essa afirmação.
8 - Relacione as características modernas que você encontrou no poema.
9 - O poeta fala na primeira pessoa e realça o emprego do pronome em quase todas as estrofes. Retire todos os pronomes, inclusive verificando o número de vezes em que o mesmo pronome aparece.
10 - Relacione todos os verbos do texto e classifique-os quanto à sua regência.
11 - Observe o dístico: "o mesmo que me leva / ao dia e seus açougues." A que expressão se refere "o mesmo"?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Pronomes pessoais oblíquos: aspecto morfológico e sintático.
2 - Regência verbal.
3 - Pesquisa: Características da Modernidade poética.
4 - Redação: Os fantasmas da insônia.

Sérgio Martinho Aquino de Castro Pinto (* 1947)

Nasceu em João Pessoa. Formado em Direito, substituiu suas atividades de advogado para integrar-se totalmente e definitivamente à literatura.

Embora obtivesse o primeiro lugar em concurso de contos, destaca-se como poeta. Ligado ao **Grupo Sanhauá,** organizou edições artesanais. É professor universitário, tendo defendido tese sobre a poesia de Manuel Bandeira.

Colaborou em diversos órgãos de imprensa (REVISTA GARATUJA, DIÁRIO DA MANHÃ, SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS, REVISTA ESCRITA). De 1981 a 1986, foi editor do CORREIO DAS ARTES, suplemento literário de A UNIÃO, responsabilidade que voltou a assumir em 1992.

A sua obra poética pode ser dividida em duas partes: uma, vinculada aos primeiros experimentos estéticos do **Grupo Sanhauá,** pelos anos 60, e a fase atual com a poesia participante. A anti-retórica marca sua poesia, influências das vanguardas de 50 e 60, trabalho artesanal na composição do discurso, economia de linguagem e verso elíptico sem o floreio lírico dos adjetivos. Segundo o crítico Hildeberto Barbosa Filho, "Como João Cabral, o poeta intenta a desmistificação de uma simbologia estabelecida pela tradição poética de linguagem harmônica e melódica, antepondo-lhe a sua particular antiode e antilira".(1)

Sérgio de Castro Pinto é um dos grandes responsáveis pela modernização da poesia paraibana. Publicou: *Gestos Lúcidos* (1966), *A Ilha na Ostra* (1970), *Domicílio em Trânsito e Outros Poemas* (1983).

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba

3.5 – UM ANO NO OUTONO

Ascendino Leite

Um Ano no Outono, volume de onde foi extraído o texto abaixo, é o nono livro de um jornal literário que se tornou história, memória e autobiografia. Nele, encontramos uma reflexão filosófica sobre a vida e a morte em forma de auto-análise e de expressão da própria consciência.

– Importante não é saber que se vai morrer nem a consciência final do que se é, como matéria.

A morte mesmo, já dizia Roland Barthes, é sempre um ato humano que se processa por via de um acabar constante.

Importante é, depois de morto, absorver-se o que há de lógico na morte; saber-se que se está acima de sua ambigüidade, de sua aparente tirania; de que não se é apenas o objeto dela. Ao contrário, é perceber que o seu sistema se desmonta e que outro se lhe segue para dar vida à morte.

Já repararam?

Morto não estarei nunca em cativeiro; nunca num universo fúnebre. Mas no pórtico de um cenário de realidades super-existenciais. Novas. Específicas. Que tanto me podem mudar o nome e a consistência como me deixar solto nas poderosas sendas do Eterno.

E por aí, mais vivo do que antes. [...]

DA MORTE, medo não tenho. Mas me preocupo e entristece a possibilidade de, com ela, deixar de ver muitas descobertas novas.

"Descobertas", num sentido intelectual. Deixar de ler, por exemplo, muitos textos que me levariam certamente a uma visão

melhor da morte. A uma melhor adaptação de meu conhecimento (ampliado) à inevitável do meu destino finalístico.

Pensar, (outro exemplo), em que, no dia imediato ao meu fim, posso nascer o gênio por que tanto aspira este nosso pobre país tão carecido do sentimento de grandeza.

Fosse como desejo, eu me acabaria um fecho de irradiações conscientes, de auto-satisfações admiráveis.

E numa idade espiritual (supermortal), que corresponderia à sobrevivência dos valores assimilados no progresso natural desse acréscimo de vida.

(LEITE, Ascendino. *Um Ano no Outono.* Rio de Janeiro: Cátedra, 1983. p. 210 e 304.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - O texto fundamenta-se numa dialética filosófica. Você seria capaz de descobri-la?
2 - Por ser um texto de diário, é de caráter subjetivo, narrado em primeira pessoa, sem preocupação com um enredo ou um tema. Justifique através dos verbos encontrados no texto a afirmação acima.
3 - No **nono** parágrafo, o homem, segundo o pensamento do narrador, pode morrer e nascer gênio. Você concorda com isso?
4 - Há um parágrafo no texto que revela o tom otimista do narrador em relação à morte. Reescreva-o e diga porque ele pensa.
5 - No texto, vê-se o reflexo da vida interior do narrador, da sua sensibilidade, do seu ponto de vista sobre a **vida e a morte**. Faça uma relação dos vocábulos que remetem para estes dois pólos contrastantes.
6 - Por que o 7º parágrafo inicia em letra de forma e o primeiro período se encontra na ordem indireta?
7 - Faça uma reflexão sobre o último parágrafo do texto.
8 - Classifique as orações subordinadas no seguinte fragmento do texto: "Fosse como desejo, eu me acabaria um fecho de irradiações conscientes, de auto-satisfações admiráveis".
9 - Dê a função morfológica do **que** na frase: "... nem a consciência final do que se é, como matéria" (1º parágrafo).
10 - Faça um levantamento dos verbos no infinitivo e estabeleça uma relação com a temática do texto.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - A função do **se.**
2 - Pesquisa: Diários e memórias.
3 - O autoconhecimento.

Ascendino Leite (* 1915)

Nascido em Conceição do Piancó, com 17 anos inicia sua vida na imprensa, como revisor de O NORTE e, aos 21 anos, estréia nas letras com a monografia de crítica literária *Estética do Modernismo* (1939). Com o romance *A Viúva Branca,* inicia uma fase romanesca, durante a qual publicará três outros romances, além de traduções de obras francesas.

Mais tarde, dedica-se à linha memorialista, reunindo, numa espécie de diário ou jornal literário, com 11 volumes publicados, as suas idéias sobre a vida, a sua opinião sobre personalidades do mundo literário, político e artístico, as suas meditações metafísicas e o seu canto à terra natal.

"Documento e poesia, mensagem humana e mensagem estética. Denotação e conotação do mundo e da vida. Clareza e ambigüidade na utilização do código. Enriquecimento da percepção e valorização do idioma. Enfim, o real e o imaginário em síntese perene e gigantesca! Se em momentos determinados a expressão é direta, seca, às vezes dura e arrogante, em outros, destila verdadeira poesia"(1)

Publicou: *Notas provincianas* (1941); *A Viúva Branca* (1952); *O Salto Mortal* (1958); *A Prisão* (1960); *O Brasileiro* (1962); *Durações* (1963); *Passado Indefinido, Os Dias duvidosos* e *O Lucro de Deus* (1966); *A Velha Chama* (1974); *As Coisas Feitas* (1980); *Visões do Cabo Branco* (1981); *O Vigia da Tarde* (1982); *Um Ano no Outono* e *Os Dias Esquecidos* (1983); *O Jogo das Ilusões* (1985), além de traduções como: *Armância* (de Stendhal, 1947) e *Uma Vida* (de Guy de Maupassant, 1954).

---

(1) BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Ascendino Leite: A paixão de ver e de sentir.* João Pessoa: SEC, 1985, p. 16



3.6 – SUBSTÂNCIA. A PALAVRA

Jurandy Moura

O livro de onde o texto foi extraído é uma Antologia de poemas publicados pelo CORREIO DAS ARTES, suplemento quinzenal do jornal A UNIÃO, que reúne textos de poetas da atualidade dos mais variados estilos e ideologias.

O poema se insere no conceito de poesia vanguardista pelas inovações na técnica, como: estrutura da estrofe e distribuição dos versos, desarticulação da estrutura frásica, recurso da metalinguagem.

O monóstico final: "Nomear é ser" denuncia a temática metafísica.

À primeira vista, parece um poema com uma única estrofe, mas, na realidade, o emprego da inicial maiúscula em cada grupo de três versos estrutura o texto em três tercetos e um dístico, inseridos, num espaço único, como se fosse apenas uma estrofe. O verso final ficou separado intencionalmente como conclusão do que foi dito inicialmente sobre a importância ontológica da palavra.

Ave,
palavra:
canto e pensamento.
Ígneo sopro,
o que revela
– gênese.
Esterco e barro
o que seiva e
modela.
Jogo e memória
do mundo.

Nomear é ser.

(MOURA, Jurandy. "Poesias Correio das Artes" in: *A Nova Poesia Paraibana*. João Pessoa: A União, 1979. p. 48).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Todo poema tem uma matriz geradora, isto é, o motivo que determina a sua criação. Neste poema, qual o motivo gerador?
2 - Qual o vocábulo do texto que remete para início, começo, origem?
3 - O texto nos lembra a narração bíblica da criação do mundo e dos seres em geral. Transcreva alguns versos que comprovem essa afirmação.
4 - A modernidade do texto transparece logo à primeira vista. Quais as operações técnicas que revelam o modernismo do texto?
5 - Podemos afirmar que o texto é metalingüístico. Em que nos baseamos para fazer essa afirmação?
6 - O poema coloca a palavra como geradora de todas as coisas. Com isso concorda com o texto bíblico. Como se chama esse recurso que remete para um texto já escrito anteriormente?
7- O poeta tem uma atitude de veneração, de reverência sacra diante da palavra. O que nos leva a fazer essa afirmação?
8 - Há uma preocupação do poeta em definir a palavra. Que conceituações ele dá?
9 - As coisas só existem realmente quando recebem um nome. É, portanto, o nome que torna real o ser. Qual o verso que faz essa afirmação?
10 - Podemos assegurar que o texto é de natureza metafísica. Por quê?
11 - Classifique morfologicamente o **o** do 5º verso: "O que revela".
12 - Analise sintaticamente o último verso: "Nomear é ser".

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Funções da linguagem.
2 - Intertextualidade.
3 - Redação: Literatura, arte da palavra.

Jurandy Moura (* 1940 + 1980)

Sertanejo de Patos, veio adolescente morar em João Pessoa. Muito cedo descobriu as duas paixões de sua vida: o cinema e a poesia. Ainda adolescente, lia Drummond, Bandeira e Cecília Meireles, poetas que muito influenciaram sua carreira artística.

Ao chegar a João Pessoa, participou da famosa **Geração 59,** movimento de vanguarda que reuniu nomes como Jomar Souto e Vanildo Brito, publicando seus escritos no Suplemento A UNIÃO NAS LETRAS E NAS ARTES. Trabalhou como redator no jornal A UNIÃO e foi editor do CORREIO DA PARAÍBA.

Realizou um curta-metragem, *Padre Zé estende a mão,* premiado em vários festivais internacionais.

Fez crítica literária e cinematográfica no entanto, nunca parou de escrever poemas e contos. Embora só tenha publicado um livro: *A Vida Simples* (poemas), deixou uma produção importante dispersa em revistas e suplementos literários.

Faleceu aos 40 anos num acidente de automóvel.

1 – O VALOR DA PALAVRA*

Manoel Otaviano

O texto, transcrito do livro *Thomás Cajueiro,* caracteriza o espaço onde se desenrolem os fatos, explicando a valorização da fidelidade, descrevendo um momento de descanso após o almoço do bando de cangaceiros, retratando seus hábitos e definindo o modelo de conduta do cangaço.

Depois do almoço, um torpor, uma queda de nervos, uma preguiça, provocada pela carne fresca de bode e o calor da época mais quente do ano, obrigaram a todos a mais algumas horas de repouso. Saíram ao pender do sol ao roçar da viração.

E cada qual foi cochilar no seu canto, reparando as forças despendidas com a precipitada diligência e a brutalidade da luta.

Lá fora, amarrado à sombra de um juazeiro, o cavalo do velho batia, impacientemente, com as patas no solo e relinchava, ao pressentir outros animais, ali perto.

Zé Joaquim, antes de se acomodar, pagou a um moleque para dar água e lavar o cavalo do velho que, de tão boa vontade, lho emprestara.

Thomás confiava tanto no compromisso recíproco, entre ele e a tropa, que também dormia, encostado a uma velha cangalha de malhal, em um canto da parede, de rosto coberto com um lenço sujo de chita roxo.

Palavra dada por aquela gente era um juramento selado com

(*) Título sugerido para o texto

selo divino. Traição era coisa para judas. Para covardes. Para cabra espora, que se borrava com medo de homem.

Homem que se prezasse não traía.

– O boi se pega pela ponta e o homem pela palavra, era o lema antigo de toda aquela região. O traidor era um ente digno de desprezo de todos. Apontado como um miserável em toda parte.

Por isso, todos dormiam ali, tranqüilamente, confiantes no compromisso assumido.

E mais uma: ninguém viesse ali, bolir com Thomás.

O que a tropa fez para o capturar, também faria com qualquer inimigo dele que quisesse aproveitar da ocasião para o defender.

Em vez de Thomás seriam muitos a defendê-lo.

O sol do meio-dia caía a prumo sobre o casebre que alojava a escolta ribeirinha. A sombra das biqueiras de frente e traseiras estava verdadeiramente a prumo. O calor enlanguecia toda a natureza. O vento das tardes quentes silenciara desde o dia anterior.

Também a cigarra do verão, já havia dias, emudecera. O relâmpago rasteiro no rumo do Pituí, era prenúncio de inverno.

(OTAVIANO, Manoel. *Thomás Cajueiro.* Rio de Janeiro: Americana, 1939. p. 118-119.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Leia o texto, procure o sentido dos nomes desconhecidos e comente se o autor usa um vocabulário comum ou erudito?
2 - Localize uma passagem do texto onde é usado um provérbio popular próprio da região. Explique-o.
3 - Thomás, a personagem central do texto, era protegido pelo bando e acreditava nessa proteção. Por quê?
4 - Segundo a descrição do lugar onde ele dormia, nota-se o ambiente pobre sugerido pelo mundo exterior que nos chega através dos sentidos. Cite os três elementos que sugerem este ambiente.
5 - Qual a relação que se pode estabelecer entre a paisagem e as personagens do texto?
6 - No final do texto há uma descrição, quase romântica, em torno dos elementos da natureza. Nessa descrição o que anuncia o início do inverno?

7 - Explique a contração do pronome **lho** no 4º parágrafo, dando a sua função sintática.
8 - Justifique o acento gráfico das palavras, **traía, caía** e **Pituí.**
9 - Que figura temos na frase "Traição era coisa para Judas"?
10 - Observe o penúltimo parágrafo do texto e determine as orações.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - A construção dos períodos.
2 - Concordância verbal.
3 - Pesquisa: Comparar este texto com **Palavra Forte,** de Luiz Gonzaga Rodrigues, e **Substância, a palavra,** de Jurandy Moura.

Padre Otaviano Moura (* 1880 + 1964)

Natural de Conceição, foi Vigário de Piancó por muito tempo. Intelectual respeitado, foi Deputado Estadual, afastando-se da política com a Revolução de 1930.

Com um estilo versátil e polemista, escreveu dramas, ensaios sociológicos, históricos e literários. Participou ativamente em jornais e revistas.

O crítico Virginius da Gama e Melo destaca "sua profunda radicação ao ambiente que representa, se fazendo toda a sua obra de ligação sensível com aqueles seres, mundos e coisas."

Publicou: *Emboscadas do destino* (1939); *Thomás Cajueiro* (1939); *Inácio da Catingueira* (1949); *O Chefe Político* (1951); *Os Mártires do Piancó* (1954) (reeditado este último livro com o título *A Coluna Prestes na Paraíba,* em 1979).

2 – TERRA DE HOMENS

Ademar Vidal

Terra de Homens, livro de onde foi extraído este texto, trata da influência colonial na vida do homem paraibano, do aparecimento dos cangaceiros no Nordeste, das rixas de família, das conseqüências do latifúndio, da falta de justiça e da figura do cangaceiro no meio social com seu brio e sua fama. O livro, escrito em terceira pessoa, é mais um relato do comportamento do homem do cangaço: alguns capazes de atos nobres, sinceros, justos; outros, aproveitadores da sua posição, bandidos, perseguidores de miseráveis.

O texto é um documento sociológico que revela a condição do homem frente às desigualdades do meio onde ele vive. O Cangaceiro é uma personagem-tipo do Nordeste. No final do texto há uma referência sobre o ambiente em que viveu essa personagem, suas lutas e as causas dessas lutas.

Conta-se que na Bahia, Antonio Guerreiro, na companhia de dois escravos e alguns vaqueiros, encontrava-se em seus trabalhos de campo quando foi surpreendido com o ataque de 400 homens sob o comando de um filho de Militão de França Antunes. A resistência de Guerreiro foi grande. Após dois dias de peleja, os atacantes atearam fogo ao rancho do velho inimigo, queimando-lhe a casa da fazenda e os currais. Na companhia de dois escravos negros, Jeremias e Manuel Seráfim, Antonio Guerreiro resolve romper o cerco a arma branca, embora se achasse ferido na perna e amparado pelo bacamarte. Os três investem contra os sitiantes de faca em punho e conseguem dispersá-los. É quando um do bando grita: "Estás fugindo, heim? Não disseste que não sabias correr?" Guerreiro responde: "Realmente ainda não aprendi o que vem a ser isso". E ataca abrindo o crânio do atrevido com uma cutilada. Então se vê novamente cercado e, não obstante, na companhia de

seus fiéis escravos, luta com bravura inaudita, fazendo sucumbir vários bandoleiros. Afinal Guerreiro é morto juntamente com Jeremias e Manuel Serafim, sendo interessante registrar que um capanga se aproximou do cadáver do destemido jagunço, puxando-lhe as longas barbas entre gargalhadas de mofa. O filho de Militão, por nome Cornélio França Antunes, enfureceu-se com a covardia, não consentindo na continuação do ultraje matando o "valentão" com um tiro de seu bacamarte.

No meio desse Nordeste agitado pelos crimes, o cangaceiro figurava como um representante da dignidade que fora atingida por grave ofensa, enquanto avultava o número de bandidos entregues ao saque, ao assassínio de mulheres e crianças. Natural que se fizessem confusões entre um tipo e outro. Porque na realidade não poderia estabelecer-se comparação justa: de fato ambos são criminosos fora da lei. Mas um deles, o cangaceiro, desde que fosse apreciado o motivo que o levara a ficar em "caminho transviado", certamente que teria a liberdade assegurada, pois de ordinário é resultado da falta de justiça social aplicada. As crônicas estão cheias de pontos claros de um relevo que não deixa a menor dúvida sobre a evidência dessa verdade. E não é coisa de agora. Vem dos tempos mais remotos. Ainda porque as lutas entre português, holandês e francês de um lado, de outro os índios, entrechocando-se violentamente na defesa de interesses materiais, no litoral por causa do pau brasil e do açúcar, e no sertão por motivo do ouro e da gleba abandonada, essas mesmas lutas criaram um personagem miscigenado de brasileiro, que conduz no sangue cargas poderosas de brio, coragem e amor. Essa mistura determinou a vida de um indivíduo-tipo que pode ser encontrado tanto no ambiente do curral sertanejo como entre os comedores de siris da maré do Sanhauá.

(VIDAL, Ademar. *Terra de Homens.* Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944, p. 67 - 69).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Pode-se distinguir no texto duas partes com técnicas de redação diferentes. Localize-as e dê um subtítulo a cada uma delas.
2 - O 1º parágrafo do texto apresenta a personagem como herói. Em que termos se manifesta este heroísmo?
3 - Qual a postura dos escravos?
4 - O discurso indireto predomina no texto com uma exceção. Cite o trecho narrado em discurso direto e mostre a sua importância na caracterização da personagem.
5 - Procure definir e distinguir o significado das palavras: **bandoleiro, capanga, valentão, bandido** e **cangaceiro.**
6 - Qual expressão designa os habitantes do litoral?
7 - A explicação histórica do cangaço como fenômeno social refere-se a vários "ciclos" da história do Brasil. Quais são?
8 - A valentia destaca-se como um dos principais valores do texto. Procure as citações que justificam esta afirmação.
9 - Parece-lhe que a visão do narrador é objetiva ou mostra ser favorável ou desfavorável ao cangaceiro? Justifique a sua resposta.
10 - O autor manifesta a sua adesão ao determinismo genético. Quais as frases que justificam esta afirmação?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Personagem e Tipo.
2 - Pesquisa: Cangaço e cangaceiro.
3 - Redação: A valentia como valor machista.

Ademar Vidal (* 1900 + 1986)

Ademar Victor de Menezes Vidal nasceu em João Pessoa. Estudou no colégio Pio X e no antigo Liceu Paraibano. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, trabalhou na redação de A UNIÃO e foi Procurador da República na Paraíba..Apesar de ter sido um dos preparadores da Revolução de 1930, afastou-se da vida política logo após a vitória desse movimento. Incursionou pelo Direito e Literatura, publicando os seguintes livros: *História da Revolução na Paraíba, Espírito de Reforma, Terra de Homens, Reparações de Guerra, O Estrangeiro no Brasil, Canção da Liberdade, Europa, Lendas e Superstições* e *Guia da Paraíba.*

Fez conferências e ensaios sobre os problemas sociais e políticos não só da Paraíba, mas de toda a América do Sul. Sua obra privilegia o enfoque sociológico, retratando as injustiças do capitalismo e do latifúndio. Foi escritor e memorialista, membro da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

3 – CARCARÁ

Ivan Bichara

O texto, extraído do romance *Carcará,* narra a história que o cego Alexandre ouviu de um cantador, seu amigo, de nome Zuca Preto, homem que presenciou as cenas relatadas ao cego. A narrativa se prende à visita que Lampião e outro cangaceiro, chamado Sabino Gomes, fizeram à fazenda de Olegário. O texto revela o comportamento dos cangaceiros para com o fazendeiro e sua família. Os moradores manifestam medo e respeito em relação a esses "heróis dos Sertanejos". O relato do cego é feito ao delegado, designado na história com a palavra Tenente.

Seu Alexandre foi interrompido por Dona Dorinha, mulher de Raimundo Anastácio, que serviu café com um pedaço de pamonha, desaparecendo, rápida, como tinha aparecido: uma sombra móvel, ligeira, muda. O cego enrolou o cigarro de palha, deu umas fumaçadas ("com sua licença, Tenente") e prosseguiu no relato de Zuca Preto:

– Foi um azar dos infernos, disse o Zuca, me encontrar, ali, naquela tarde. Constatara, logo, que não mais alcançaria a feira, nesta cidade, no dia seguinte. Sempre ao lado de Lampião, estava Sabino Gomes, calado, atencioso, procurando adivinhar o pensamento do Chefe. Os cabras comeram tudo o que era bicho de pena e jantaram as miunças que apareceram para o dia seguinte. Seu Olegário e a mulher multiplicavam-se em atenções, mas não escondiam sua apreensão, olhando continuamente para as filhas, Helena e Ilina, moças bonitas, educadas. As meninas estavam se comportando com naturalidade, servindo, no alpendre, ao "Capitão" e a Sabino, sentados nas redes, se balançando, pra lá e pra cá. Lam-

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Classes de palavras: preposições, conjunção, advérbio.
2 - Pesquisa: Os cegos cantadores (Cego Aderaldo...)
3 - Redação: O convidado indesejado.

Ivan Bichara Sobreira (* 1918)

Nasceu na cidade de Cajazeiras e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Integrou o Partido Libertador e dirigiu O NORTE na década de 50. Homem de temperamento moderado, político atuante, ocupou vários cargos, sendo escolhido indiretamente para Governador do Estado, cargo que ocupou de 1974 a 1978.

Professor universitário além de político, destacou-se na literatura escrevendo ensaios críticos sobre José Vieira e José Lins do Rego.

Com *Carcará,* escreve o seu primeiro romance: de cunho regionalista. A narrativa se reporta ao assalto do bando de cangaceiros chefiados por Sabino Gomes a Cajazeiras, em 1926. Não se trata, porém de um romance histórico, mas plenamente de uma ficção, exprimindo a realidade sócio-cultural nordestina, manifestada num estilo límpido e vigoroso.

É membro da Academia Paraibana de Letras.

Publicou: *O romance de José Lins do Rego* (1971; 2. ed 1978), *Função criadora da crítica literária* (1977), *José Vieira e os caminhos do romance* (1978), *Carcará* (1984).

4 – A GALERIA DO CORONEL ZÉFELIPE

Nelson Lustosa Cabral

Após a leitura do texto, você pode comprovar que, ao lado do Cangaço, desenvolveu-se um outro tipo de violência, muito comum na época do coronelismo, também considerado banditismo, cangaço camuflado, pela crueldade e pelo instinto sanguinário com que os poderosos impunham sua força em nome da valentia e da honra.

Deixando a Casa-Grande, toma o coronel Zéfelipe o caminho da "Galeria", encarecendo a atenção do dr. Nicolinko para a surpresa que lá o espera:

– O Dr. vai se entusiasmar com o meu cemitério, talvez único no gênero.

Com pouco menos de légua e meia de marcha batida, chega o grupo ao pé da Serra do Espinhaço, surgindo então a esquisita "Galeria dos Bravos" com as suas carreiras horizontais de túmulos cavados na montanha ou, melhor, de fornos de 7 palmos de profundidade por dois e meio de altura e três de largura.

Impressionam desagradavelmente os buracos vazios que aguardam a chegada de defunto de bala ou facada. Agora vão servindo apenas para refúgio de lagartixa e pouso para passarinhos em vôo.

A alegoria da paisagem verde do pé de serra contrasta com o rude aspecto das sepulturas do trabuco. Pelo seu toque de desumanidade, dos mais brutais e raros.

Chocam de fato as fúnebres aberturas no maciço do Espinhaço, porque reflete acima de tudo um estado d'alma afeito ao banditismo impiedoso. Expõem a nu a selvagem capacidade de monstro

do simpático figurão que se deixou empolgar pelo crime, fazendo praça da bravura pessoal e troça da covardia.

Domina o ambiente o espírito satânico do Coronel que julga merecimento do maior destaque para a valentia de um bandido a "Galeria" do Espinhaço, que ele esmalta de importância com a fantasia da crueldade dos seus capangas e de seu instinto sangüinário.

A volúpia desse coronel do cangaço pelo tiro de rifle fê-lo esquecer a própria vida, para ficar brincando de perverso com o destino e a existência dos seus semelhantes na mira do "44". Orgulha-se, por isso, em relembrar os nomes dos sicários metidos nos buracos do seu cemitério, exaltando-lhes a coragem, a dedicação pessoal, a lealdade.

E a capangada gosta disso. Porque adora "pau-furado" e mesmo porque nordestino só acompanha chefe forte. Não atura coronel frouxo nem sujeito lambanceiro. Quem duvida é porque desconhece a atração que exerce a arma de fogo sobre o espírito do sertanejo.

Também é assim, em geral, a mulher. Não é de tolerar homem covarde. Tem é repugnância.

Pára agora o Coronel com o dr. Nicolinko e seus cabras à frente das janelinhas do cemitério de brinquedo do cangaço. Várias delas estão trancadas. As ocas, em número de oito, ainda à espera de clientes, são as que assustam de fato.

– Este túmulo central para defunto em pé deve ser destinado a algum bamba!... – comenta com malícia e curiosidade o advogado.

– Não é para quem o Dr. está maldando, não... – responde o Coronel. – O meu está na capela da Casa-Grande. É o mesmo do meu bisavô Janjão e do meu pai.

– Tradição de família muito justa – pondera o visitante.

– Tradição de bravos! – intervém o Coronel. – Gostaria de ser enterrado também aqui. Reconheço, porém, que meu lugar é lá, na capela dos Santos.

(CABRAL, Lustoza Nelson. *Garganta de Esqueleto.* Rio de Janeiro: Toé, 1965. p. 36-37).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Qual o foco narrativo do texto? Justifique.
2 - Quais as conotações usadas para "cemitério"? Explique as expressões.
3 - Que significa a expressão "pau-furado"?
4 - Explique a expressão "coronel do cangaço'.
5 - Justifique, através da narrativa, o período abaixo que configura a personagem Zéfelipe: "Tradição de Bravos! - Intervém o coronel - gostaria de ser enterrado também aqui. Reconheço, porém, que meu lugar é lá, na Capela dos Santos".
6 - Transcreva o parágrafo que revela o medo e o espanto do advogado, diante do cenário.
7 - De acordo com o uso da linguagem, há narrações criativas e menos criativas. Como você considera este texto em relação à linguagem?
8 - O narrador comenta a ação, e a explica para o leitor. Cite um exemplo desse comentário.
9 - A partir do comentário da ação, o narrador procura definir uma filosofia sertaneja. Mostre-o e verifique como esse processo manifesta a ideologia do narrador.
10 - Classifique morfologicamente cada **a** na seguinte frase: "Expõem a nu a selvagem capacidade de Monstro..."

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Espaço e enredo.
2 - Pesquisa: Comparar o Coronel do texto com o Coronel Zé Paulino, do romance *Fogo Morto,* de José Lins do Rego.
3 - Redação: Autoritarismo e violência nos tempos dos coronéis.

Nelson Lustoza Cabral (* 1912)

Nasceu em Patos, vindo para a capital estudar no Liceu Paraibano. Formou-se em Direito na Faculdade de Recife. Iniciou suas atividades jornalísticas no jornal A UNIÃO. Foi eleito para a Academia Paraibana de Letras em 1967.

Sua obra pode ser dividida em três gêneros diferentes. O primeiro livro, intitulado *Paisagens do Nordeste,* pertence ao gênero da crônica, registrando os costumes e tradições da área litorânea do Nordeste.

Sua segunda produção é o romance *Garganta de Esqueleto*. Seu enredo alcança uma certa dramaticidade, chegando a uma dimensão universal pelo conteúdo humano que ressalta. É um romance regionalista, com características da literatura dos anos 30, apresentando algumas inovações ao nível da linguagem e levando ao extremo o estranho mundo do cangaço.

Tentou, finalmente, o teatro, escrevendo um drama, *Uma Cruz para Kennedy,* fundamentado em um diálogo comum, sem diferenças lingüísticas entre as personagens. As duas personagens dessa obra, o anjo e o homem estão perplexos diante dos rumos que toma a humanidade. O anjo, o presidente Kennedy, junta-se aos jovens cabeludos, revolucionários, como sinal do fim dos tempos.

Essa última fase da obra de Lustosa Cabral reflete uma época conturbada por mudanças profundas no comportamento do homem e buscas constantes na sociedade.

Publicou: *Paisagens do Nordeste* (1962); *Garganta de Esqueleto* (1965) e *Uma cruz para Kennedy* (1966).

5 – VIAGEM A SÃO SARUÊ

Manuel Camilo dos Santos

Viagem a São Saruê (1947), é um folheto de oito páginas, representativo do ciclo da Utopia, que conta uma viagem a uma terra imaginária. Tudo que falta no Nordeste sobra no País de São Saruê: saúde, comida, moradia, justiça, alegria. Composto de trinta e uma sextilhas e duas décimas em martelo agalopado (penúltima e antepenúltima estrofes) e finalizando com uma sextilha normal, possui um esquema de rimas xaxaxa nas sextilhas e ab-baa ccddc nos martelos agalopados.

1. "Doutor mestre pensamento"
me disse um dia: - você
Camilo, va visitar
o país "São Saruê"
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

2. Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal "São Saruê'
destinei-me a viajar,
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.

3. Iniciei a viagem
às duas da madrugada.
Tomei o carro da brisa
passei pela alvorada,
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.

4. Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linha aurora
que se banhava na fonte,
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

5. Surgiu o dia risonho
na primavera imponente,
as horas passavam lentas
o espaço encandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

6. Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins dos horizontes
senti do dia o cansaço.

7. Enquanto a tarde caía
entre mistério e segredo
a viração docilmente
afagava os arvoredos,
os últimos raios do sol
bordavam os altos penedos.

8. Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia,
deixei o mormaço e tomei
o carro da néve fria,
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

9. Ao romper da nova aurora
senti o carro pairar,
olhei e vi uma praia
sublime de encantar,
o mar revolto banhando
as dunas da beira-mar.

10. Mais adiante numa cidade
como nunca vi igual,
toda coberta de ouro
e forrada de cristal,
ali não existe pobre
é tudo rico afinal.

11. Uma barra de ouro puro
Servindo de placa, eu vi
com as letras de brilhante,
chegando mais perto eu li
dizendo: "São Saruê"
é este lugar aqui.

12. Quando eu avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte,
um povo civilizado,
bom, tratável e benfazejo,
por todos fui abraçado.

13. O povo em São Saruê,
tudo tem felicidade
passa bem, anda decente
não há contrariedade,
não precisa trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

14. Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas: barras de prata
fechaduras de "rubim"
as telhas folhas de ouro
e o piso de sitim.

15. Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelhas
atoleiros de coalhada
açudes de vinho quinado
montes de carne guisada.

16. As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são de café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

17. Feijão lá nasce no mato
já maduro e cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despopado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado.

18. Galinha põe todo dia
invez de ovos, é capão
o trigo invez de semente
bota cachadas de pão,
manteiga lá, cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

19. Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumado
saem do mar vêm pras casas
são grandes, gordos, cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

20. Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar,
não há fome e nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

21. Maniva lá não se planta
nasce e em vez de mandioca
bota cachos de bejus
e palmas de tapioca,
milho, a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

22. A cana em São Saruê
em vez de bagaço, é caldo
umas são canas de mel
outras açúcar refinado,
as folhas são cinturões
de pelica preparado.

23. Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados,
os de sapatos da moda
tem cada cacho "aloprado"
os pés de meias de seda
chega vivem escangalhados.

24. Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção,
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão,
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

25. Os pés de notas de mil
carrega que encapota
pode tirar-se à vontade,
quanto mais velho mais bota,
além dos grandes cachos
casca e folha, tudo é nota.

26. Lá os pés de casimira,
brim, borracha e tropical
de belga e brim de linho
e o famoso diagonal
já bota as roupas prontas
próprias para o pessoal.

27. Lá quando nasce um menino
não dá trabalho a criar
já é falando e já sabe:
ler, escrever e contar,
canta, corre, salta e faz
tudo quanto se mandar.

28. Lá tem o rio chamado
o banho da mocidade,
onde um velho de cem anos
tomando banho à vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

29. Lá não se vê mulher feia
e toda moça é formosa,
alva, rica e bem decente
fantasiada e cheirosa,
igual a um lindo jardim
repleto de cravo e rosa.

30. É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
passando bem e gozando
prazer, amor, simpatia,
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

31. Ao sair de lá me deram
uns pacotes de papéis
era dinheiro amaçado
notas de contos de réis
quinhentos, duzentos e cem
de cinqüenta, vinte e dez.

32. Lá existem tudo quanto é de beleza
tudo quanto é bom, belo e bonito,
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promissão
para onde Moisés e Aaron
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

33. Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, bemquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade,
prazer, tranqüilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
— um anel de brilhante e de "rubim"
no qual um letreiro diz assim:
— é feliz quem visita este país.

34. Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quiser ir para lá,
posso ensinar o caminho,
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

(SANTOS, Manuel Camilo dos. *São Saruê.* Campina Grande : A Estrela da Poesia, s.d.)

ESTUDO DO TEXTO

1 - A primeira parte do poema descreve a viagem num tom lírico. Como é transmitida a idéia de duração da viagem?
2 - Como era o cenário da cidade visitada pelo poeta?
3 - Selecione as expressões que traduzem a felicidade do povo de São Saruê.
4 - Partindo da descrição da cidade, faça uma análise da situação social do povo que lá reside.
5 - Faça uma comparação entre o País de São Saruê e o Nordeste, a partir da questão 4.
6 - Faça um levantamento do léxico tipicamente nordestino (vegetação, culinária etc.)
7 - No poema, predominam os substantivos concretos. Em que estrofe aparecem alguns substantivos abstratos e o que traduzem?
8 - Verifique do que são feitos os aspectos geográficos da cidade e diga que relação eles têm com o Nordeste.
9 - Observe a descrição das crianças e das mulheres em São Saruê. Parece-lhe corresponder aos papéis tradicionais da mulher e da criança na sociedade nordestina?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Variantes lingüísticas.
2 - Linguagem Oral.
3 - Pesquisa: Comparar este folheto com o poema "Vou m'embora pra Pasárgada", de Manuel Bandeira.
4 - Redação: Uma viagem imaginária.

Manoel Camilo dos Santos (* 1905 + 1988)

Nasceu no pé da Serra Borborema, em um sítio denominado "Bom fim", distrito de Alagoinha, então município de Guarabira, sua cidade natal, onde iniciou suas publicações, indo continuá-las em Campina Grande, lugar em que residiu, velho e doente, numa situação de extrema pobreza e onde faleceu.

Poeta popular, editor de folhetos, fundou a Folheteria Santos, hoje a "Estrela da Poesia". Dedicou-se profissionalmente à cantoria, e foi membro fundador da Academia Brasileira de Cordel, ocupando a cadeira 25, cujo patrono é Inácio da Catingueira.

Como editor, publicou folhetos de João Melquíades Ferreira da Silva, Manoel Pereira Sobrinho, José Camelo de Melo Rezende, José Oliveira e outros. Sua produção abrange todos os temas da Literatura de Cordel, não manifestando preferência marcada para nenhum gênero.

"Ele é o único poeta popular a ter publicado uma autobiografia (*Autobiografia do Poeta,* João Pessoa, 1979). Obra singular, composta em prosa e verso, não se limita a relatar a vida de Manoel Camilo dos Santos, mas também contém digressões de vários gêneros, em estilo, às vezes, pomposo e pedante. "Ensaios de erudição, trechos líricos, relatos de cantorias reais ou imaginárias, comentários sobre mulheres e outros assuntos contribuem a esclarecer a complexa personalidade de Manoel Camilo dos Santos"(1)

Entre os numerosos folhetos que publicou, citamos: *Antonio Silvino; As Aventuras de Pedro Quengo; Um Beato Pistoleiro ou o Aleijado da Cruz; Discussão de Manoel Camilo com um Protestante; O Filho do Valente Zé Garcia; A Grande Peleja de Manoel Camilo com Romano Elias; Lourival e Terezinha; O Monstro do Pageú; Os Monstros da Paraíba; Peleja de Chico Tingole com Valdivino Golpada; A Rainha das Fadas; Romance de Jorge e Zulmirinha; Sermão de Frei Damião referente ao Dia de juízo.*

---

(1) Dicionário Literário da Paraíba

6 – DENTUÇO

José Vieira

O livro *Vida e Aventura de Pedro Malasarte,* de onde foi extraído o texto, assemelha-se a *Macunaíma,* de Mário de Andrade, pela pesquisa folclórica e pela "linguagem nova, reveladora de uma ideologia de signos que assinalam a fronteira do inexplorado, libertando o artista das raízes do feito, do convencional"(1).

"Na abertura do livro, desenha-se a atmosfera do mágico e do lendário. Esboça-se o retrato de um herói-menino, que descobre o mundo, ou, melhor, dois mundos: o da fantasia, com monstros, mistérios e fugas, e o mundo verdadeiro dos homens, com a injustiça, a dor, a fome, a revolta"(2).

Os textos abaixo são a junção do 1º e 2º capítulos do livro.

– Aonde vais, menino?
– Vou armar um ichó.
– Quem te come vem atrás.

A cotia disse isto sem parar. O menino ouviu e continuou, com a armadilha debaixo do braço, num começo de temor. Adiante, encontrou a raposa, que fez a mesma pergunta. Passa o quati, o veado, o cururu; passam outros "Aonde vais, menino?' "Vou armar um ichó". "Quem te come vem trás". O menino já se dispunha a voltar para casa, topa-se com um bicho grandalhão, peludo, desengonçado no andar, longo dente amarelo, pendendo da beiça e os olhos vermelhos como brasas. Era **Dentuço - o devorador de meninos,** a fera

(1) SOBREIRA, Ivan B. *José Vieira e os Caminhos do Seu Romance.* Conferência apresentada ao V Congresso Brasileiro de Crítica e Teoria Literárias, em Campina Grande-PB. 1980. p. 35
(2) op. cit. p. 40.

anunciada. Com ele as mães faziam medo aos filhos traquinos e os próprios pequenos o invocavam para ameaçar uns aos outros. Gente viva nenhuma tinha visto Dentuço antes desse dia; porém criam todos na sua existência. Diziam que Dentuço perseguia as crianças soltas fora de casa sem ordem dos pais; que as pegava com as patas da frente, de unhas pontudas, para enfiar no pescoço da vítima, o dentão amarelo, acabando por chupar-lhe o sangue.

Lembrando-se do que sabia a respeito do monstro, o menino alarmou-se tanto que deitou a correr [...] voltou para casa e contou tudo aos pais.

Mãe e Filho

Pedro ouviu a história de Dentuço contada pela mãe, e preferia-a a qualquer outra. Às vezes, Siá Malvina ia abrindo a boca, no hábito de, entre a ceia e o deitar, entretê-lo com os contos do povo, ele reclamava: "conte Dentuço, mamãe". Pronta a atender, a mãe repetia. Concluída a narrativa, os dois recolhiam-se: ela, pelo prazer que dera; ele, com a imaginação vagando entre as cenas e as figuras. [...]

A mãe criava-o viúva, pobremente, e ouvia-lhe a bravada, mais triste do que alegre. O marido acabara nas guerras da conquista. Ela preferia ver o filho ganhando o pão com o suor do seu rosto e comendo-o tranquilo.

Pedro criou-se mamando numa cabra. Seco o peito da mãe e não havendo, no lugar, mulher com leite, recorreu-se à ama chiba. Trazida, a princípio a poder de puxões, ela se acostumara, e entrava, a horas certas, pela meia-água onde a viúva vivia, deitando-se debaixo da mesa de jantar. Pedro arrastava-se do ponto da casa em que estivesse e vinha deitar-se ao alcance da teta. Do como faziam, criança e animal, para se combinarem, ninguém jamais soube. Via-se o menino com os cotovelos fincados no chão, o troncozinho erguido, a mamar como, de pé, faz um cabrito; e a mãe é que o arrancava dali, pois, por seu gosto, ele, só dormindo afrouxaria aquele peito.

Quando as netas da cabra cresceram e deram crias; quando estas, a seu tempo, pariram, Siá Malvina pôs o filho para levar tudo ao pasto. De manhã e de tarde, quem saísse da vila para as bandas do rio poderia dar com Pedro segurando, pela esquerda, uma corda mestra, a que outras se prendiam, e tendo à direita a vergôntea de marmeleiro do açoite. Nos

emperros de alguma cabeça, o tangedorzinho surrava com vontade, por vezes, em luta aberta. Pedro servia-se da primeira saída para armar arapuca; na segunda, colhia as presas – rolas caboclas, ribaçãs, juritis, sabiás. Esperando pelo filho às avemarias, na cerca do chiqueiro, Siá Malvina não o via sem olhar para o bornal, que o cabreiro trazia a tiracolo e onde nunca faltava pássaro. Nessa vida de pastor, Pedro fez, mais, um bodoque. A arapuca dormia no mato. Saindo de manhã, ocupado com as cabras, ele empregava o tempo numa caça de vadiação. O bodoque no braço de vergôntea, as balas de barro no bornal, pássaro descoberto em pouco era alvo visado; e não tardou que também de manhã o bornal se enchesse.

Dentuço aparecia-lhe em sonho, como o pintava a mãe. Pedro fabrica um ichó.

– E, se você se encontrar com o bicho, meu filho? – diz Siá Malvina ao artesãozinho.

– Eu estou com o bodoque.

A mãe sorriu menos melancolicamente e no dia que o filho partiu com as cabras levando bodoque e ichó, ainda mais graça achou, quis-lhe ainda mais bem.

(VIEIRA, José. *Vida e Aventura de Pedro Malasarte.* João Pessoa : A União, 1980, p. 7-12).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Para melhor compreender o texto, procure o significado das seguintes palavras: beiça, Siá, bravada, ichó, chiba, meia-água, teta, vergôntea.
2 - Faça a descrição de Dentuço, segundo a imaginação popular.
3 - Que tipo de comportamento devia ter uma criança para não ser perseguida pela fera?
4 - Que fez o menino da lenda ao se deparar com o bicho tão anunciado?
5 - Há um cômico de situação no texto, que descreve como Pedro fazia para alimentar-se. Faça um resumo, em poucas linhas, dessa situação e diga porque ela foi criada.
6 - Faça um levantamento das características da personagem principal.

7 - Qual o foco narrativo do texto?

8 - Toda invenção ou criação construtiva, fundamentada na fantasia, no ilusório, ou no lendário, traduz o imaginário, o reinventado. Assim é Dentuço, personagem dos sonhos de Pedro, improvisada pela mãe. Nesse processo de improvisação, que frases marcam a narrativa pela repetição?

9 - Que sabe você sobre Pedro Malasarte? Há alguma semelhança entre o Pedro Malasarte de José Vieira e este que você conhece?

10 - Na 2ª parte do texto, encontra-se esta afirmação: "Concluída a narrativa, os dois recolhiam-se: ela, pelo prazer que dera; ele, com a imaginação vagando entre as cenas e as figuras". Defina, através de pesquisa, o que é narrativa, quais seus elementos centrais e suas características.

11 - No texto, você encontra um parágrafo onde o narrador afirma que Siá Malvina entretinha seu filho com **"os contos do povo"** e ele preferia **"Dentuço"** a qualquer outro. Cite alguns contos ou estórias que você conheça e procure definir o que é **conto do povo.**

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Mito e narrativa mítica.

2 - Pesquisa: Os contos tradicionais (Recolher de parentes, vizinhos e familiares uma série de contos tradicionais orais)

3 - Redação: Narre uma história da sua infância.

José Vieira (* 1880 + 1948)

Nasceu em Mamanguape e fez seus estudos secundários em Fortaleza, onde iniciou o curso de Direito. Começou sua carreira literária no campo da poesia, mas logo manifestou tendência para prosa, dedicando-se a ela depois que foi para Belém do Pará, onde exerceu uma função pública, atuando também na imprensa como redator de O JORNAL e A PROVÍNCIA DO PARÁ.

Um ano depois, viajou para o Rio, estreando como cronista no CORREIO DA NOITE e GAZETA DA TARDE, quando assume um cargo na Secretaria da Câmara dos Deputados. Essas crônicas, após a sua viagem à Suiça, foram reunidas num só volume publicado em 1913 com o nome *A Cadeira Velha.*

Quando estava em Portugal, enviava suas crônicas para A UNIÃO, fato que sempre o manteve ligado à sua terra. Mais tarde, estas crônicas foram organizadas com o título de *Sol de Portugal.*

Ao dedicar-se ao romance escreveu: *O Livro de Thilda* (1923), *O Bota-abaixo* (1934), *Espelhos de Casados* (1938), *Romance da Solteira* (1941); *Vida e Aventura de Pedro Malasarte* (1944), *Um Reformador na Cidade do Vício* e *Ladrão de Moças* (1948).

7 – CALDEIRÃO DOS MITOS

Bráulio Tavares

O texto dá uma visão geral do Nordeste, onde o mundo mítico aparece progressivamente em cada estrofe: cangaço, paisagem, misticismo, personagens heróicas, luta entre o homem e a terra, cultura, tudo desfila na composição do poema. É uma mistura de som, cor e imagem formando o real e o imaginário.

Eu vi o céu à meia noite
Se avermelhando num clarão
Como o incêndio anunciado
No Apocalipse de São João
Porém não era nada disso
Era um corisco, era um lampião.

Eu vi um risco nos espaços;
Era o revôo de um sanhaçu;
Eu vi o dia amanhecendo
No ronco do maracatu;
Não era a lança de São Jorge
Era o espinho do mandacaru.

Vi um profeta conduzindo
Pros arraiais as multidões
Pra construir um chão sagrado
Com espingardas e facões;
Não foi Moisés na Palestina,
Foi Conselheiro andando nos sertões.

Eu vi um som na escadaria
Dó re-mi-fá-só-lá-sí-dó;
Não era o eco das trombetas
De Josué de Jericó;
Era um fole de oito baixos
A tocá numa noite de forró.

Vi um magrelo amarelado
Passando a perna no patrão;
Não foi ninguém na Inglaterra
Nem de Paris nem do Japão;
Era o Pedro Malazarte, era João Grilo
E era Cancão.

Eu vi um som ao meio-dia
No meio do chão do Ceará;
Não era o coro dos Arcanjos,
Nem era a voz de Jeová;
Era uma cascavel, armando
O bote balançando o maracá.

Vi uma mão fazer o barro
Um homem forte, um homem nu;
Um homem branco como eu
Um homem preto como tu;
Porém não foi a mão de Deus
Foi Vitalino de Caruaru.

(TAVARES, Bráulio. in: PONTES, Juca. *A Nova Poesia Paraibana*. João Pessoa : SEC-PB, 1981, p. 178-179).

ESTUDO DO TEXTO

1 - Quais os mitos e símbolos enfocados em cada estrofe?
2 - Explique o sentido do verso: "Era um corisco, era um lampião".
3 - Uma estrofe se destaca pela referência a um vulto do misticismo religioso do Nordeste. Antônio Conselheiro, personagem de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Procurar dados históricos sobre esse episódio da história do Brasil.
4 - Anote as referências bíblicas do texto.
5 - A última estrofe alude à arte feita de barro por Vitalino de Caruaru. É uma exaltação à cultura do Nordeste. Que tipo de artesanato se realiza na sua cidade?
6 - Todas as estrofes são sextilhas como nos folhetos. Os versos pares são rimados. Os ímpares são versos brancos. Defina o que é sextilha e exemplifique a rima, aqui citada com versos do texto.
7 - O texto apresenta elementos da linguagem oral, revelando a fala nordestina. Justifique esta afirmação com citações do texto.
8 - Explique o sentido do 26º verso: "Passando a perna no patrão"
9 - Faça um levantamento das conjunções coordenadas e classifique-as.
10 - Que expressão da 4ª estrofe, repetida na 6ª, causa estranheza, do ponto de vista semântico.
11 - Todas as estrofes são construídas a partir de uma mesma estrutura gramatical. Identifique-a.

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Ouvir este poema cantado por Elba Ramalho e refletir sobre as possíveis relações entre poesia e música.
2 - Pesquisa: Pedro Malasarte, João Grilo e Cancão, nos folhetos de cordel (ex. *A Vida de Cancão de Fogo e o seu Testamento,* de Leandro Gomes de Barros; *As Proezas de João Grilo,* de João Martins de Athayde; *As Presepadas de Pedro Malasarte,* de Francisco Sales Areda)
3 - Redação: A cultura popular no Nordeste.

Bráulio Tavares (* 1950)

Nasceu em Campina Grande, de onde mudou-se para a Bahia e, posteriormente, Rio de Janeiro, dedicando-se ao cinema, ao teatro e à música.

A partir de 1967, passa a escrever uma coluna cinematográfica no DIÁRIO DA BORBOREMA. Em 1979, organiza com Jurandy Moura a **VII Jornada Brasileira de Curta-Metragem,** em João Pessoa. Integrante do **Grupo Garatuja** de Campina Grande, colaborou no CORREIO DAS ARTES, PRESENÇA LITERÁRIA e outras revistas.

Possui várias composições gravadas pelos melhores intérpretes da MPB, inclusive "Caldeirão dos Mitos", inserida no disco *Capim do Vale* da cantora paraibana Elba Ramalho. "A arquitetura de sua linguagem poética funda raízes numa mescla criativa de fontes, em que dialogam a tradição do cancioneiro popular, nos ritmos despachados, líricos e melódicos do repente e do cordel, a pulsação desencantada e irreverente da dicção contra-cultural e os arrepios formais da erudição e das vanguardas.

Se com *A Esmagadora Peleja do Galo-de-Campina com Zé Miranda de Serrinha,* o poeta se assume desafiando-se no martelo agalopado, com *Cabeça Elétrica, Coração Acústico,* revela-se cantor lírico, tarimbado em imagens surreais de boleros, rocks, marchas e emboladas".(1)

Publicou: *A Esmagadora Peleja do Galo-de-Campina com Zé Miranda de Serrinha* (1978); *A Pedra do Meio Dia, ou Artur e Isadora* (1979); *Cantorias, Regras e Estilos*(1979); *As Baladas de Trupizupe* (1980); *Balada do Andarilho Ramos* (1980); *Cabeça Elétrica, Coração Acústico* (1981); e *Sai do Meio que lá vem o Filósofo* (1980).

(1) Dicionário Literário da Paraíba.

8 – PEDRA BONITA

José Lins do Rego

O texto, extraído do romance *Pedra Bonita*, mostra o paralelo dos acontecimentos "dentro de uma atmosfera real e outra mística que se alternam"(1). Nele, o processo de construção traduz o lendário sem prejudicar a veracidade dos fatos.No plano estilístico, o livro deixa transparecer a influência da literatura oral, onde se desfilam transcrição de cantadores de feira, histórias populares, expressadas da língua falada e folhetos do cordel.

Passou um sujeito pelo Araticum e deu a notícia a Domício; tinha aparecido um santo na Pedra Bonita. Era um homem barbado, de cajado na mão, com um cavalo branco que fazia milagre. Já havia muita gente descendo para a Pedra. O velho Zé Pedro dizia ao povo que aquele era mesmo um enviado do Filho que há cem anos dera o sangue pelo povo.

Domício ficou alarmado. Quis selar o cavalo e ver o que se passava. Teve receio. Capaz de alguém o descobrir no meio dos romeiros e haver uma desgraça. Porque os Vieiras eram tidos como gente danada para eles. No outro dia, porém, passou povo pelo Araticum com destino à Pedra. Era uma família que morava a mais de doze léguas de distância. Já havia chegado por lá a notícia. O santo que aparecera na Pedra vinha com poderes maiores do que o Padre Cícero do Juazeiro. Vinha com força de desenterrar defunto e fazê-lo e fazê-lo viver outra vez. O Cavalo dele deitava remédio

(1)Ronai, Paulo. Prefácio de *Pedra Bonita*. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. XXIII.

para todas as doenças. Era só se pegar no excremento do bicho, passá-lo nas feridas e bebê-lo como chá. E tudo se acabava. O Povo de onde estava vindo se preparava para descer.

E nos outros dias continuava passando gente. Por debaixo das oiticicas paravam para deixar o sol esfriar. Era gente que trazia cegos, aleijados, feridentos para os milagres da Pedra. Domício foi ficando com vontade de ir com eles para ver. Misturou-se assim com os romeiros e botou-se para a Pedra Bonita.

De longe foi vendo o povão no baixio. A Pedra luzia ao sol como um espelho. Em derredor dela se juntava gente de toda espécie. Ouvia-se o barulho de longe, um falatório de uma feira gigante. Haviam armado latadas, como nas santas missões. Domício foi se chegando alarmado com o que via. O que estava ali reunido era um povo que devia ter vindo de muito longe. Uma gente desconhecida, esfarrapada. Falou logo com um grupo que se aboletara por debaixo de um umbuzeiro. Eram de Piancó. Lá tinha chegado a notícia: o santo dava riqueza, saúde: os Dantas de Teixeira, os Leites do Piancó, os Carneiros de Pombal. Tudo ficaria igual a eles, o milagre se daria sem ninguém perceber. Era só questão de esperar. Havia uma paralítica deitada no chão. Só podia bulir com os olhos. As pernas finas, os braços como gravetos. O pano que cobria a pobre mal dava para tapar as partes.

À tardinha o santo viria falar ao povo. Domício esperou. Estava com medo. Podia ser mentira, mas podia ser verdade. Quantas vezes não ficara pensando no sangue que corria em suas veias. E quando foi de tarde o povo foi correndo para o pé da Pedra. Então Domício viu o homem subindo para um lajedo que ficava perto da Pedra Grande. Era um homem baixo, entroncado, de barbas compridas e pretas, estava vestido de azulão, como se fosse uma batina de padre, até aos pés. Subiu ele para o lajedo e ficou quieto olhando para um lugar distante. Parecia que não havia um povão aos seus pés. Depois levantou as duas mãos para o céu e falou. Era uma reza que nunca Domício ouvira igual. O homem chamava os espíritos e falava ao mesmo tempo de coisas da terra. Ele daria riqueza ao povo. Ele daria uma vida que era melhor do que a vida dos mais ricos da terra. Tinha vindo para a Pedra a mandado de Deus. Estava em sua casa bem descansado, quando ouviu a voz de um anjo lhe dizendo: "Sebastião, anda, anda e vai para a Pedra

Bonita. Lá estarei contigo e com todos os santos". Aqui estava para conduzir o povo para Deus, para o céu.

O povo embaixo urrava. Mulheres choravam, doentes gemiam. Aí o homem se ajoelhou e foi dizendo o padre-nosso com a voz fanhosa, uma voz do outro mundo. Domício se arrepiou. Aquilo estava entrando direitinho no seu corpo. Queimava-o. Viu assombrado o homem se erguer e marchar por entre os devotos que se prostraram com a sua passagem e andar até a latada onde estava o cavalo branco. Lá parou. Falou baixo com o animal. Disse ao ouvido da besta qualquer coisa que ninguém ouviu. Alisou-lhe a cabeça, passou-lhe a mão pelo rabo, deu um bocado de capim verde para ele comer.. .E depois foi voltando para o lugar de onde viera. Andando como se não visse ninguém, o olhar absorto, o andar seguro, firme, e as barbas grandes até a cintura e os cabelos caindo nos ombros. E assim foi andando para a Pedra Pequena e fez um sinal para o povo, um sinal de silêncio. E se fez um silêncio imenso no meio do povo. O santo ia fazer o milagre daquela tarde. Domício tinha a impressão que nem o vento soprava nos catolezeiros nem os pássaros e nem os bichos se mexiam no mato.

(REGO, José Lins do. *Pedra Bonita.* 10 ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980. e p. 176-177)

ESTUDO DO TEXTO

1 - Domício recebeu a notícia do aparecimento do santo da Pedra Bonita através de um viajante. Como o viajante descreveu o santo?
2 - Qual foi a reação de Domício diante da notícia? Retire do texto todas as passagens que mostram o seu estado de espírito.
3 - As pessoas vinham de muito longe para ver o santo. Como eram essas pessoas?
4 - O santo já havia sido descrito inicialmente pelo viajante. Como aparece ele aos olhos de Domício?
5 - O texto tem uma atmosfera de misticismo e fanatismo. Retire expressões que justifiquem essa afirmação.
6 - O santo utilizava uma encenação para impressionar o povo.Em que parágrafo está essa encenação e como ela começa e termina?

7 - O texto está narrado numa linguagem clara. O narrador muitas vezes chega a utilizar a linguagem popular. Comprove essa afirmação com citações do texto.
8 - Sendo o texto a narração de uma cena de fanatismo, o vocabulário é todo voltado para coisas espirituais e coisas terrenas. Retire o campo semântico do sagrado e do profano.
9 - Preocupado com a realidade, o narrador pouco se utilizou de figuras de linguagem porém uma expressão é muito significativa: "O povo embaixo **urrava**". Que nome tem essa figura e em que consiste?
10 - No estilo do autor se sobressai o **assíndeto,** isto é, orações sem a conjunção coordenativa, separadas por vírgula. Retire alguns exemplos do texto.
11 - Qual é o foco narrativo do texto?
12 - Quais são os personagens do texto? Como você classifica Domício?

SUGESTÕES PARA ESTUDO

1 - Linguagem Popular.
2 - Pesquisa: O misticismo.
3 - Redação: A procura do "santo remédio"(mezinhas e crendices).

José Lins do Rego Cavalcanti (* 1901 + 1957)

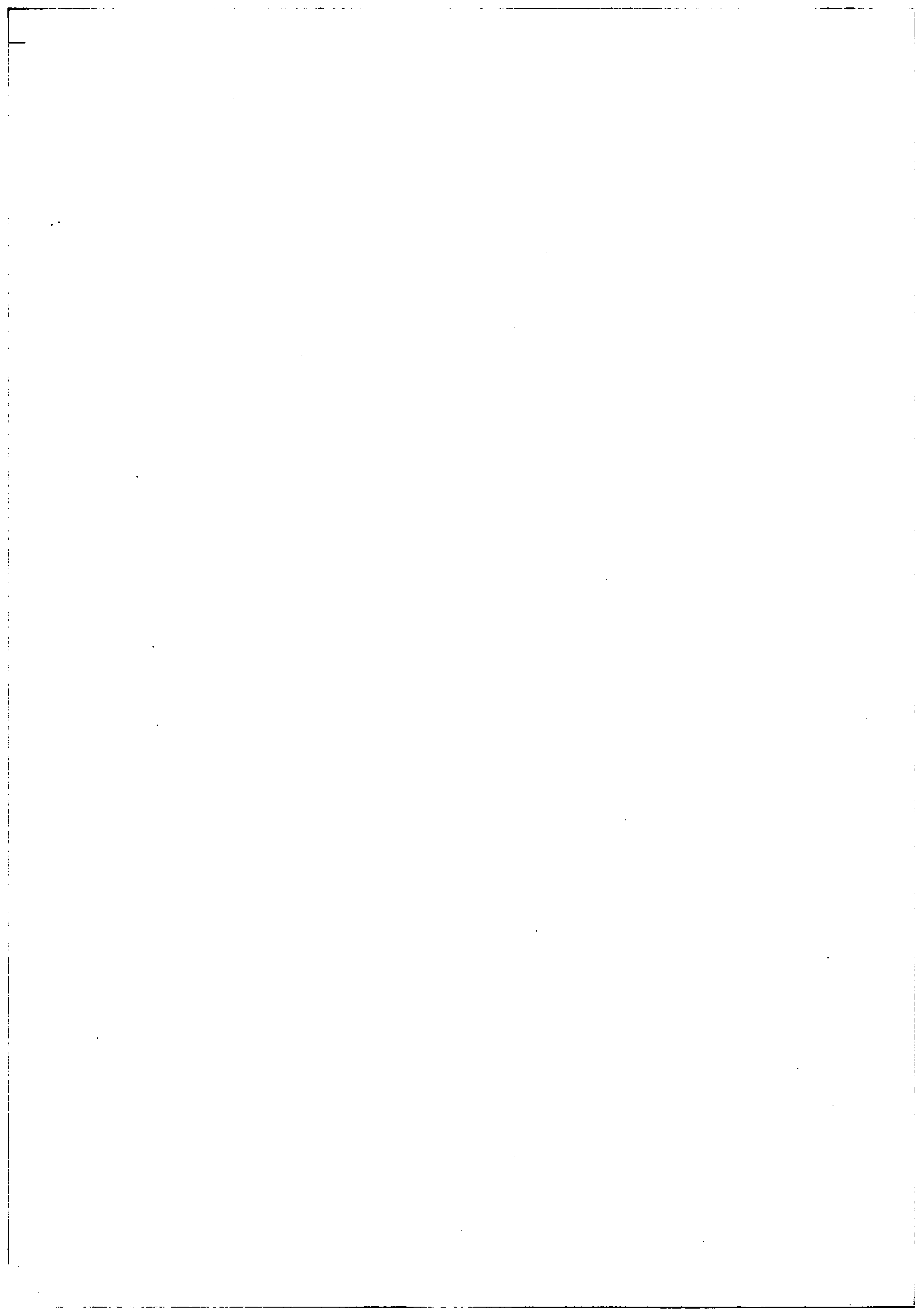
Nasceu na cidade de Pilar e passou a infância entre engenhos, trazendo para seus romances esse ambiente, próprio do Nordeste da sua época; com o cultivo da cana-de-açúcar, os capangas, os coronéis, os fanáticos e os moleques, fihos dos empregados.

Formou-se em Direito pela Universidade de Recife e foi promotor em Minas Gerais. Em sua época de estudante, travou amizade com José Américo de Almeida, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre, pessoas que muito influenciaram sua vida de romancista integrado ao grupo modernista-regionalista dos anos 30. Faleceu no Rio de Janeiro.

Sua obra é um registro da vida massacrada, dos flagelos físicos (seca) e sociais (monocultura canavieira - latifundiária) que degradam e exploram o homem no trabalho.

A decadência da estrutura tradicional primitiva dos engenhos para dar lugar à máquina industrial das usinas, o cangaço, o misticismo e a seca são seus temas preferidos.

Publicou: 1. Romances do ciclo da cana-de-açúcar: *Menino de Engenho* (1932); *Doidinho* (1933); *Bangüê* (1935); *Usina* (1936); *Fogo Morto* (1943); 2. Ciclo do cangaço, misticismo e seca: *Pedra Bonita* (1938); *Cangaceiros* (1963); 3. Romances com ligações entre os dois ciclos: *O Moleque Ricardo* (1934); *Pureza* (1937); *Riacho Doce* (1939). Ou desligados dos ciclos: *Água-Mãe* (1941), *Eurídice* (1947). 4. Memórias: *Meus verdes anos* (1956); 5. Literatura Infantil: *Histórias da Velha Totonha* (1936); além de conferências e artigos esparsos.



Bibliografia comentada

Para incentivar os alunos a prosseguir na sua descoberta da literatura feita na Paraíba, recomendamos a leitura dessas obras que trazem informações complementares ou esfoques diferentes.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. *A Convivência Crítica: ensaios sobre a produção literária paraibana.* Campina Grande: Grafset, 1985.

Como o título deixa entrever, não se trata de obra histórica, mas de um conjunto de ensaios críticos sobre autores e obras paraibanas. Seu traço característico consiste na aplicação de um método moderno de apreciação literária, calcado na Teoria da Literatura e na Análise Crítica, em que se privilegiam os níveis textuais.(*)

CÂNDIDO, Gemy - *História Crítica da Literatura Paraibana.* João Pessoa: SEC/DGC, 1983.

Obra importante sobremaneira pelo acervo de nomes e obras arroladas, como também pelo seu caráter documental, uma vez que se pretende a primeira História da Literatura Paraibana. Escrita a partir de uma metodologia culturalista, nela são estudadas não somente as obras restritamente literárias, mas filosóficas, sociológicas e históricas.(*)

LELIS, João. *Maiores e Menores.* João Pessoa: Editora Teone Ltda, 1953.

Trata-se da primeira tentativa historiográfica a respeito das manifestações literárias da Paraíba, enfocando a poesia, a ficção, a crítica e o jornalismo. Obra que vale sobretudo pelo seu pioneirismo.(*)

(*) Os comentários de apresentação dessas três primeiras obras são da autoria de Hildeberto Barbosa Filho, incluídos na 1ª edição, no final da sua introdução "Paraíba e Literatura".

PINTO, Luiz. *Antologia da Paraíba.* Rio de Janeiro: Minerva, 1951.
Obra pioneira na apresentação de trechos escolhidos da poesia e ficção de autores paraibanos, incluindo também obras filosóficas ou históricas. Para alguns autores, constitui-se em fonte valiosa e às vezes única de informação.

PINTO, Sérgio de Castro (coord.). *Coletânea de Autores Paraibanos.* João Pessoa: Secretaria de Cultura, s.d. 1987 .
De Adalberto Barreto a Wellington Aguiar, setenta e três autores paraibanos são apresentados, por ordem alfabética, com um texto acompanhado de algumas sugestões de atividade. Esta publicação apresenta-se como parte do Projeto O Autor na Escola.

SANTOS, Idelette Fonseca dos (org.). *Literatura na Paraíba, ontem e hoje.* João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1989.
Numa introdução crítica à literatura feita na Paraíba, inclui estudos sobre autores pouco conhecidos ou esquecidos (Monteiro da Franca, Carlos Dias Fernandes), nomes consagrados nacionalmente (Augusto dos Anjos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Ariano Suassuna, Paulo Pontes) e mesas-redondas sobre a produção literária atual.

Fontes Primárias

AGUIAR, Wellington. *O Passageiro do Dia.* João Pessoa: A União, 1977.
AGRA, Figueiredo. *Tempos da Noite.* Rio de Janeiro: São José, 1975. p. 23-24.
AGRA, Marcos Wagner. "Eu queria fazer tua Poesia". in: - PRESENÇA LITERÁRIA. João Pessoa: SEC, 1984, nº 3. p. 20.
ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira.* Edição Crítica. Rio de Janeiro: 1989 p. 43 - 44.
ANJOS, Marcus. *Alguns Gestos.* João Pessoa: Sanhauá 1963. s. p.
ANJOS, Augusto dos. *Eu.* 30 ed. Rio de Janeiro: São José, 1965. p. 84.
ARAÚJO, Eulajose Dias de. *Maresia dos Poemas.* João Pessoa: SEC-PB. 1976. p. 138.
ARAÚJO, Félix. *Obra Poética.* João Pessoa, Universitária: SEC-PB. 1977. p. 136-137.
ASFORA, Permínio. *Sapé.* Curitiba, Guaíra: 1940. p. 259-261.

BARROS, Leandro Gomes de. *Antologia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa - UFPb, 1977. p. 222-225.
BARROS, Eudes. *Eles Sonharam com a Liberdade*. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1962. p. 241-244.
BARROS, Valdélia. *Janelas de Frente, romance kitsch*. João Pessoa: SEC, 1983, p. 137-139.
BARRETO, Adalberto. *Contos*. João Pessoa: A União, 1956. p. 93-94.
BARRETO, Guimarães. *Jóias Falsas*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1964. p. 30.
BEZERRA FILHO, José. *Fogo*. João Pessoa: 1970. p. 35-37.
BICHARA, Ivan. *Carcará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. p. 118-119.
BRITO, Vanildo. *A Construção dos Mitos*. João Pessoa: Autor, 1982. p. 54-55.
CABRAL, Nelson Lustoza. *Garganta de Esqueleto*. Rio de Janeiro: Toé, 1965. p. 36-37.
CARVALHO, Geraldo. *A Cravina Asfaltada*. João Pessoa: Caravela, 1965. p. 43-44.
CARVALHO, José Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*. Rio de Janeiro: INL, 1976. p. 410-411.
CÉSAR, Eliseu. "As Esperanças". in: PINTO, Luís. - *Antologia da Paraíba*. Rio de Janeiro, Minerva, 1951. p. 43.
COUTINHO, Edilberto. - *Sangue na Praça*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979. p. 27-31.
CRISPIM, Luiz Augusto da Franca. *O Arco e a Fonte* João Pessoa: A União s.d. p. 15
DOLIVEIRA, Perylló. *Obra Poética*. João Pessoa: A União, 1983, p. 134.
FALCÃO, Américo. *Soluços de Realejo*. João Pessoa: UFPb, 1934. p. XIX-XXI.
FERNANDES, Carlos Dias. *Palma de Acanthos*. Paraíba: Imprensa Oficial, 1917. p. 13.
FERNANDES, Flávio Sátiro. *Festa de Setembro*. João Pessoa: Igramol, 1974. p. 40-43.
GOMES, Osias. *Estertor*. João Pessoa: Universitária, 1972, p. 87-89.
LEITE, Ascendino. *Um Ano no Outono*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1983. p. 209-210-304.
LIMEIRA, Maria José. *Às Portas da Cidade Ameaçada*. João Pessoa: A União, 1980. p. 159-161.
LIMEIRA, Cláudio. *Desafio*. João Pessoa: 1980. p. 71.
LINS, Lúcio. *Lado que Cavo que Covas*. 2 ed. João Pessoa: Universitária, 1983 p. 13.
LUNA, Mauro. *Horas de Enlevo*. Campina Grande: Comissão Cultural do Centenário. Prefeitura Municipal, 1964. p. 15.
MACHADO, Raul. *Água de Castália*. Rio de Janeiro: S.E., 1919. p. 78.

MENDONÇA, Saulo. *Espaço amplo*. João Pessoa: A União, 1979. p. 42-43.
MENDES, Águia. *Jardim da Infância*. João Pessoa: Universitária, 1979. p. 59.
MOURA, Jurandy. "Poesias Correio das Artes". in: *A Nova Poesia Paraibana*. João Pessoa: A União, 1979. p. 48.
OLAVO, Silvino. "O Meu Palhaço". in: PINTO Luís. *Antologia da Paraíba*. Rio de Janeiro: Minerva, 1951. p.81.
OTAVIANO, Manuel. *Thomás Cajueiro*. Rio de Janeiro: Americana, 1939. p. 118-119.
PAES, Osório. *Primícias*. Paraíba: Tipografia Paraibana, 1912. p. 79-80.
PEREIRA DA SILVA, A.J. *Senhora da Melancolia*. Paris: Lahure, 1928. p. 137-138.
PINTO, Luiz. *Antologia da Paraíba*. Rio de Janeiro: Minerva, 1951. p. 51.
PINTO, Sérgio de Castro. *Domicílio em Trânsito*. João Pessoa: A União, 1983. p. 21-23.
PONTES, Juca. in: REVISTA GARATUJA. Campina Grande, Ano III. Nº. 05. a.p.
REGO, José Lins. *Pedra Bonita*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 176-177.
RODRIGUES, Luiz Gonzaga. *Notas de meu Lugar*. João Pessoa: Acauã, 1978. p. 171.
SANTOS, Manuel Camilo dos. *São Saruê*. Campina Grande: A Estrela da Poesia. s.d.
SÁTYRO, Ernani. *O Quadro Negro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 142-143.
SOUTO, Jomar. *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa:* Universitária, 1977. p. 54-55.
SUASSUNA, Ariano. *Romance da Pedra do Reino*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 61.
TAVARES, Marcos. PONTES, Juca. in: *A Nova Poesia Paraibana*. João Pessoa: A União, 1981. p. 233-234.
TAVARES, Bráulio. in: PONTES, Juca. *A Nova Poesia Paraibana*. João Pessoa: SEC-PB, 1981. p. 178-179.
VIDAL, Ademar. *Terra de Homens*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944. p. 67-69.
VIEIRA, José. *Vida e Aventura de Pedro Malasarte*. João Pessoa: A União, 1980. p. 7-12.
WANDERLEY, Alírio. *Ranger de Dentes*. Rio de Janeiro: Leitura, 1945. p. 198-199.

Bibliografia geral

ALMEIDA, Átila & ALVES Sobrinho, José. *Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada.* João Pessoa: Editora Universitária - UFPB/Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia, 1978, 2v.

ALMEIDA, Horácio de, et alii. *Contribuição para uma bibliografia paraibana, I.* Nova edição refundida. Campina Grande-João Pessoa, 1989.

BARBOSA Filho, Hildeberto. *Ascendino Leite: a paixão de ver e de sentir.* João Pessoa: SEC-PB, 1985.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel.* Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BECHARA, Ivanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* 29 ed. São Paulo: Nacional, 1985.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral.* São Paulo: Nacional, 1976.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1980.

BRITO, Vanildo (org.). *Antologia poética.* João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1959.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Estilística.* Porto Alegre: Globo, 1973.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Manual de Expressão Oral e Escrita.* 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo.* 7ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

——. *Literatura Oral no Brasil.* 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

Coletânea de Autores Campinenses. Campina Grande: Comissão Cultural, 1964.

CUNHA, Celso F. *Gramática da língua portuguesa.* 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

Enciclopédia de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: OLAC-FAE, 1990, 2 v.

GAMA E MELO, Virginius da. *Estudos Críticos.* João Pessoa: Editora Universitária, 1980.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna.* 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

GUIRAUD, Pierre. *A Estilística.* São Paulo: Mestre Jou, 1978.

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto.* São Paulo: Scipione, 1991.

MACAMBIRA, José R. *Estrutura Mórfica do Português.* 4 ed. revista. São Paulo: Pioneira, 1982.

MARINHEIRO, Elizabeth. *Dicionário biobibliográfico do autor da microrregião do Agreste da Borborema.* Campina Grande: Fundação Universidade Regional do Nordeste, 1982.

MATTOS, Geraldo. *Técnicas de Redação em Língua Portuguesa.* São Paulo: FTD, 1983.

MOISÉS, Massaud. *Guia Prático de Redação.* São Paulo: Cultrix, 1961.

. . *História da Literatura Brasileira.* São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1985-1989, 4 v.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. *Como Ler Poesia.* São Paulo: Scipione, 1988.

PASCHOALIN, Maria Aparecida & SPADOTO, Neusa Terezinha. *Literatura, Gramátia & Redação.* São Paulo: FTD, 1986.

PINTO, Sérgio de Castro et alii. *Antologia Poética - Grupo Sanhauá.* João Pessoa: Editora Universitária, 1979.

PONDÉ, Glória - RICHE, Rosa - SOBRAL, Vera. *Brasil em cantos e versos.* São Paulo: Melhoramentos, 1992.

REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual.* 3 ed. Coimbra: Almedina, 1981.

ROCHA, Everaldo P.G. *O que é mito.* São Paulo: Brasiliense, s.d.

ROCHA LIMA, Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

SANT'ANNA, Martins Nilce. *Introdução à Estilística na Língua Portuguesa.* São Paulo: EDUSP, 1989.

SAVIOLI, Francisco Platão & FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: Leitura e Redação.* São Paulo: Ática, 1990.

SOBREIRA, Ivan Bichara. *José Vieira e os caminhos do seu romance.* Conferência apresentada no V° Congresso de Crítica e Teoria Literária, Campina Grande, 1980 (separata)

SOUSA, Maria Cecília P. de & KOHL, Ingedore Vilaça. *Lingüística aplicada ao Português: Sintaxe*. São Paulo: Cortez, 1989.
——. *Lingüística aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 1989.
TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memórias de Lutas: Literatura de Folhetos no Nordeste, 1893 - 1930*. São Paulo: Global, 1983.
ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.